



**VNiVERSiDAD
D SALAMANCA**

**FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES
TRABAJO DE FIN DE MÁSTER EN ANTROPOLOGÍA DE
IBEROAMÉRICA**

*Ícones de Cultura e poder: um estudo antropológico sobre o acervo
imagético do Memorial da Medicina Brasileira*

ALUMNO: UENDEL DIAS SANTOS

**TUTORES ACADÉMICOS: ELÍZABETH MANJARRÉS RAMOS
Y JOSÉ ELOY GOMEZ PELLÒN**

**CURSO 2019 / 2020
Julio, 2020**

Índice

Índice	I
Agradecimentos	IV
Resumo.....	V
Abstract.....	VI
Lista de abreviaturas.....	VII
Introdução.....	1
Apresentação e contextualização geral do tema de estudo.....	1
Conexão biográfica e interesse objetivo do tema.....	2
Metodologia, objetivos, estrutura e lógica interna do trabalho.....	2
Objetivos gerais, objetivos específicos e hipótese da pesquisa.....	2
Âmbito e contexto da pesquisa.....	3
Técnicas de pesquisa.....	3
População e amostra.....	4
Estrutura.....	4
Marco teórico e metodológico.....	6
Antecedentes e estado da questão.....	6
Os símbolos e o simbólico.....	6
O simbólico e o poder.....	10
Visual, visível e visibilidade.....	15
Memória e poder.....	18
A descrição densa.....	22
Elementos básicos da história da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB): notas memoriais e pesquisa historiográfica.....	24
Faculdade de Medicina da Bahia: elementos de história.....	24
Breves linhas de história institucional da FMB.....	25
A FMB em meio ao bacharelismo do Império e ao positivismo da Primeira República.....	36
Selecionar, enquadrar e produzir tradições: a cultura visual e o labor da memória na FMB.....	50
A memória da FMB e o trabalho de seu enquadramento.....	50
As entrevistas: apresentação e metodologia.....	51
Memórias, afetos e realizações: trajetórias pessoais na FMB.....	53
A entrada na FMB.....	54
Memórias em torno da FMB.....	55
Contribuições individuais à FMB.....	58
FMB: considerações sobre sua importância e relevância.....	61

Importância para a medicina brasileira.....	62
A importância da FMB para a sociedade baiana.....	67
Relevância para a política.....	69
Relações institucionais.....	72
Conquistas científicas.....	75
O prédio da FMB e seu entorno.....	77
A galeria de retratos de diretores, catedráticos e demais facultativos no prédio da FMB.....	83
Quem são as pessoas retratadas.....	86
O que precisa fazer para ter retrato.....	88
Conheceu algum dos retratados.....	89
Se os retratados mereceram estar lá.....	91
Nomeação dos quadros.....	92
Critérios de entrada de novos quadros.....	94
Tempo de existência do acervo.....	95
Frequência de entrada de novas obras.....	96
Ritualística dos retratos.....	97
Existência de rituais ou cerimônias.....	97
Por que retratados usam certo tipo de roupa.....	98
A disposição dos retratos no espaço da FMB.....	100
Por que os retratos estão onde estão.....	101
Por que esta sala/aposento foi escolhido para a colocação dos retratos.....	102
A ordem de arrumação.....	104
Por que os retratos estão na altura em que estão (meio da parede, alto da parede etc.).....	105
Se o número de retratos na galeria é fixo.....	106
Identificações e rejeições.....	108
Se tem algum retrato favorito na galeria, e, caso tenha, por quê.....	108
Se tem algum retrato que te cause má impressão.....	110
Se algum retrato já foi definitivamente retirado da galeria.....	111
Se algum retrato já sofreu algum tipo de "vandalismo" ou "agressão".....	112
Reflexões finais sobre as memórias e a cultura visual na FMB: ícones de cultura e poder.....	114
Problemas encontrados durante a pesquisa.....	114
Resultados da pesquisa.....	114
Valores comuns da comunidade médica.....	114
A galeria de quadros e os valores básicos.....	116
Cultura visual, cultura de poder.....	117
Possibilidades abertas por esta pesquisa.....	118

Referencias bibliográficas.....	120
Anexo: Catálogo de imagens	131
Figura 1: Planta de situação do antigo Colégio dos Jesuítas, onde foi instalada a FMB.....	132
Figura 2: Reconstituição da rua do Colégio pelo arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças.....	133
Figura 3: O Terreiro de Jesus numa reconstituição do arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças.....	134
Figura 4: O Terreiro de Jesus, em fotografia de Victor Frond, de 1858.....	135
Figura 5: O Terreiro de Jesus em 1859 em fotografia de Benjamin Mullock	136
Figura 6: O Terreiro de Jesus em 1862 numa fotografia de Camilo Vedani.....	137
Figura 7: O Terreiro de Jesus em 1902, numa fotografia de Rodolfo Lindemann A FMB aparece à direita na configuração de sua reforma de 1895, e antes da reforma de 1903.....	138
Figura 8: O Terreiro de Jesus retratado num postal de 1908, onde o prédio da FMB aparece pouco antes do término de sua restauração.....	139
Figura 9: Jardim da FMB já com o auditório Alfredo de Brito, em postal do início do século XX.....	140
Figura 10: Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia em 1956.....	141
Figura 11: Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia em sua configuração atual, em foto de 2013	142
Figura 12: Salão Nobre, escadaria de acesso	143
Figura 13: Salão Nobre, <i>hall de acesso</i>	143
Figura 14: Sala da Congregação, vista parcial.....	144
Figura 15: Sala da Congregação, vista parcial.....	144
Figura 16: Retrato do professor Alfredo Tomé de Brito, de autoria de Francisco Terêncio Vieira Campos.....	145
Figura 17: Retrato do professor Aristides Novis, de autoria de Emídio de Magalhães.....	146
Figura 18: Retrato do professor Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, de autoria de Presciliano Silva.....	147
Figura 19: Retrato do professor Almir de Sá Cardoso Valença, de autoria de Alberto Valença.....	148
Figura 20: Retrato do professor Manoel José Estrella, de autoria atribuída a Antônio Joaquim Fonte Velasco.....	149

Agradecimentos

À Vanessa, que me mostrou lindamente o valor da ciência nas coisas mais banais da vida e me deu o suporte em todos momentos que pedi e que não foram poucos.

À Manu que me mostrou a Salamanca fora do circuito turístico e me ensinou muito da sua história.

À Juba pelas incontáveis descobertas sobre músicas e da cultura pop em geral que foram o desafogo que precisava para fugir da ansiedade da academia.

À Sofitcha que me fez exercitar a ludicidade dos jogos e brincadeiras.

À Leu que manteve meu sentido de família forte e que foi determinante para que acreditasse que seria capa de chegar até aqui, mesmo quando eu não acreditava em mim.

Resumo

Este TFM tematiza a cultura visual da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), especialmente por meio do Memorial da Medicina Brasileira (MMB) a ela vinculado, e tenta compreender tanto o trabalho de enquadramento de memórias por parte dos profissionais ligados à FMB e ao MMB quanto a invenção de tradições daí resultante. Tem especial destaque a galeria de retratos de catedráticos falecidos e diretores que adorna as paredes da FMB, entendida aqui como parte de uma estratégia mais ampla de construção de um regime de visibilidade adequado à formação de médicos e à reprodução de seu lugar privilegiado na sociedade. Ícones de cultura e poder, os retratos mobilizam afetos, resgatam memórias e produzem efeitos sobre a comunidade que frequenta o espaço da FMB e do MMB no Terreiro de Jesus, sendo parte de uma estratégia mais ampla de enquadramento da memória produzido pelas instituições responsáveis, no Brasil, pela construção da imagem profissional da categoria médica.

Palavras-chave: Faculdade de Medicina da Bahia, Memorial da Medicina da Bahia, cultura visual, regimes de visibilidade, enquadramento de memória.

Abstract

This TFM focuses on the visual culture of the Faculty of Medicine of Bahia (FMB), especially through the Memorial da Medicina Brasileira (MMB) linked to it and tries to understand both the work of framing memories by professionals linked to FMB and the MMB as to the resulting invention of traditions. Of particular note is the gallery of portraits of deceased professors and directors that adorns the walls of the FMB, understood here as part of a broader strategy to build a visibility regime suitable for the training of doctors and the reproduction of their privileged place in society. Icons of culture and power, the portraits mobilize affections, rescue memories and produce effects on the community that frequents the FMB and MMB space in Terreiro de Jesus, being part of a broader strategy of framing the memory produced by the responsible institutions, in Brazil, for the construction of the professional image of the medical category.

Keywords: Bahia Medical School, Bahia Medical Memorial, visual culture, visibility regimes, memory framing.

Lista de abreviaturas

AHAPA – Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque

BGM – Bibliotheca Gonçalo Moniz

FMB – Faculdade de Medicina da Bahia

MMB – Memorial da Medicina Brasileira

UFBA – Universidade Federal da Bahia

Introdução

Esta dissertação apresenta a sistematização dos resultados da pesquisa realizada junto ao Memorial da Medicina Brasileira (MMB), que custodia um rico acervo iconográfico, documental e bibliográfico produzido pela Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), desde 1946 vinculada à Universidade Federal da Bahia (UFBA). O riquíssimo acervo custodiado é ainda pouco explorado por pesquisadores, e é central para a constituição da memória da categoria dos médicos no Brasil. Além disso, a participação da FMB – institucionalmente ou por meio de seus professores e estudantes – em eventos-chave para a história do Brasil e da Bahia faz do acervo uma fonte riquíssima e quase inexplorada de material inédito para pesquisadores nestes temas. Por fim, como um dos berços da Antropologia no Brasil é a Antropologia Criminal iniciada na FMB por Raimundo Nina Rodrigues, a documentação que agora o MMB organiza, gerencia e custodia é fundamental para entender detalhadamente o surgimento e constituição desta disciplina no Brasil.

Apresentação e contextualização geral do tema de estudo

A Memória da Medicina na Bahia iniciou-se nas instalações do Hospital Real Militar da Bahia, construído sobre a estrutura arquitetônica do Colégio dos Jesuítas, após a expulsão dos religiosos em 1759. Em 18 de fevereiro 1808, D. João VI, príncipe regente de Portugal, criou na Bahia a primeira Escola de Cirurgia do Brasil. Em 1832 a instituição foi elevada à categoria de Faculdade de Medicina da Bahia, sendo por quase um século uma das únicas instituições de ensino universitário no país. Em 1946 a Faculdade de Medicina uniu-se ao projeto de Edgard Santos para criação da Universidade da Bahia, de que foi o primeiro reitor; esta universidade, surgida como resultado da fusão de várias faculdades preexistentes e da criação de outras, foi o embrião da atual Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 1982 foi criado o Memorial de Medicina que, em 1995, foi convertido em Memorial da Medicina Brasileira (MMB) através da Lei Federal nº 9.050/95.

Em 2008 o MMB foi fechado à visitação sendo reinaugurado em 2019. Atualmente, o MMB é composto pelo *Archivo Histórico Anselmo Pires de Albuquerque* (AHAPA), pela *Bibliotheca Gonçalo Moniz* (BGM) e pelo *Memorial de Medicina* (MM), reunindo em seu complexo cultural valioso acervo arquivístico, bibliográfico e museológico de grande valor histórico e cultural para a Bahia e para o Brasil.

Diante desse momento de reabertura do acervo à sociedade, torna-se de grande relevância um estudo antropológico sobre como se deu sua formação até os dias atuais. Torna-se importante, também, relacionar o MMB com a história da FMB, cuja documentação e acervo histórico o constituem.

Conexão biográfica e interesse objetivo do tema

O autor desta dissertação trabalha no Memorial da Medicina Brasileira, por isso observa em primeira mão diversos aspectos a ele relacionados. Trata-se de acervo memorial ligado à mais antiga faculdade de Medicina do Brasil, que por força de descontinuidades institucionais encontra-se agora em estado de recuperação e progressiva reabertura ao público.

Metodologia, objetivos, estrutura e lógica interna do trabalho

Objetivos gerais, objetivos específicos e hipótese da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar, sistematizar e descrever as relações de poder e cultura que permeiam a formação do acervo imagético do Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia, em especial a coleção de retratos de diretores e de catedráticos falecidos da FMB, tomada como ponto focal da pesquisa pelo seu volume e relevância dentro do acervo de obras de arte.

A hipótese por trás desta investigação sustenta que, além da hierarquia, há também relações não explícitas de cooperação e conflito tanto internas da comunidade médica como com atores externos da política e da sociedade. Supõe-se ainda que a representatividade (ou ausência desta) conflui-se com os valores da comunidade médica ao longo do tempo, onde personagens que representam estes valores têm seu registro mais destacado que outros que não representam estes valores.

O objetivo geral desta pesquisa desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- Investigar quais valores comuns dos membros da comunidade médica representados pela cultura visual da FMB;
- Analisar as representações imagéticas, tamanhos, locais de exposição, artista escolhido e outras especificidades da galeria de retratos de catedráticos falecidos e diretores, bem como entender as ausências de personagens históricos da medicina;

- Avaliar o nível de percepção dos trabalhadores, incluindo corpo técnico, docentes e terceirizados do Memorial de Medicina têm das relações de cultura e poder professados na formação do acervo;
- Identificar como ocorre nos dias atuais a representatividade neste acervo, quais os critérios adotados e as relações culturais e de poder imbricadas nesses critérios.

Âmbito e contexto da pesquisa

A pesquisa apresentada nesta dissertação foi realizada no próprio espaço do Memorial da Medicina Brasileira (MMB), pois o acervo iconográfico analisado encontra-se aí custodiado. O autor desta pesquisa trabalha no MMB, e por isto teve acesso facultado a todas as instalações, dependências e acervos da instituição, o que facilitou enormemente a pesquisa.

Técnicas de pesquisa

Foram empregues nesta pesquisa, de natureza fundamentalmente qualitativa, técnicas de pesquisa diversas e complementares:

- Revisão bibliográfica acerca dos seguintes temas: o visual, o visível, o simbólico e o poder no âmbito da Antropologia, e sobre o enquadramento de memórias e a invenção de tradições no âmbito da História;
- Levantamento bibliográfico, leitura e fichamento de obras atinentes à Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), seu corpo docente e sua inserção social, política e econômica no contexto baiano e brasileiro, notadamente a obra *O acervo cultural da Faculdade de Medicina da Bahia Primaz do Brasil* (Fortuna & Oliveira, 2017);
- Análise de obras selecionadas do acervo imagético do Memorial da Medicina na Bahia (MMB);
- Entrevistas semiestruturadas com funcionários do MMB, da FMB e outros atores relevantes para a formação e custódia do acervo imagético do MMB;
- Observação participante junto aos funcionários do MMB e uso de anotações pessoais do autor desta pesquisa.

População e amostra

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com onze pessoas ligadas à Faculdade de Medicina da Bahia, entre professores da ativa, professores aposentados, funcionários administrativos e estagiários/bolsistas ligados à instituição. Apesar da grande frequência de pessoas no prédio da FMB onde funciona o memorial, as medidas de isolamento social de prevenção da COVID-19 inviabilizaram entrevistas a um público externo de visitantes, e a pesquisa teve de manter-se restrita a um público com muito contato cotidiano tanto com o prédio quanto com o acervo do MMB.

Estrutura

Esta dissertação está estruturada em três capítulos.

No primeiro, estabeleço o marco teórico desta pesquisa, radicando-o na Antropologia Visual e na Antropologia Simbólica em conjunto com a reflexão historiográfica sobre a produção da memória por meio da invenção de tradições e do enquadramento da memória.

No segundo capítulo, pretendo tanto estabelecer uma narrativa pessoal sobre a tradição da FMB que me foi legada enquanto funcionário da casa, quanto construir uma pequena história institucional da FMB por meio da pesquisa em fontes bibliográficas diversas. Como esta não é uma dissertação em História, e tampouco pretende inovar narrativas, apresentar fatos novos, reinterpretar eventos etc., esta construção decerto não terá os mesmos rigores de uma pesquisa historiográfica com fontes documentais e recortes temático e temporal adequados, mas servirá para confrontar a narrativa que me foi legada, e também aquela que foi construída por meio das entrevistas, com fatos que os entrevistados, e em certos casos até eu mesmo, não quiséssemos ou não pudéssemos mostrar. Dei especial destaque ao papel do bacharelismo e do positivismo na tradição da FMB.

O terceiro capítulo é a construção de uma narrativa sobre a FMB e sobre a galeria de retratos escolhida como objeto desta pesquisa. Pretendo, com isto, reunir elementos para avaliar a existência de estratégias conscientes de produção de tradições e de enquadramento de memórias, e, em existindo, sua

eficácia. Farei também uma análise semiótica da galeria de retratos como um conjunto, dada a completa impossibilidade, diante da quantidade de retratos, de analisá-los um a um.

Na conclusão, discuto, aprofundando, os resultados da pesquisa encontrados por meio das entrevistas e da análise dos quadros.

A apresentação gráfica deste trabalho seguiu as regras da American Psychological Association (2019), com as modificações introduzidas pela Universidade de Salamanca (Espina Barrio, 2016). As referências bibliográficas foram gerenciadas usando o *software* Zotero.

Marco teórico e metodológico

Este trabalho tem como seu principal fundamento a *antropologia visual*, campo do saber científico situado na encruzilhada entre a Antropologia, a Estética e os Estudos Visuais; daí a necessidade de definir o mais precisamente possível os conceitos e categorias empregues nesta pesquisa; mais especificamente, as distinções entre o *visual* e o *visível*, entre o *símbolo* e o *simbólico*,

Antecedentes e estado da questão

A relevância da visibilidade vai além dos aspectos sensoriais, pois “diz respeito a um domínio ampliado que reúne e entrelaça os registros sensoriais e representacionais (ou simbólicos). É um terreno complexo onde um *continuum* entre o que pode ser visto e o que pode ser dito é colocado para fora” (Espina, 1996).

Os símbolos e o simbólico

A imagem é, entre outras coisas, suporte material de significados, suporte material de *signos* e de *símbolos*. A antropologia não é o primeiro, tampouco o único campo dos saberes científicos a trabalhar com a dimensão simbólica da realidade. De cada um deles é possível apreender algum aspecto do símbolo, e de igual modo do simbólico (ou, o que dá no mesmo, da dimensão simbólica da realidade). Estes elementos ajudarão a delimitar mais adequadamente o objeto desta pesquisa.

Uma das conceituações mais difundidas de *símbolo* na antropologia estadunidense é a de Leslie A. White, para quem

o símbolo é a unidade básica de toda conduta humana e civilização [...]. Toda conduta humana consiste no uso de símbolos, ou depende de tal uso. A conduta humana é conduta simbólica, e a conduta simbólica é conduta humana. O símbolo é o universo da humanidade. [...] O símbolo pode ser definido como uma coisa cujo valor ou significado é-lhe atribuído por quem a usa. [...] Todos os símbolos devem ter uma forma física, pois do contrário não poderia entrar em nossas experiências. [...] O significado de um símbolo não pode ser descoberto com o simples exame sensorial de sua forma física. [...] O significado de um símbolo pode ser captado unicamente por meios não sensoriais, simbólicos. (White, 1982, p. 41–44)

Leslie A. White distingue entre *conduta de signos* – em que há uma relação estabelecida entre um estímulo, entre uma interpretação estritamente sensorial da realidade, e uma resposta vinculada a este estímulo, num modelo quase *behaviourista* – e *conduta de símbolos*, ou *experiência simbólica* – em que os

símbolos, e sua vasta carga de significados, são empregues para interpretar a realidade e para reagir a ela (White, 1982, p. 44–48).

Tal concepção, conquanto pioneira, restringe-se em seu pioneirismo à antropologia estadunidense – e mesmo nesta tradição antropológica sofre críticas pela justaposição quase mecânica entre esta interpretação simbólica da realidade e um determinismo tecnológico (Sahlins, 1979, p. 68–142). Caracteriza-se também por ser *circular*, pois na medida em que símbolos são passíveis de interpretação apenas por meio de outros símbolos, só pode escapar da armadilha de uma simbologia interpretando-se a si própria, sem vínculo com a materialidade, ao fazer dos símbolos *coisas com valor atribuído*, apagando a distinção entre um *corpus mysticum* (o símbolo propriamente dito) e um *corpus mechanicum* (seu suporte material). É preciso, portanto, reconstruir uma noção de *símbolo* e de *simbologia* mais adequadas a uma pesquisa em que o *corpus mysticum* terá grande peso.

Começemos pela neurociência. O neurocientista português António Damásio, por exemplo, estabeleceu um caminho para a formação das representações culturais que tem início no momento em que o sistema nervoso, em vez de meramente ajudar a detectar estímulos e responder a eles, passou também a mapear os objetos e eventos sentidos, passando literalmente a desenhar mapas das configurações de objetos e eventos no espaço; essa capacidade do sistema nervoso de “desenhar” imagens permitiu a organismos representar o mundo à sua volta, e também seu próprio mundo interno, construindo, assim, representações do mundo privadas a cada indivíduo – que são o “início formal, em tecidos vivos, de sinais e símbolos que ‘descrevem’ e ‘se assemelham’ aos objetos e eventos que os canais sensoriais da visão, audição ou tato conseguem detectar” (Damasio, 2017, p. 87–100). A descrição *biológica* da formação de símbolos e sinais delinea *como* um organismo percebe e constrói um símbolo ou um sinal; além disto, reforça a enorme importância de ambos para a formação da cultura, e ajuda a resolver alguns becos sem saída verificados em seu estudo. Ao mesmo tempo, radica nos processos neurológicos o *locus* da produção simbólica e evita conceber símbolos como *coisas com valor*. Isto dito, a descrição biológica pouco diz sobre *como* estes símbolos e sinais são construídos *antes de serem percebidos*, sobre os *processos sociais de sua produção e circulação*, ou sobre os muitos *sistemas e regimes de significado* formados por eles.

A linguística pode ajudar a entender aquilo que a neurociência não pretende descrever, compreender ou explicar. A mais conhecida distinção entre *símbolo* e *signo* na linguística, conquanto hoje muito contestada (Koster, 1996; Munteanu, 1998), foi aquela estabelecida na primeira década do século XX por Ferdinand de Saussure. Para o linguista suíço, o símbolo “tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (Saussure, 1971, p. 81). Com isto, diferencia Saussure *símbolo* e *signo*, pois na concepção saussuriana a relação entre significante e significado neste último é *arbitrária*: “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (Saussure, 1971, p. 82). Este “rudimento de vínculo natural” entre significante e significado será revisto adiante, em momento oportuno.

Na psicologia, encontram-se na obra de Carl Gustav Jung definições importantes tanto para o símbolo quanto para o simbólico. Diz Jung: “o símbolo pressupõe sempre que a expressão escolhida constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível para um estado de coisas relativamente desconhecido, mas que se reconhece como existente ou como tal é reclamado” (Jung, 1976). Sobre o simbólico, diz ainda Jung: “é *simbólica* toda e qualquer concepção que declare a expressão simbólica como sendo a melhor fórmula possível, logo, impossível de expor em termos mais claros ou característicos, para designar uma coisa relativamente desconhecida” (Jung, 1976). Na concepção junguiana, portanto, o símbolo *diz o indizível*; expressa algo que apenas se intui, se pressente, mas que não tem ainda definição precisa; ou, mais precisamente, expressa fenômenos percebidos e registrados no âmbito do inconsciente.

Estas aproximações sucessivas à dimensão simbólica da realidade, ao simbólico, permitem formar um conceito provisório do símbolo. O símbolo não é uma “coisa” apenas, mas um conjunto formado pela “coisa” e pelo significado a ela atribuído. Ressalta-se aqui o aspecto do símbolo como, também, uma “coisa”, ou um objeto inscrito na materialidade, porque um símbolo não é um objeto abstrato, mas o conjunto entre um objeto concreto – inscrito na materialidade, *res extensa* – e uma significação imaginária. O objeto inscrito na materialidade não precisa, necessariamente, ser uma “coisa” inanimada, pois é possível atribuir significado simbólico a gestos, movimentos, tons de voz, e a todo tipo de ato complexo por meio do qual se dá a interação social humana; nestas situações, a *res extensa* a que se atribui significado simbólico são os corpos humanos

e seu movimento, desde que realizado de acordo com os preceitos exigidos para que possam ser interpretados como tal ou qual símbolo, de acordo com tal ou qual simbologia. Diferentemente do signo, cuja ligação entre significante e significado não tem nenhum “laço natural” ou vínculo ontológico obrigatório (embora possa, eventualmente, tê-los), o “rudimento de vínculo natural” entre o objeto concreto e a significação simbólica a ele atribuída pode ser identificado, rastreado, localizado, perquirido, situado, definido, compreendido, explicado. O símbolo é o que é porque objetiva, para muitos indivíduos, algo que se imprime em suas consciências porque é percebido na realidade, numa espécie de jogo entre a consciência e a concretude, mas ainda não se pode descrever com palavras.

Este balanço conceitual provisório levanta outro problema. Se este “rudimento de vínculo natural” pode ser, inicialmente, identificado, isto nada diz sobre *como* identificá-lo. Já foram feitas tentativas de análise *filogenética* deste vínculo, rastreando-o encadeadamente até o período da formação da linguagem entre os hominídeos (Tran, 1974). Este modelo filogenético de investigação da natureza do simbólico, de real enraizamento da formação da linguagem na estrutura biológica do ser humano, tem sido bastante questionado (Evans & Levinson, 2009; Gosden, 2012; Sampson, 2000) , mas é legítimo frente aos objetivos da antropologia biológica e da arqueologia; já no que diz respeito aos desígnios um tanto mais modestos da antropologia sociocultural, ele é por demais excessivo, e pode inclusive atrapalhar o trabalho de pesquisa com divagações desnecessárias para objetivos restritos. Pode servir-lhe de substrato, de fundamento último, e mesmo assim depois de filtrado por muitas mediações.

Uma solução mais adequada aos objetivos da antropologia social, e também aos da presente pesquisa, passa a ser um retorno à “interpretação simbólica de símbolos”, com um elemento adicional: o *simbólico* como um sistema social de símbolos sancionados (Castoriadis, 1982). Este sistema pode, e deve, ser interpretado simbolicamente; sua ligação com a materialidade reside não mais numa relação ontológica ou morfológica com o objeto a que se atribui significado simbólico, mas na ação humana que lhe dá este significado simbólico ao objeto. O “rudimento de vínculo natural” entre o *corpus mechanicum* e o *corpus mysticum* de um símbolo é construído, assim, de forma simultaneamente tautológica e coerente. Não havendo, como concebia Lewis A. White, nenhuma ligação ontológica ou morfológica entre significante e

significado que possa distinguir signo e símbolo, a ligação segue sendo arbitrária em qualquer dos dois; no símbolo, entretanto, é ainda mais evidente o aspecto socialmente sancionado da ligação presente nos dois, pois o símbolo expressa não apenas a indicação de um objeto ou ideia, mas uma instituição social fundamental para o funcionamento de uma dada sociedade. “Socialmente sancionado”, portanto: imposto pelas próprias relações sociais formadoras de uma dada sociedade, para que esta sociedade siga sendo o que é, e não outra coisa.

A definição do simbólico como um sistema de símbolos socialmente sancionados não deve, de modo algum, ser confundida com a definição de cultura estabelecida por antropólogos como Clifford Geertz. Seu conceito de símbolo como “qualquer ato ou objeto físico, social ou cultural que serve como veículo para a concepção” (Geertz, 2008) e seu conceito “essencialmente semiótico” da cultura como “teias de significado” e sua análise (Geertz, 2008), ambos de matriz weberiana, são próximos, porém mais abrangentes que a definição do simbólico – pois a cultura abrange o simbólico, mas não se resume a ele. Eis uma definição mais ampla de cultura por Clifford Geertz:

[...] tanto os símbolos ou sistemas de símbolos chamados cognitivos como os chamados expressivos têm pelo menos uma coisa em comum: são fontes extrínsecas de informações em termos das quais a vida humana pode ser padronizada – mecanismos extrapessoais para a percepção, compreensão, julgamento e manipulação do mundo. Os padrões culturais – religioso, filosófico, estético, científico, ideológico – são “programas”: eles fornecem um gabarito ou diagrama para a organização dos processos sociais e psicológicos, de forma semelhante aos sistemas genéticos que fornecem tal gabarito para a organização dos processos orgânicos [...]. (Geertz, 2008)

O simbólico e o poder

Como relacionar os símbolos e o simbólico com o poder? Para isto, é preciso, antes de mais nada, definir com que concepção de *poder* se está a trabalhar nesta dissertação.

Parte-se inicialmente da definição de poder de Max Weber, para quem poder é “toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade”; decorre daí a dominação, que para Weber é “a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo, entre determinadas pessoas indicáveis”; e, como corolário deste sistema, a disciplina é “a probabilidade de encontrar obediência pronta, automática e esquemática a uma ordem, entre uma pluralidade indicável de pessoas, em virtude de atividades treinadas” (Weber, 2015, vol. I, p. 33).

O próprio Max Weber sabia que seu conceito de poder era “sociologicamente amorfo”, pois sua atenção estava mais focada na dominação, cujo conceito sociológico “deve ser mais preciso” (Weber, 2015, vol. I, p. 33). Pelo seu caráter amorfo, esta definição de poder situa-se num plano muito abstrato que, conquanto fundamente as noções mais elementares do que é o poder, pouco avança num entendimento mais concreto das relações de poder.

Uma segunda definição, igualmente famosa, é a de Michel Foucault, que logo nas primeiras páginas de seu *Vigiar e Punir* apresenta o programa de uma “microfísica” do poder. Remetendo sempre ao que, na definição weberiana, seria um poder estritamente ligado à disciplina, trata da “tecnologia política do corpo”, que “é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si” (Foucault, 1977, p. 28). Tal tecnologia multiforme seria impossível de localizar num só lugar, seja numa instituição, seja no Estado – que recorrem a ela, utilizam-na, valorizam-na, mas que, em seus mecanismos e efeitos, situa-se “de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (Foucault, 1977, p. 29). Daí em diante Foucault apresentou suas aproximações ao conceito de poder, hoje clássicas, que se faz necessário transcrever longamente para, em seguida, criticar:

Ora, o estudo dessa microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente, como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não têm”; ele os investe, passa por eles e através deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. O que significa que essas relações aprofundam-se dentro da sociedade, que não se localizam nas relações do Estado com os cidadãos ou na fronteira das classes e que não se contentam em reproduzir ao nível dos indivíduos, dos corpos, dos gestos e dos comportamentos, a forma geral da lei ou do governo; que se há continuidade [...], não há nem analogia nem homologia, mas especificidade de mecanismo e de modalidade. Finalmente, não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças. (Foucault, 1977, p. 29)

Foucault situou onde está o poder e indicou as consequências de seu exercício; com isto, deslocou a problemática do poder de um problema de titularidade – “quem tem o poder” – para um de eficácia – “no

que resulta o poder”. Tudo isto foi marcante para a história das ciências humanas e para o estudo do poder – mas a longa e famosa definição foucaultiana de poder é mais uma *tópica do poder* – ou seja, uma *localização do poder no espaço* – que uma definição do próprio poder. Em suma: Foucault diz onde está o poder e o que acontece quando ele é exercido, mas não diz o que o poder é. Na verdade, ao relacionar o poder a “efeitos de dominação”, Foucault deu indícios de ser tributário da concepção weberiana de poder, embora tenha, por assim dizer, invertido a análise weberiana: enquanto Weber concebeu e conceituou o poder num alto grau de abstração – como era de resto comum ao neokantismo do qual Weber era um tributário intelectual (Kim, 2019) – depois de haver examinado (também num alto grau de abstração) a formação da burocracia e a burocratização da sociedade, Foucault, treinado nas técnicas do estruturalismo, partiu em vez disso da análise concreta da atuação da burocracia para radicar aí o poder. As duas perspectivas, conquanto partam de lugares diferentes e cheguem a lugares também diferentes, complementam-se – e existe desde os anos 1980 uma fértil corrente das ciências sociais que busca promover o diálogo conceitual entre Weber e Foucault ((Colliot-Thélène, 2014; Flew, 2015; Gordon, 2014; Jiménez-Anca, 2013; O’Neill, 1986; Steiner, 2008).

Clássicas e importantes como sejam, estas definições ainda não elucidam o problema do poder. A definição weberiana é por demais abstrata e por demais vincada ao exercício pessoal do poder, e a definição foucaultiana traz o elemento tópico, mas pouco contribui para definir o poder ou situar quem aproveita de seu exercício. Pode-se usar as definições weberiana e foucaultiana de modo combinado para uma aproximação do poder ao simbólico, mas a ligação ainda parece insuficiente. É na sociologia dos fenômenos de massa construída por Elias Canetti que se vai encontrar um meio adequado para ligar poder e símbolos, exercício de poder e dimensão simbólica da sociedade. Como em Weber, a abordagem de Canetti é, por assim dizer, *filogenética*, embora o seja num nível muito mais profundo, pois enquanto a sociologia weberiana é fundamentalmente histórica e portanto radicada em textos e relatos escritos, Canetti vai buscar tanto nos relatos históricos, épicos e mitológicos quanto na antropologia mais avançada de sua época o fundamento material das relações de poder. Como em Foucault, a abordagem de Canetti é *tópica*, pois nela é sempre o corpo a sofrer os efeitos do poder e a agir mediante disciplinamento; a abordagem de Canetti, entretanto, não foi restrita à crítica ao Iluminismo (e portanto à “modernidade” da Europa ocidental), e aproveitou farto

material etnográfico e historiográfico precedente para esboçar, com grande imaginação literária, uma teoria do comportamento coletivo válida para toda a humanidade.

Na análise canettiana o poder é definido numa relação com a *força*:

À força, costuma-se associar a ideia de algo que se encontra próximo e presente. Ela é mais coercitiva e imediata do que o poder. Fala-se, enfatizando-a, em força física. O poder, em seus estágios mais profundos e animais, é antes força. [...] Dispondo de mais tempo, a força transforma-se em poder. Mas no momento crítico que, então, invariavelmente chega – o momento da decisão e da irrevocabilidade –, volta a ser força. O poder é mais universal e mais amplo, ele *contém* muito mais, e já não é tão dinâmico. É mais cerimonioso e possui até um certo grau de paciência. (Canetti, 1995, p. 281)

Para definir o poder a partir de seus elementos, Canetti recorre, metaforicamente, à relação entre um gato e um rato por ele capturado: o gato *pode* matar o rato, mas não o faz de imediato; solta-o, permite-lhe viver, deixa que corra – apenas num espaço em que possa novamente alcançá-lo para recomeçar o jogo:

O espaço sobre o qual o gato projeta sua sombra, os instantes de esperança que permite ao rato, mas tendo-o sob sua estrita vigilância, sem perder o interesse nele e em sua destruição – tudo isso junto (o espaço, a esperança, a vigilância e o interesse na destruição) poder-se-ia designar como o corpo propriamente dito do poder, ou, simplesmente, como o poder em si. (Canetti, 1995, p. 281)

Todo poder, na análise canettiana, contém em si uma ameaça velada por parte de quem o exerce por meio da emissão de ordens, abrangendo desde punições simples até a mais radical das punições – a morte. A obediência ao poder é o produto da acumulação, em cada indivíduo ao longo dos milênios, de ordens recebidas de um elemento exterior mais forte e executadas sob o receio do uso da força (Canetti, 1995, p. 303–316). É sob a sombra atávica das ameaças de morte sofridas em tempos primitivos, anteriores à própria linguagem, que a ordem, o ato de ordenar, inscreveu-se definitivamente na socialização humana pela força do hábito e, por isso, desencadeia quase automaticamente uma ação (Canetti, 1995, p. 303–304). Cada nova ordem cumprida, porque exterior ao indivíduo, porque estranha a ele e à sua vontade e desejos, deixa nele uma marca, e as marcas, ao acumularem-se nos indivíduos, ao mesmo tempo disciplinam-no e aumentam o poder de quem emite ordens (Canetti, 1995, p. 304–305).

A partir da análise canettiana pode-se entender como os símbolos podem ser usados para expressar poder porque nela os símbolos ganham destaque, importância e centralidade. São os símbolos que permitem aos indivíduos integrantes de uma massa sentirem alguma pertença, algum laço comum. Estes símbolos não estão, necessariamente, ligados ao exercício de poder, pois na sociologia canettiana as massas são formadas

menos pela manipulação ou pela força que por indivíduos em busca de superar seus medos mais primários por meio da participação num conjunto (Canetti, 1995, p. 13–72). Toda a densa análise exposta em *Massa e Poder* é calcada nas formas pelas quais um indivíduo engaja-se em relações de poder em meio às massas por meio de gestos, rituais, hábitos, formas de vestir-se, alimentar-se e relacionar-se com outros indivíduos. Os símbolos e os comportamentos simbólicos (rituais, por exemplo) presentificam tanto aquilo que dá às massas a sua coesão quanto o poder e a ameaça de exercício da força que ele contém. É conhecida, por exemplo, a análise canettiana dos *símbolos de massa*: os ingleses e o mar dominado por sua marinha, os alemães e sua relação com a floresta e o exército, a obsessão holandesa por diques, o orgulho dos franceses de sua revolução, o caráter unificador dos Alpes para os suíços, a admiração dos espanhóis pelo heroico *torero* capaz de dominar e matar animais treinados para a selvageria, e a tensa relação dos italianos com sua sobreposição geográfica aos escombros da civilização romana (Canetti, 1995, p. 169–178).

Ao combinar a perspectiva *filogenética* do poder em Canetti com a perspectiva *tópica* de Foucault e a perspectiva *típico-ideal* de Weber pode-se chegar a um instrumental operativo para a relação entre símbolos e poder, no qual a disposição tática dos símbolos no espaço serve a dois propósitos simultâneos: presentificar aquilo que mantém unidos os membros de uma coletividade, rememorando seus laços, e presentificar o poder, aguilhoando indivíduos, sutil ou violentamente, para que se comportem da maneira pretendida por quem espera deles o cumprimento de determinado ritual, gesto, palavras etc. Uma analítica do poder pautada por este dispositivo conceitual deve, portanto:

- a) Compreender o poder em seu aspecto *filogenético*, localizando os ritos, gestos, imagens, símbolos, disposições espaciais, agenciamentos discursivos etc. engajados num dado contexto para situá-los no repertório simbólico da sociedade;
- b) Compreender o poder em seu aspecto *típico-ideal* e em sua relação com a disciplina, localizando quem são os sujeitos que impõem sua vontade, quem são os sujeitos a quem esta vontade é imposta, qual o conteúdo (ou conteúdos) desta imposição, quais as probabilidades de obediência destes últimos às ordens dos primeiros, e até que ponto estas ordens são obedecidas ou resistidas;

- c) Compreender o poder em seu aspecto *tópico*, identificando as táticas por meio das quais o poder é exercido para que resulte no disciplinamento de indivíduos e, portanto, em sua obediência a um dado regime de poder e de verdade.

Visual, visível e visibilidade

A imagem enquanto forma de linguagem carrega em si significados óbvios e imediatos, como também proporciona apelo estético. Entretanto há, possivelmente, muito mais informações na contemplação abstrata de um quadro ou de uma escultura do que nossos sentidos são capazes de perceber. Sendo a dimensão simbólica da sociedade atravessada por relações de poder, e, em sentido inverso, sendo o poder reconhecido principalmente por meio de gestos, disposições, palavras, imagens, rituais e outros elementos simbólicos, é preciso, numa pesquisa cujo objeto é um acervo de obras de arte, destrinchar daí o elemento estritamente *visual*, sua relação com o simbólico e com as expressões simbólicas do poder. Para isto, com base nos desenvolvimentos teóricos e achados etnográficos de Andrea Mubi Brighenti (Brighenti, 2007, 2008, 2010b, 2010a, 2017, 2019) e Ricardo Campos (Campos, 2013), é preciso definir o *visual* e o *visível*, bem como suas diferenças. Esta definição ajudará a entender os *regimes de visibilidade* enquanto “configurações específicas assumidas pelo campo de visibilidade em casos empíricos específicos” (Brighenti, 2008, p. 6).

Antes de tudo, é preciso definir o *visual* como a dimensão estritamente sensorial da sociabilidade humana, colocada em primeiro plano pela epistemologia herdada de Descartes e do Iluminismo, mas frequentemente negligenciada pela teoria social (Jay, 1993). Trata-se do aspecto mais basilar, mais elementar, da interação entre o olho humano e objetos externos.

Deste elemento pode-se partir para definir o *visível* como “um prolongamento do visual impregnado com o simbólico” (Brighenti, 2008, p. 6). Esta definição associa de imediato o visível ao simbólico e, com ele, às questões relativas ao poder: o antropólogo Andrea Mubi Brighenti aponta como não é possível perceber o visível separando o visual e o simbólico – duas dimensões que chama de “visível” e “articulável”, inspirando-se em Michel Foucault – porque os dois estão “simultaneamente presentes no campo da visualidade”, porque algo só entra no campo de visão dos sujeitos, só se torna visível, na medida em que dispositivos de poder disciplinam-nos a selecionar e

discriminar o que ver e o que não ver dentro de seu campo de visão (Brighenti, 2008, p. 7). Por isto pode-se dizer que “não há visível sem modos de ver, que são social e interativamente construídos” (Brighenti, 2007, p. 329) .

Ainda no plano das definições conceituais a serem empregues nesta pesquisa, *visibilidade*, para Andrea Mubi Brighenti, é fenômeno que contempla dois aspectos interligados: “um significado ‘literal’ atinente à esfera imediatamente sensorial; e um significado ‘metafórico’ atinente ao conjunto de significados simbólicos atrelados a fenômenos particulares comunicados pela mídia” (Brighenti, 2008, p. 4). Esta definição da visibilidade, coerente com o duplo caráter do visível (“visual imbuído do simbólico”), aparece aqui atrelada à mídia, mas em outras oportunidades o mesmo autor alargou a definição para incluir outras fontes de significados simbólicos (Brighenti, 2010a, 2010b, 2017, 2019; Brighenti & Kärrholm, 2019). O mesmo autor, estendendo a definição, fala dos “modos de ver” como constituintes de verdadeiros *regimes de visibilidade*:

Um regime é um padrão repetido, consensuado e mais ou menos estabelecido de interação. Cada regime tenta estabelecer uma série de questões normativas: no caso da visibilidade, o que é merecedor de atenção, o que temos o direito de observar e o que pode ser visto com segurança e prazerosamente. (Brighenti, 2010b, p. 45)

Esta discussão sobre o visual, o visível, e os regimes de visibilidade conecta-se diretamente com os símbolos e o simbólico. Segundo Andrea Mubi Brighenti, os símbolos são “relações específicas no campo das visibilidades (como imagens, gestos e representações). Em outras palavras, símbolos não são nem mais, nem menos do que aquilo que os torna visíveis”. (Brighenti, 2008, p. 5–6) Assim é estabelecida uma tensão peculiar entre símbolo e imagem. Enquanto um símbolo é uma “imagem sob controle” (apesar, ou talvez devido ao fato de que o conteúdo do símbolo é freqüentemente projetado no reino do inexprimível), as imagens nunca são totalmente controláveis; pelo contrário, elas sempre compreendem uma qualidade elusiva. É o retorno “indizível” junguiano, embora mitigado: o símbolo, aqui, contém um elemento indizível, mas não remete exclusivamente ao indizível.

Estes regimes de visibilidade formam uma *cultura visual*, definida por Andrea Mubi Brighenti como “sub-universo particular no interior de um universo cultural, constituindo-se como um objecto de estudo passível de explicação” (Brighenti, 2008); a cultura visual é objeto dos *estudos visuais*, “uma disciplina institucionalizada, [...] uma grande área de estudo de tendência transdisciplinar, acolhendo investigadores provenientes de ramos científicos, artísticos e humanísticos que buscam, grosso modo, algo comum: entender a imagem, o olhar e a visualidade enquanto construções humanas, social e historicamente situadas” (Campos, 2013). Daí serem os

estudos visuais um campo que atrai olhares das artes plásticas, da história, da sociologia, da psicologia e, por óbvio, da antropologia. Neste sentido o estudo da imagem enquanto linguagem tem muito a oferecer para o entendimento das normas culturais, entendido aqui como “modo de comportamento que compõe a cultura de qualquer sociedade e que resulta da generalização da conduta da maioria dos membros dessa sociedade” (Campos, 2013).

No que diz respeito ao campo visual em coleções, galerias e museus, Dubé (1994) apresenta três características fundamentais:

- a) *Presença*: a “reunião de um conjunto material situado num espaço dado para o melhor aproveitamento do observador” (Dubé, 1994, p. 4);
- b) *Apresentação*: a organização deste conjunto de modo a oferecer um todo organizado de modo contundente, seja para o estudo ou prazer, obedecendo a códigos específicos da linguagem de exposição;
- c) *Representação*: a reunião de objetos trata de temas que demonstram a parte imaterial do todo reunido, e portanto mobiliza tais objetos para representar signos e símbolos.

Na presente pesquisa, estas definições refinam o marco conceitual da pesquisa. A análise das obras escolhidas não poderá ser circunscrita ao aspecto estritamente semiótico de cada obra; será mais frutuoso para o entendimento do acervo do MMB como dispositivo de poder que esta leitura estritamente semiótica seja mitigada em favor de uma leitura em que:

- a) As obras escolhidas para análise sejam inseridas num regime de visibilidade examinado a partir de sua disposição no espaço;
- b) As obras escolhidas para análise sejam, elas próprias, compreendidas como parte de um regime de visibilidade mais amplo, em que a escolha da representação de um sujeito expressa relações de poder e prestígio, e da mesma forma os ocultamentos e invisibilizações agem sobre os sujeitos para retirá-los da memória coletiva;
- c) As obras escolhidas para análise sejam entendidas como parte da cultura visual promovida pelo MMB e pela FMB.

Memória e poder

Visual, visível, visibilidade, tudo isso integra-se, numa instituição cujo próprio nome remete à *memória*, em práticas voltadas para a *construção* e *reelaboração* desta memória. Não se está aqui a falar da capacidade orgânica, de ordem biológica, de organizar as imagens (visuais, sonoras, gustativas, tácteis etc.) construídas pelo cérebro num todo relativamente coerente; trata-se de outro trabalho, mais denso, de produção da identidade de um grupo social por meio da construção de narrativas sobre seu passado, capazes de moldar a percepção que se tem sobre tal grupo no presente. Remetendo os símbolos e a semiótica a um contexto histórico, a semiótica ganha densidade; os símbolos enraízam-se num solo histórico; as práticas ativam-se em meio a outras, ganhando significado social mais preciso. A mobilização dos símbolos para a construção de tradições históricas e de identidades de grupo permite um interessante diálogo entre Antropologia e História, na medida em que a história pretende ser um tratamento crítico e científico dos fatos do passado, ou um estudo crítico do presente a partir do passado, e a memória é um conhecimento do passado capitaneado ou guiado pelos jogos de interesse e poder do presente.

Para tornar frutífero um diálogo com a História numa pesquisa antropológica, é importante encontrar um ponto de partida que permita cruzar os marcos conceituais. Parte-se, aqui, do conceito de “tradições inventadas”, de autoria de Eric Hobsbawn (2012), em diálogo com o conceito de “memória enquadrada”, construído por Michael Pollak (1989) a partir de um denso trabalho de história oral que permitiu-lhe problematizar as relações entre memória e história.

Hobsbawn define e caracteriza as “tradições inventadas” numa passagem bastante citada:

Muitas vezes, “tradições” que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas [...] O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. [...] Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawn, 2012, p. 11–12)

Tal conceituação permite dialogar com temas e conceitos já bastante correntes na Antropologia, como os *rituais* e os *símbolos*, tomados aqui como os meios de construção – ou “invenção” – de tradições. De igual modo, testa os limites do caráter “inventado” destas tradições trazendo para o mesmo campo conceitual tanto aquelas

tradições que se pode facilmente afirmar terem real e literalmente sido inventadas, quanto aquelas que, por serem mais difusas, menos vincadas a uma instituição, a um sujeito, a um grupo etc., dificilmente caberiam na definição – mas cujo caráter “inventado” a pesquisa historiográfica pode ser capaz de evidenciar.

Aqui apresenta-se um primeiro elemento do diálogo entre Antropologia e História na presente pesquisa.

Se nesta pesquisa se trabalha com o conceito de *regime de visibilidade*, tal regime deve ser circunstanciado tanto quanto possível valendo-se da produção historiográfica já consolidada sobre a história da Bahia e do Brasil, além daquilo que já tenha sido produzido acerca da própria Faculdade de Medicina da Bahia. A própria disposição do material analisado no espaço poderá beber algo desta análise mais ampla. Ainda quanto aos regimes de visibilidade, se as relações de poder e prestígio são elementos chave para sua compreensão tanto quanto os ocultamentos e invisibilizações, tais fenômenos, encontrados junto a sujeitos por meio de entrevistas, o recurso à historiografia será de grande valia para entender que poder e que prestígio os regimes de visibilidade estão a reforçar. A cultura visual promovida pela FMB pode muito facilmente ser entendida como parte da “invenção de tradições” relativa aos médicos formados por esta faculdade, e permitirá entender os jogos de poder em que esta categoria profissional se envolve e envolveu.

Mas o conceito de “invenção de tradições”, tal como originalmente empregue por Eric Hobsbawn, refere-se a tradições nacionais, a práticas que pretendem construir a identidade de uma nação no contexto dos nacionalismos vigentes entre os séculos XVIII e XIX. Seriam eles úteis para um âmbito mais restrito, como é uma faculdade? Deve-se, para entender como este elemento da historiografia poderá ser útil à pesquisa antropológica, recorrer a uma série de reflexões produzidas por Michael Pollak.

Tratando a memória como uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, Pollak demonstrou como ela integra “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias”, e ressaltou, ainda, como a referência ao passado serve para “manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (Pollak, 1989, p. 8). A memória, aqui, aparece como uma operação coletiva que não mais se restringe à “memória nacional”, abrangendo também várias memórias parcelares, de grupos subnacionais, permitindo portanto entender o papel da memória na construção de

identidades coletivas. Este vínculo forte entre memória e identidade coletiva permitirá entender de que modo a formação de uma coleção de retratos de médicos permite construir um conjunto de obras sobre a qual diferentes grupos sociais projetam significados distintos, de acordo com o tipo de memória que pretendem ressaltar para fortalecer sua própria identidade coletiva.

Ao lidar com *corpus* de entrevistas e documentos sobre a desestalinização, os sobreviventes dos campos de concentração e sobre antigos nazistas, Pollak enfrentou, como Hobsbawm, os limites da memória, mas como se pode perceber pelo tratamento da memória de *grupos sociais*, não apenas de uma *memória nacional*, Pollak abordou o tema por outro ângulo. Em vez de tentar certo “restabelecimento dos fatos” por meio de técnicas de pesquisa historiográfica, apontando onde estão as “invenções” e como elas foram produzidas, Pollak partiu de um reconhecimento da fluidez da memória frente a certos fatos. Em primeiro lugar, resgatou certas formas “minoritárias” de preservação da memória, que passam ao largo das grandes estruturas de preservação da memória coletiva:

Essas lembranças proibidas [...] , indizíveis [...] ou vergonhosas [...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. [...] A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. (Pollak, 1989, p. 8)

A mudança de abordagem aproxima ainda mais estas reflexões historiográficas daquelas produzidas no campo da Antropologia, pois remetem de imediato a um jogo de forças entre uma memória coletiva organizada e uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil. Se o conceito de “tradições inventadas” permite problematizar diretamente esta memória coletiva organizada, a reflexão de Pollak traz ao proscênio as relações de poder entre os sujeitos capazes de produzir e impor a memória coletiva organizada, de “inventar tradições”, e aqueles despossuídos a quem tradicionalmente se relegou um papel passivo neste jogo de poder. As muitas tradições de resistência analisadas pela Antropologia – como, por exemplo, em Scott (1992) e Graeber (2016) – encontram seu principal arsenal nestes discursos, silêncios, alusões, metáforas, “não-ditos”, zonas de sombra, e este será um elemento a ter em conta nesta pesquisa.

Em segundo lugar, Pollak evidenciou como memórias coletivas fortemente constituídas, como a memória nacional, formam “memórias enquadradas”, conceito que Pollak considera “mais específico do que memória coletiva” (Pollak, 1989, p. 9). O “enquadramento”, para Pollak, é um trabalho constante, mas que não se pode fazer de modo arbitrário. Encontra seu primeiro limite em certas “exigências de justificação”, sem as quais a memória não é senão o relato da violência e da injustiça por parte dos detentores de poder (Pollak, 1989, p. 9). Seu segundo limite é o da “exigência da credibilidade”, formada pela “coerência dos discursos sucessivos” que gerações de “enquadradores” vão construindo (Pollak, 1989, p. 10).

Em terceiro lugar, Pollak dedicou bastante tempo à análise do trabalho dos profissionais responsáveis pelo “enquadramento” da memória. Partindo da noção de que “toda organização política, por exemplo – sindicato. partido etc. – veicula seu próprio passado e a imagem que ela forjou para si mesma” (Pollak, 1989, p. 10), Pollak afirma que este passado e esta imagem não podem sofrer mudanças bruscas de direção sem grandes riscos,

tensões difíceis de dominar, [...] cisões e mesmo [...] seu desaparecimento, se os aderentes não puderem mais se reconhecer na nova imagem, nas novas interpretações de seu passado individual e no de sua organização. O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo (Pollak, 1989, p. 10).

Entre os responsáveis pelo enquadramento Pollak elenca alguns particularmente ligados aos temas de que tratou em seu artigo – “profissionais da história das diferentes organizações de que são membros, clubes e células de reflexão” (Pollak, 1989, p. 10) – mas frisou com igual ênfase o papel de outras instituições e sujeitos responsáveis pelo controle da memória:

Se o controle da memória se estende aqui à escolha de testemunhas autorizadas, ele é efetuado nas organizações mais formais pelo acesso dos pesquisadores aos arquivos e pelo emprego de “historiadores da casa”. Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc. (Pollak, 1989, p. 10)

A análise de Michael Pollak, portanto, mostra como o enquadramento e o controle da memória fazem parte de um jogo mais amplo entre “memórias enquadradas” e “memórias subterrâneas”. As técnicas para o estudo destes dois campos da memória precisam, portanto, ser diferentes:

Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas. as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais (Pollak, 1989, p. 12).

Nesta pesquisa, a mobilização individual dos símbolos presentes na galeria de retratos da FMB será auferida mediante entrevistas a serem realizadas com pessoas expostas cotidianamente ao repertório de símbolos, objetos e obras mobilizados pelo Memorial da Medicina Brasileira. A partir de alguns elementos da história da FMB enquanto instituição, será possível perceber os *efeitos* resultantes da preservação da memória médica na FMB, e também que elementos da história se pretende ressaltar, e quais outros se pretende reprimir.

A descrição densa

Assim definidos o simbólico, o poder e sua ligação com o visível por meio dos regimes de visibilidade, como compreender e interpretar os padrões culturais em que tais regimes se inserem?

Os padrões culturais dão sentido à ação, e são afetados pela ação. Em razão disto, Clifford Geertz, tentando encontrar os fundamentos de uma metodologia etnográfica pautada no simbólico, foi buscar nos escritos do crítico literário estadunidense Kenneth Burke (Burke, 1973) o conceito de *ação simbólica*; nos ensaios do linguista e antropólogo estadunidense Edward Sapir (Sapir, 1929) o de *comportamento simbólico*; e na obra do filósofo inglês Gilbert Ryle (Ryle, 2009a, 2009b) a *descrição densa*.

Geertz colocou os três conceitos para atuar juntos num método interpretativo de etnografia. A ação simbólica e o comportamento simbólico remetem a uma relação entre a ação e o comportamento, de um lado, e o elemento simbólico da realidade, de outro. É simbólico um agir e um comportar-se feito e entendido por meio de símbolos recolhidos de um repertório construído em comum; a descrição densa ocupa-se tanto em descrever a ação e o comportamento *ipsis litteris* quanto em compreendê-lo tanto em meio aos símbolos que ativa quanto em meio àqueles que poderia ter ativado. É uma compreensão da ação humana que leva em conta, e descreve tanto o repertório simbólico efetivamente engajado na ação quanto, por meio da ação descrita, lança luzes sobre outros elementos simbólicos que poderiam estar envolvidos na ação, mas não foram engajados; envolve também outros elementos simbólicos engajados no agir e no comportar-se, mas ocultos sob muitas camadas de significados aparentes. Além disso, não se contenta com a simples observação e descrição pelo próprio etnógrafo; inclui um registro das explicações e significados subjetivos fornecidos pelos sujeitos engajados nos comportamentos estudados, para que a contextualização simbólica da ação e do comportamento estudados parta não de inferências do etnógrafo, mas dos próprios sujeitos para quem os padrões culturais estudados fazem sentido.

É sobre este conjunto de informações – a descrição minuciosa do comportamento, e sua explicação e valoração pelos próprios sujeitos nele engajados – que o etnógrafo se debruça para compreender os significados simbólicos. Nesta pesquisa, a descrição densa servirá de método tanto para analisar as entrevistas realizadas quanto para inferir e extrapolar elementos nelas encontrados.

Elementos básicos da história da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB): notas memoriais e pesquisa historiográfica

Neste capítulo da dissertação pretendo estabelecer dois elementos para a pesquisa: notas memoriais sobre a tradição histórica da FMB que me foi legada enquanto funcionário da casa, e a construção de uma breve história institucional da FMB para estabelecer o que já existe em termos de enquadramento de memória, invenção de tradições e construção de um regime de verdade e de visibilidade em torno da instituição. As notas memoriais permitirão situar-me frente às memórias mobilizadas na entrevista, e também frente à história institucional construída na segunda parte deste capítulo; para construí-las, tomei como base o mesmo roteiro de entrevista aplicado nas entrevistas, reorganizando a narrativa num fluxo mais contínuo de ideias. A história institucional permitirá estabelecer uma base para lidar com erros factuais, memórias fragmentárias e com a grande ruptura institucional na produção da memória da FMB, de que falarei no capítulo seguinte e também nas conclusões.

Faculdade de Medicina da Bahia: elementos de história

Parti, por isso, para uma pesquisa historiográfica em fontes primárias e secundárias sobre a história da FMB. Não pretendi inovar ou reinterpretar radicalmente fatos históricos já bem discutidos pela historiografia; pretendi apenas evidenciar o que há de consenso entre historiadores e demais cientistas sociais acerca da FMB para construir uma narrativa de cunho historiográfico, lastreando fatos e eventos em pesquisas e documentos pregressos, com o qual se possa comparar as memórias que recolhi por meio de entrevistas e evidenciar os processos de elaboração e reelaboração de uma identidade histórica da FMB e, eventualmente, da comunidade médica baiana.

Tendo já feito as entrevistas, que analisarei mais à frente, pude, a partir delas, destacar algumas linhas mestras factuais em que se amparavam tanto os elementos de memória que me haviam sido legados quanto aqueles que pude rastrear por meio das entrevistas:

- a) apontamentos breves sobre a história da FMB enquanto instituição educacional;
- b) as relações entre a FMB, enquanto instituição educacional, e as classes dominantes baianas;

- c) as relações da FMB com dois aspectos de sua história: o bacharelismo e o positivismo;

O prédio da FMB, bem cultural tombado em meio ao conjunto do Pelourinho, também merece uma narrativa histórica, mas será mais adequado fazê-la no capítulo seguinte, antecedendo as memórias dos entrevistados acerca do imóvel. Da mesma forma, a galeria de retratos que serve de objeto e ponto de partida desta pesquisa tem interessante história, que será melhor alinhar em conjunto com as memórias dos entrevistados.

Breves linhas de história institucional da FMB

A FMB foi instalada no prédio que fora o antigo Colégio dos Jesuítas, importante instituição educativa existente em Salvador até a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759. Seu prédio original, inaugurado em 1590 sobre os escombros de uma aldeia tupinambá destruída pelo governador-geral Mem de Sá (Vasconcelos, 2002, p. 36, 47, 58), é ladeado pelo templo que é, hoje, a Catedral da Sé, mas que fora, inicialmente a Capela do Colégio dos Meninos de Jesus; a configuração atual do templo resulta de sua quarta reconstrução, finalizada em 1657. Com a expulsão dos jesuítas o conjunto “igreja + colégio” foi separado em igreja, de que a Arquidiocese de Salvador apropriou-se em 1766 para transformá-la em nova catedral em prejuízo da velha Sé, sua quase vizinha que deveria ter sido então reformada mas nunca o foi (Amaral, 2013, p. 308; Peres, 1974, p. 82), e o antigo colégio, que apesar da recomendação do marquês de Pombal de que edifícios com esta natureza fossem transformados em hospitais (Santos Filho, 1947, p. 365–366) permaneceu sem uso até 1776, quando ocorreu em Salvador uma epidemia de “bexigas” e os médicos da Santa Casa de Misericórdia transferiram às pressas todos os convalescentes para este prédio, dando enfim início ao uso do imóvel como instalação sanitária. Ali radicou-se o atendimento da Santa Casa de Misericórdia aos militares da Coroa, que ficou sob a administração da Santa Casa com o nome de *Hospital do Collegio* até 1779, quando passou por um período de indefinição administrativa – com a Coroa e ordens religiosas disputando sua administração – até que, em 4 de setembro de 1799, por ordem do governador-geral Fernando José de Portugal e Castro, marquês de Aguiar, instalou-se em definitivo no imóvel o Hospital Real Militar da Bahia, com quem a FMB dividiu instalações até 1832, quando o Hospital Real Militar da Bahia foi transferido para o convento da Palma

com o nome de *Hospital Regimental*. (Deste hospital surgiu o atual *Hospital do Exército*, situado desde 1872 na ladeira dos Galés, no bairro de Brotas.)

A FMB está, portanto, entre as duas mais antigas instituições universitárias do Brasil, disputando com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro o título de mais antiga faculdade de medicina do país. Sem querer entrar na disputa de datas e de eventos fundadores, que envolvem muita minúcia documental e etiologias conflitantes, a FMB rastreia sua origem à Escola de Cirurgia da Bahia, fundada em 18 de fevereiro de 1808 por ordem do rei D. João VI após pedido do cirurgião da Real Câmara, José Corrêa Picanço, barão de Goiana (Velloso, 2002); já a sua congênere carioca estabelece sua data fundadora como sendo a da nomeação do cirurgião Joaquim da Rocha Mazarém para a cadeira de Cirurgia em 02 de abril de 1808 (Velloso et al., 2002). Foram as duas fundadas como “escolas de cirurgia”; a qualificação das duas instituições como “faculdades de medicina” deu-se apenas por força da reforma do ensino médico promulgada em 3 de outubro de 1832 (Velloso, 2002; Velloso et al., 2002).

Importante como seja para a legitimação institucional de cada uma das faculdades frente à comunidade médica brasileira, o “título” de “faculdade de medicina mais antiga do Brasil” tem pouco efeito prático diante da quase total coincidência de datas fundantes, separadas por menos de dois meses. Fosse apenas uma questão de datas, o correto seria atribuir a precedência, por exemplo, a José Xavier de Oliveira Dantas, cirurgião-mor do 4º Regimento de Milícias e homem pardo como todos os seus companheiros de caserna; se foi baldada sua solicitação ao rei João VI para transformar em *aula régia* o ensino privado de Cirurgia e Anatomia que já em 1798 ministrava (Amaral, 2013, p. 74), descobre-se com isto que já havia ensino privado de cirurgia na Bahia antes da criação da Escola de Cirurgia. Pesquisa rápida mostra como em 1790 havia também, no Rio de Janeiro, o cirurgião Antônio José de Souza Pinto a fazer o mesmo na Santa Casa de Misericórdia e no Hospital Real Militar e Ultramar (Velloso et al., 2002). A demanda por médicos era grande: a Universidade de Coimbra formara 35 brasileiros em Medicina e outros 112 no século XVIII, mas a maioria dos estudantes preferia continuar na Europa a enfrentar as agruras da colônia; quando retornavam, deixavam-se ficar nas vilas e cidades maiores, deixando o interior completamente desassistido. Tudo isto levava a população colonial a recorrer aos *sangradores* e *algebristas* (para tratar fraturas, luxações e torções), aos *boticários* (para preparar remédios), às *parteiras* e *aparadeiras* (para atender a partos normais); aos

barbeiros (para a aplicação de ventosas, sarjaduras e sanguessugas, para o corte de cabelo e barba e para a extração de dentes); e aos *cirurgiões-barbeiros* (para a realização de cirurgias). Não era incomum que diplomas para o exercício destas profissões fossem simplesmente *vendidos*, sem que o pretendente houvesse sido preparado ou examinado (Velloso, 2002).

Os primeiros tempos da FMB como Escola de Cirurgia foram muito modestos. Tratava-se de uma instituição incipiente, quase improvisada, funcionando em prédio emprestado, numa saleta do antigo Colégio dos Jesuítas ocupada “basicamente por dois professores e um porteiro”, cujo funcionamento regulava-se pelos “estatutos da Universidade de Coimbra” (Velloso, 2002). Diz o historiador da medicina Antônio Carlos Nogueira Britto (2002, p. 2–3) que o curso de Medicina durava quatro anos, com matrícula ao custo de 6\$400. Os estudantes eram chamados de “praticantes”, deviam saber francês, e perdiam o ano caso tivessem 60 faltas por doença, ou 20 em caso de “vadiação”. O curso era encerrado de modo tão simples quanto começara: o aluno prestava um exame e, caso aprovado, fazia seu juramento de médico sobre os “Santos Evangelhos” e estava pronto para atuar como médico. Diz ainda o mesmo historiador (Britto, 2002, p. 2–3) que José Corrêa Picanço projetou normas para orientar o *lente* de cirurgia, Manuel José Estrella, regras tidas como especulativas, verbalísticas e teóricas, porque os “praticantes” não tinham autorização para praticar, restando ao Cirurgião-Mor do Hospital fazer as reflexões necessárias ao aprendizado somente na pequena salinha onde funcionava a escola, e não à cabeceira dos doentes. (*Lente*, como se verá com mais detalhes adiante em momento adequado, é o professor principal, algo como um precursor do *catedrático* e do *professor titular*.)

Aliás, a FMB não formava médicos nesta fase de sua vida institucional, apenas “cirurgiões”; quem quisesse ser médico, que fosse estudar em Portugal, França, Alemanha... Que significava isso? Que, na verdade, o desejo real do governo português não era tanto o de formar médicos, mas de substituir os “cirurgiões licenciados” pelos cirurgiões formados nas escolas da Bahia e do Rio de Janeiro. Nesta época, havia grande diferença entre os cirurgiões, que na prática faziam pequenas cirurgias e aplicavam sangrias, tal como os barbeiros-cirurgiões, e os médicos, que detinham um saber bem mais especializado e tinham autorização para atuar de forma muito mais ampla que os cirurgiões.

Em 1815 veio a cabo uma reforma no ensino médico por carta régia do rei João VI datada de 29 de dezembro, pela qual ficou criado um curso completo de cirurgia em Salvador (Britto, 2002). , medida que já havia sido tomada em 1813 relativamente à escola do Rio de Janeiro de acordo com os moldes preparados por Manuel Luiz Álvares de Carvalho; o novo “Colégio Médico-Cirúrgico” começou a funcionar em 17 de março de 1816 em cômodos cedidos pela Santa Casa de Misericórdia em seu hospital na rua da Misericórdia (Velloso, 2002). A reforma aumentara de quatro para cinco anos a duração do curso, com uma novidade: se o “praticante” repetisse o quarto e o quinto anos, estaria formado em cirurgia, sendo desde logo membro do Colégio no papel de *opositor*, uma espécie de professor substituto (Britto, 2007, p. 5) cujas atribuições institucionais mais adiante serão detalhadas. Já nesta fase o Colégio Médico-Cirúrgico deu início à produção de uma simbologia própria, escolhendo sua insígnia: o bordão de Esculápio entrançado por duas serpentes, ornado por um ramalhete de café e outro de fumo, tendo ao alto a inscrição “Colégio Médico-Cirúrgico” (Britto, 2007, p. 3).

Tão pouco significativa era o Colégio Médico-Cirúrgico no cenário cultural e político baiano naquelas duas primeiras décadas do século XIX que os naturalistas alemães Johann Baptist Spix e Karl Friedrich von Martius, ao passarem por Salvador em setembro de 1818 (dez anos após a fundação da FMB), notaram que “a maior parte do Colégio dos Jesuítas está ocupada, atualmente, pelo Hospital Militar” (Spix & Martius, 2016, p. 97) sem qualquer menção ao Colégio Médico-Cirúrgico. Sendo naturalistas, a quem as ciências biológicas e da saúde certamente não eram estranhas, teria sido muito natural que procurassem em meio aos baianos pessoas ou instituições que pudessem apoiá-los em suas pesquisas – mas não o fizeram, ao menos não com os integrantes do Colégio. Ainda em 1829 a situação não melhorara: a FMB funcionava “num pequeno quarto escuro na enfermaria do hospital da Santa Casa e no corredor desta, que era dividido em três salas” (Velloso, 2002). Seu corpo docente, técnico-administrativo e discente resumia-se a “sete lentes, um substituto para as cadeiras cirúrgicas, um secretário interino sem vencimentos, um porteiro e dezessete estudantes” (Velloso, 2002).

De acordo com farta documentação original resgatada pelo historiador da medicina Antônio Carlos Nogueira Britto (2002, 2007), lei assinada pela Regência Trina e referendada pelo ministro Nicolau Pereira de

Campos Vergueiro em 3 de outubro de 1832 reformulou ainda outra vez o ensino na instituição, que enfim recebeu o nome de Faculdade de Medicina com que é até hoje conhecida. Deixava de formar apenas cirurgiões para formar, enfim, médicos. O curso aumentou de cinco para seis anos, pois o número de disciplinas foi aumentado de cinco para catorze. Junto com o aumento no curso para a formação de médicos, esta reforma também criou o curso de farmacêutico, com duração de três anos, e o de parteira, com duração de dois anos. Extinguiu-se aqui a formação de “cirurgiões aprovados ou formados”, encerrando-se um ciclo. Aos professores franqueou-se certa autonomia administrativa, e correspondendo ao status recém-adquirido, seus vencimentos e honras dos lentes foram equiparados aos dos desembargadores. A autonomia administrativa que lhes foi conferida permitia-lhes a eleição de seu diretor em lista tríplice, quando antes acessava-se o cargo por meio de nomeação do governo da Província. Retornou a Faculdade de Medicina a ocupar as instalações do antigo colégio dos jesuítas, desta vez para nunca mais dali sair.

Uma das consequências da reforma do ensino de 1832 foi o progressivo estabelecimento dos rituais de formatura dos médicos, que entre outras coisas incluía uma versão adaptada do “juramento de Hipócrates” que os formandos declamaram solenemente até meados do século XX (Tavares-Neto, 2006). Em 1853 o decreto nº. 1.169, de 07 de maio do mesmo ano, estabeleceu os novos Estatutos das Escolas de Medicina; seu art. 90 estabeleceu o traje de formatura, firmando que a “borla” e o “capello” teriam a cor amarelo ouro (Fortuna, 2010a, p. 14–15). Tão importante era a solenidade de formatura na vida da FMB e dos estudantes que chegou a ser realizada, no século XIX, para apenas um ou dois formandos em Medicina (Fortuna, 2010a, p. 20). Os “facultativos”, para entrar no curso de Medicina, precisavam passar por exames de língua estrangeira (latim, francês ou inglês), filosofia, aritmética e geometria; concluído o ensino, deveriam sustentar tese em português ou latim; para o curso de farmácia era exigido apenas os exames de língua estrangeira, aritmética e geometria, sem necessidade de testes de filosofia; e às parteiras requisitava-se apenas que soubessem ler e escrever; em todos os casos, deveriam ter 16 anos ou mais de idade, e o valor da matrícula aumentou para 20\$000 (Britto, 2002, 2007). A reforma de 1832 impôs ainda que:

Emquanto pelo Poder Legislativo não forem aprovados os Regulamentos, de que trata o art. quatorze, regular-se-hão as Escolas Medicas pelos Estatutos, e Regulamentos da Faculdade de Medicina de Paris, na parte, que lhes fôr applicavel; e quanto ao mais providenciarão as Faculdades por meio de Regulamentos provisórios. (Império do Brazil, 1832)

Tais estatutos foram substituídos pelo Decreto 1.387, de 28 de abril de 1854, que reformou radicalmente o ensino da Medicina, além de regulamentar de forma abrangente questões que estavam, anteriormente, ao talante de cada faculdade (Império do Brasil, 1854). O mesmo decreto estabeleceu que cada uma das “cadeiras” do curso seria regida por um *lente*, estabelecendo que cada uma das três seções em que as cadeiras foram agrupadas conservaria dois *substitutos*, e que teriam também o número de *opositores* que o governo definisse, com base em proposta das congregações (Império do Brasil, 1854). *Opositores*, de acordo com o artigo 48 do regimento, serviam como preparadores, sob direção dos lentes e substitutos em exercício (Império do Brasil, 1854). O novo estatuto cuidou do regime de trabalho docente, do funcionamento das *Congregações de Lentes*, das matrículas, dos exames de admissão, dos exercícios e exames, da defesa de teses, da colação de grau, da polícia acadêmica e da frequência dos estudantes, dos empregados acadêmicos... O estatuto de 1854 é uma rica fonte para entender como funcionaram, por muitos anos, as faculdades de Medicina no Brasil – e também o ensino privado da matéria, que deixou enfim livre.

O artigo 197 deste decreto inovou ao impor a redação das “memórias históricas” das faculdades de Medicina, prática singular pela qual as Congregações destas faculdades, órgãos máximos de sua deliberação interna, incumbissem um de seus membros de apresentar, na primeira sessão da Congregação do ano subsequente, um breve relato dos acontecimentos notáveis do ano findo (Fortuna, 2010b, p. 4). Na FMB a prática foi mantida sem interrupções até 1915; entre 1916 e 1923 houve um hiato, quebrado pela enorme *Memória Histórica da FMB* de Gonçalo Moniz Sodré de Aragão; seguiu-se ainda outro hiato, entre 1923 e 1941, rompido apenas pela muitíssimo abrangente *Memória Histórica da FMB* de Eduardo de Sá Oliveira – que, contrariando a sábia regra de concisão verificada nas memórias históricas de frequência anual, ao ser transformada em livro resultou numa valiosíssima fonte histórica de mais de quatrocentas páginas (Oliveira, 1992). Em toda a história houve apenas uma das *Memórias Históricas* a ser rejeitada pela Congregação: a de 1897, escrita por Nina Rodrigues (I. S. Costa, 1997, p. 59).

O regulamento complementar ao Estatuto de 1854 só chegou dois anos depois, por meio do Decreto nº 1.764, de 14 de maio de 1856. Com ele foram fixadas de forma definitiva os *distintivos do grau de doutor*: o anel de ouro com pedra verde no centro, a borla de veludo verde guarnecida por arminho, e o capelo de

veludo verde (Império do Brasil, 1856). Encerravam-se, com este regulamento, os últimos elementos institucionais a ligar a FMB com suas congêneres de Coimbra e Paris.

Entre 1850 e 1855 Salvador foi vitimada por epidemias de febre amarela e cólera, tendo esta última matado cerca de 25 mil pessoas na capital e no Recôncavo (Amaral, 2013, p. 315–319; Tavares, 2008, p. 275). O combate a esta epidemia contou com a participação de lentes da FMB, como Antonio José Alves, Domingos Rodrigues Seixas, José Francisco de Almeida, Prudencio de Souza Britto Cotigipe, Elias José Pedroza, Jonathas Abbott, Demetrio Ciriaco Tourinho, Joaquim de Souza Velho. José Antonio Paraiso de Moura. Salustiano Ferreira Souto e Manuel Mauricio Rebouças, entre outros (Britto, 2007).

É mais ou menos neste período que começa a se destacar a FMB por causa da chamada *Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia*, integrada por médicos como John Ligertwood Paterson, Otto Edward Henry Wucherer, José Francisco da Silva Lima, Antônio Januário de Faria, Pacífico Pereira, Antônio José Alves, Pires Caldas, Silva Araújo e Victorino Pereira. Estes médicos nunca se viram como um “grupo” ou “escola”, no sentido mais formal do termo; o nome “tropicalista” pelo qual ficaram conhecidos lhes foi dado depois por admiradores de seu trabalho conjunto, dado ao público por meio da *Gazeta Médica da Bahia* que fundaram em junho de 1866, premiada pelo Departamento de Artes Liberais da Exposição Universal Colombiana, realizada em Chicago em 1893, e pela Exposição Nacional de 1908 (Coni, 1952; Edler, 1999; Valle, 1974).

Os “tropicalistas” radicados na FMB representaram um esforço pioneiro, pautado por uma virada epistemológica fundamental. Eram os três pioneiros do grupo, por nascença, europeus – Paterson, escocês; Wucherer, nascido em Portugal de pai alemão e mãe holandesa; Silva Lima, português naturalizado brasileiro – e formaram-se, senão na Europa como Paterson (formado médico na Universidade de Aberdeen na Escócia) e Wucherer (formado médico na Universidade de Tubinga, então no reino de Vurtemberg), em meio a uma tradição de livros didáticos importados e aulas em idiomas estrangeiros que eram a regra na FMB. Vigiam em meados do século XIX tanto a teoria miasmática do contágio quanto o determinismo racial, sexual e climatológico, segundo o qual eram a “degeneração racial”, o excesso de sexo e o clima quente quem causava doenças como a “opilação” (ancilostomíase) e a “hematoquilúria dos países quentes” (filariose).

Nas reuniões iniciadas de modo muito informal na casa de John Paterson iniciou-se um grupo que, não tendo espaço na FMB como docentes – havia professores da FMB no grupo como Antônio José Alves e

Antônio Januário de Faria, mas a FMB não prestava nenhum apoio institucional ao grupo (Jacobina et al., 2009) –, aproveitou o melhor da medicina experimental para mudar a perspectiva de análise. A guinada epistemológica consistiu em não mais considerar causas “raciais” ou climáticas exclusivamente ou em elaborar uma nosologia abstrata combinando sintomas, mas em observar o desenvolvimento das doenças caso a caso, paciente a paciente, empregando para isso as ferramentas de ponta da medicina experimental de sua época: a análise química de corpos fluidos, as inovações da fisiologia e as novas técnicas trazidas pelas disciplinas da parasitologia e da microscopia. Não descartavam a influência de elementos externos ao corpo na disseminação das doenças tropicais, mas pensavam-nos de maneira social: não eram o “clima” ou a “degeneração racial” a causa externa das doenças estudadas, mas a a pobreza, a má alimentação, a falta de higiene adequada e as péssimas condições de vida da população baiana, formada majoritariamente por pessoas negras escravizadas (Coni, 1952; Valle, 1974). Anteciparam, assim, em quase quarenta anos o tipo de medicina experimental que se consolidou na medicina brasileira a partir da atuação de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas – tendo este último, inclusive, reconhecido a precedência e a influência dos “tropicalistas” baianos neste aspecto (Torres, 1947). Wucherer, por exemplo, associou a hematoquilúria à filária, e a hipoemia intertropical ao *Ankylostomum duodenale* (Serruya & Albuquerque, 2008, p. 115) , além de valer-se bastante da topografia médica e de métodos estatísticos que, em suas palavras, no Brasil encontravam-se ainda “no berço” (Barreto & Aras, 2003; Coni, 1952; Valle, 1974). Inauguravam assim um modo de tratar as doenças ditas “tropicais” que somente mais tarde, por volta de 1900, passou à hegemonia entre os saberes médicos, mas que também por insuficiente divulgação – a *Gazeta Médica da Bahia*, órgão onde publicavam suas descobertas, teve pequena circulação e, estando escrita majoritariamente em português, não gozava de circulação internacional – não teve o destaque merecido em sua própria época.

A década de 1870 viu o declínio dos “tropicalistas”: impedidos de avançar em suas pesquisas por total falta de estrutura e apoio institucional (Coni, 1952; Jacobina et al., 2009; Valle, 1974), viram quase sem muita reação a divulgação da teoria microbiana de Pasteur. Enquanto isso, chegava ao grupo, como tantos outros jovens estudantes e médicos, uma figura controversa, cujo rompimento com os “tropicalistas” em 1897 é reputado como o fim desta “escola”: trata-se do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, que pela sua relevância inclusive em áreas do saber além da Medicina mais adiante merecerá uma análise mais profunda.

Esmaecida a escola “tropicalista”, nem por isso deixaram de ocorrer na FMB feitos científicos notáveis. Ainda em 1897 o professor Alfredo Britto, catedrático de Propedêutica Médica, instalou o primeiro aparelho de raios-X no Hospital Santa Isabel e em agosto do mesmo ano aplicou-o pela primeira vez no mundo à cirurgia de guerra, ajudando na localização de um projétil entranhado no corpo de um soldado do 5º Batalhão de Polícia ferido na Guerra de Canudos (Britto, 2002, 2007).

Destaca-se também durante a Primeira República a figura de Manoel Augusto Pirajá da Silva. Graduado em Medicina pela própria FMB e ingresso em seu quadro de professores em 1903 na disciplina de Clínica Médica, sua principal descoberta científica foi a identificação, em 1908, do *Schistosoma mansoni*, parasita responsável pela esquistossomose. Ao lado de seus méritos científicos, Pirajá da Silva gozava de excelente reputação como professor, correspondia-se com pesquisadores de todos os cantos do mundo e viajava constantemente em busca de novos saberes e técnicas de pesquisa (Souza e Azevêdo, 2007, p. 55–56).

Em 1930 a FMB ainda atraía estudantes de outros Estados brasileiros, e muitos professores tinham fortíssimo envolvimento político – ao ponto de esquecerem suas aulas (Falcão, 2007, p. 45). Na turma de 1936 verificou-se a seguinte composição: cento e vinte e um alunos da Bahia, quinze do Piauí, sete de Sergipe, seis do Amazonas, seis do Rio Grande do Norte, cinco de Alagoas, cinco do Ceará, quatro de Pernambuco, dois da Paraíba, um de Mato Grosso, um do Rio Grande do Sul, um de São Paulo, um do Maranhão, um de Minas Gerais, um português e um suíço naturalizado brasileiro (Falcão, 2007, p. 49). Ainda era comum, neste período, o uso majoritário de material didático em idiomas estrangeiros como o francês e o italiano (Falcão, 2007), prática que se estendeu até a década de 1960 (Souza e Azevêdo, 2007).

Na década de 1940 o principal mérito científico associado à FMB foi a descoberta do caráter hereditário da anemia falciforme por Jessé Accioly, em 1946; por força de dificuldades na divulgação do trabalho, a precedência na descoberta havia sido conferida ao médico estadunidense James Neel, fato corrigido em 1973 por meio de intensa mobilização por parte de professores da FMB (Souza e Azevêdo, 2007, p. 50). A FMB foi integrada à Universidade da Bahia em 1946 e tornada federal em 1950 junto com todas as unidades que, em 1965, foram enfim denominadas, em seu conjunto, como Universidade Federal da Bahia. Não apenas isso: dos quatorze reitores da UFBA, oito foram ligados à FMB (57% do total); dos setenta e quatro

anos de existência da UFBA, em quarenta e três deles (58% do total) a vida acadêmica da universidade foi regida por um egresso da FMB. Várias fontes indicam a iniciativa de Edgar Santos, diretor da FMB entre 1936 e 1955, na fundação da Universidade da Bahia (Souza e Azevêdo, 2007, p. 57).

Em 1948 foi inaugurado o Hospital das Clínicas (Souza e Azevêdo, 2007, p. 57), atual Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES). Graças a ele, a FMB passou a depender menos de instituições externas à UFBA para as aulas práticas, laboratórios etc.

Na década de 1950, período de transição entre a prática científica quase solitária de pesquisadores autodidatas e a ciência moderna, com treinamento específico para a formação de pesquisadores, destacou-se o grupo de Anatomia Patológica formado no Hospital das Clínicas por R. Stigliani, Franz von Lichtenberg, Clarival do Prado Valladares, Jorge P. Studart, Zilton Andrade e Aníbal Silvany Filho (Souza e Azevêdo, 2007, p. 58). Destacaram-se também o Núcleo de Medicina Experimental criado por Roberto Santos, e a pesquisa em Virologia veterinária sob a direção de Fúlvio Alice, que resultou em importantes avanços no entendimento dos vírus da febre aftosa, encefalite, raiva, doença de Aujeszky e New Castle, gripe, poliomielite, raiva e outros (Souza e Azevêdo, 2007, p. 59). Na década de 1950 a Fundação Ford financiou a construção, no 6º andar do Hospital das Clínicas, de um laboratório de Genética Humana, sob a chefia de Cora de Moura Pedreira (Souza e Azevêdo, 2007, p. 62). Em 1957 a Fundação Rockefeller financiou a viagem de Jorge Novis aos EUA, onde, ao visitar universidades e centros de Fisiologia, inspirou-se para recorrer a esta mesma fundação para o financiamento da modernização dos equipamentos e das técnicas de pesquisa nesta área; isto resultou na formação de um grupo em torno do tema, no qual destacaram-se pesquisadores como José Simões Silva Júnior e Macedo Costa (Souza e Azevêdo, 2007, p. 62). Em 1958 o Programa de Residência Médica, criado sob a liderança de Roberto Santos, recebia financiamento da Fundação Kellogg para laboratórios, material didático, orientação, consultoria para a formação de pessoal e bolsas de pesquisa para nove professores receberem treinamento em hospitais estadunidenses para atuarem como supervisores do programa; como resultado do financiamento o Hospital das Clínicas capacitou-se para receber até quarenta médicos residentes em apartamentos situados em seu quinto andar (Souza e Azevêdo, 2007, p. 62).

Com a reforma do ensino universitário em 1968 a FMB passou a oferecer o curso de Mestrado, ofertando disciplinas como Bioestatística e Genética Médica, bastante avançadas para a época (Souza e

Azevêdo, 2007, p. 59). A reforma universitária de 1968, que extinguiu as cátedras e instituiu o regime departamental vigente até hoje com ligeiras modificações, acelerou a transição para uma produção científica coletivizada, institucionalizada e burocratizada, que impõe dificuldades para a pesquisa historiográfica mais amplos que os objetivos desta pesquisa. Também a proliferação de departamentos e o crescente número de professores exigiria maiores cautelas na avaliação dos méritos científicos da FMB deste período em diante, pelo que não será possível avançar muito além desta fase.

Em 29 de fevereiro de 1974, com a efetivação da Reforma Universitária na UFBA, a Faculdade foi transferida para o Campus Universitário da Canela; o prédio do Terreiro de Jesus ficou como que abandonado, arruinando-se com o passar dos anos (Duarte et al., 2008; Fortuna & Oliveira, 2017, p. 4). O Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, que funcionou no mesmo prédio desde 1905, também foi transferido para novas instalações em 1977 na avenida Centenário, deixando o prédio praticamente sem uso. A situação foi revertida apenas em 1997, quando, por mobilização de professores preocupados com a memória da FMB, teve início uma campanha pela sua restauração, realizada por meio de sucessivos convênios com Ministério da Saúde, Petrobras, Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão da UFBA etc.

Na comemoração de seu bicentenário em 2008, a FMB foi homenageada com sessões solenes no Senado Federal, no Conselho Nacional de Educação, na Câmara Municipal de Salvador e na Assembléia Legislativa da Bahia, além de ter recebido saudações do governador da Bahia, do reitor da UFBA (egresso da FMB), do reitor e do diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (de onde foram adaptadas as primeiras regras de funcionamento da FMB, gerando uma espécie de “filiação institucional” informal), todas registradas em edição especial da tradicional *Gazeta Médica da Bahia* (vol. 142, nº 1, 2008). Cada saudação e sessão solene dão testemunho de sua importância. Além dos muitos símbolos institucionais de que já dispõe – como brasões e bandeiras próprios – em 2007 foi encomendado a Antonio Natalino Manta Dantas um *hino* para a FMB (Dantas, 2007).

Apenas a título de ilustração da relevância científica atual da FMB, em 2007 foi realizada uma pesquisa de avaliação do impacto da produção científica da instituição. Num ano em que o Brasil produzira 1.8% da produção científica internacional, em que a Bahia ocupava a sétima colocação nacional em expansão dos grupos de pesquisa, e em que a UFBA mantinha a absoluta liderança na produção científica baiana, a

FMB aparecia como responsável por algo como 20% a 25% da produção científica da UFBA, mesmo tendo pouco mais de 10% de seu contingente de professores; entre 1998 e 2007 a FMB teve 60% entre os dez artigos mais citados produzidos por acadêmicos ligados à UFBA, com predominância de artigos nas áreas de Imunologia, Medicina Tropical, Saúde Pública, Doenças Infecciosas, Parasitologia, Psiquiatria, Neurociências, Microbiologia, Farmacologia e Endocrinologia (Barral & Barral-Neto, 2008). A mesma pesquisa mostrou as instituições acadêmicas com que há maior intensidade de intercâmbio, a julgar pelas publicações em revistas científicas: Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Universidade de São Paulo (USP), Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Cornell University, London School of Tropical Medicine and Hygiene, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Hospital São Rafael (Barral & Barral-Neto, 2008, p. 119).

A FMB em meio ao bacharelismo do Império e ao positivismo da Primeira República

A maioria das fontes bibliográficas sobre a FMB empregues nesta pesquisa vem de produção interna. Com “interna”, refiro-me a dois grupos com universos semânticos partilhados: o da categoria dos médicos como um todo no Brasil, e o da FMB com subconjunto deste. A memória da FMB interessa tanto à memória dos médicos do país inteiro, por ser a primeira instituição a formá-los e por custodiar preciosíssimos registros documentais sobre a história da profissão, quanto à própria FMB, porque é um dos elementos a conferir-lhe prestígio.

A produção de memória na FMB pode-se dizer “interna” a estes dois universos semânticos seja porque resulta do trabalho memorialístico de professores da instituição ou de organizações criadas pela própria FMB e seus egressos com a finalidade explícita de enquadrar a memória da instituição, seja porque resulta de um trabalho mais amplo e profissionalizado de construção de narrativas e enquadramento das memórias sobre a Medicina no Brasil. Não é objeto deste trabalho discutir os vieses de cada instituição responsável pela produção desta memória, trabalho mais apropriado para historiadores profissionais, mas cabe registrar estes dois elementos como crítica interna às fontes empregues.

Outro elemento de crítica ao conjunto de fontes é o de tratar-se de um *corpus* historiográfico de cunho eminentemente factual e biográfico. As fontes evidenciam uma espécie de “auge” da FMB entre as décadas de 1840 e 1940, aproximadamente, mas pouco ou nada dizem sobre o contexto em que os fatos responsáveis por

esta, digamos, “idade de ouro” da FMB. Pretendem seus produtores apenas estabelecer documentalmente datas de eventos significativos para a História da FMB, ou perscrutar a história documental da entidade em busca de vestígios da ação de indivíduos ilustres para reconstituir-lhes uma biografia. Não é trabalho fácil, e é trabalho por demais importante para quem depois venha analisar o *corpus* num trabalho de construção de narrativas históricas de cunho mais interpretativo, próprio de ramos como a História Social, a História do Trabalho, a História Política e mesmo de certas vertentes da História da Medicina. As fontes bibliográficas consultadas, entretanto, não fazem este trabalho de interpretação, limitando-se até o momento, salvo exceções pontuais, ao documentalismo e ao memorialismo.

Cabe, portanto, reconhecer esta limitação do *corpus* consultado – no que não vai nenhum demérito – para situar os fatos narrados em meio à história do Brasil, em especial de fenômenos já bastante conhecidos. O primeiro deles é o *bacharelismo* fenômeno político e social verificado primeiramente no Brasil no final do século XVIII, e que perdurou no Império, chegou à República e ainda pode ser encontrado na sociedade e na política brasileiras. O segundo deles é o *positivismo cientificista* que frutificou em meio às elites letradas brasileiras do último terço do século XIX em diante, que também tem reflexos na atualidade.

Bacharelismo

O *bacharelismo*, em linhas gerais, é um processo de renovação das elites no poder no qual a *educação universitária*, simbolizada pelo *diploma de bacharel*, atua como mecanismo de ascensão social para sujeitos por alguma razão excluídos ou impedidos de acessar espaços de poder, e atua igualmente como reforço dos laços sociais em meio a indivíduos integrantes da própria elite preexistente. Embora a universidade, enquanto instituição surgida no medievo europeu, tenha sido concebida também com esta função de preparar governantes e funcionários para as cortes senhoriais, no caso brasileiro o fenômeno do bacharelismo assume contornos particulares, que é preciso destrinchar com maior detalhe se se quer entender adequadamente que símbolos de poder são mobilizados pela memória da Medicina no Brasil.

Durante o período colonial as instituições de governo com atuação sobre a América portuguesa, como o Conselho Ultramarino, eram predominantemente formadas por “reinóis e filhos das casas de primeira nobreza” (Puntoni, 2013, p. 75). Além de um complexíssimo jogo político entre integrantes da nobreza, a estruturação da administração colonial, como parte da administração do império português, obedecia a pressões demográficas e condicionantes geográficas, financeiras e jurídicas próprias à aristocracia portuguesa (Hespanha, 1994, p. 61–294).

os grandes senhores de engenho encravados desde o século XVI no Nordeste do Brasil, tal como outras grandes potestades de fundo agrário ou a crescente burguesia e burocracia emersa durante o chamado “ciclo da mineração” do século XVIII, podiam ser senhores em suas terras, podiam valer-se da distância da administração colonial para arvorar-se poderes quase absolutos, podiam mesmo ser um dos alicerces econômicos do império português, mas seu espaço na administração colonial era em postos menores ou médios, dificilmente na cimeira. Mesmo Matias de Albuquerque, conde de Alegrete, primeiro “português nascido no Brasil” a alcançar o governo-geral do Estado do Brasil em 1624, não era, como se vê, considerado “brasileiro”. Foi somente em 1774 que uma lei que deu aos “mestiços” acesso a todos os postos, “honrarias e dignidades” (Bastide, 1985, p. 107), criando as condições jurídico-formais para uma renovação de elites operada em outros moldes. A independência brasileira de Portugal resulta, entre tantos outros fatores, também de uma insatisfação contra este estado de coisas: o “brasileiro” não era, ainda, uma “nacionalidade”, mas uma espécie de *xingamento*, um estigma que portugueses, nobres ou não, atiravam contra quem fizera fortuna nos negócios coloniais, mas não vinha de família nobre; contra quem nascera na colônia e se supunha, portanto, quase automaticamente e sem maiores considerações, ser um “mestiço”, alguém de “sangue impuro”, e portanto “inferior”.

A aristocracia brasileira surgida com a independência não tinha “linhagem”, faltavam-lhe os “quatro costados” necessários à nobreza. Nesta sociedade “agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição” (Freyre, 1978, p. 4) é que surge o bacharelismo. Gilberto Freyre, quem mais chamou a atenção para o fenômeno, radica-o nos últimos anos do século XVIII, tendo como principal marco as chamadas “revoluções liberais” ocorridas no Brasil nos últimos anos da colônia – Inconfidência Mineira, as duas revoluções pernambucanas etc. (Freyre, 2003, p. 717–718). Neste período, o bacharelismo surgiu como resultado decerto imprevisto da solução a muitas demandas e expectativas complexas.

O aumento no número de bacharéis supre lacunas na administração colonial surgidas em meio à expansão e complexificação da empresa colonial portuguesa, lacunas a que os “homens bons” das câmaras de vereança talvez não pudessem suprir, ou mais provavelmente não o soubessem. A burocracia colonial compunha-se tanto por um elemento localista e centrífugo aferrado ao poder local do regime escravista colonial dos senhores de terras, o *agente* local recrutado pelo rei; quanto, também, por um elemento centrípeto cujo poder dependia visceralmente do poder da coroa portuguesa, o *funcionário* de origem cortesã. Da tensão entre estes dois

elementos resultou uma potente dialética entre *localismo* e *centralização* que atravessou os últimos anos da colônia, perpassou o Império com pequeníssimas mudanças e chegou até a República sob a forma de coronelismo (Faoro, 2001; Leal, 2012). A expansão dos negócios coloniais envolvia questões cada vez mais complexas e uma necessidade cada vez maior de especialistas em leis, especialistas em saúde, especialistas em máquinas e engenhos etc., demanda a que os filhos dos grandes senhores agrários supriam com prazer, na medida em que, até aquele momento, era na Europa que se formavam estes especialistas nas universidades, o que implicava em viver, ainda que por breve período de tempo, na sofisticação metropolitana. Havia, também, novos atores entrando em cena:

Às vezes eram rapazes da burguesia mais nova das cidades que se bacharelavam na Europa. Filhos ou netos de “mascates”. Valorizados pela educação europeia, voltavam socialmente iguais aos filhos das mais velhas e poderosas famílias de senhores de terras. Do mesmo modo que iguais a estes, muitas vezes seus superiores pela melhor assimilação de valores europeus e pelo encanto particular, aos olhos do outro sexo, que o híbrido, quando eugênico, parece possuir como nenhum indivíduo de raça pura, voltavam os mestiços ou os mulatos claros. Alguns deles filhos ilegítimos de grandes senhores brancos; e com a mão pequena, o pé bonito, às vezes os lábios ou o nariz, dos pais fidalgos. (Freyre, 2003, p. 712)

A ascensão social por meio do bacharelato levou um famoso ensaísta do final do século XIX a citar, quanto a este período, “as centenas de bacharéis de raça cruzada” (Romero, 1901, p. 163–164) a que Gilberto Freyre pintou com outras cores:

...todos esses novos valores foram tornando-se as insígnias de mando de uma nova aristocracia: a dos sobrados. De uma nova nobreza: a dos doutores e bacharéis talvez mais do que a dos negociantes ou industriais. De uma nova casta: a de senhores de escravos e mesmo de terras, excessivamente sofisticados para tolerarem a vida rural na sua pureza rude. Eram tendências encarnadas principalmente pelo bacharel, filho legítimo ou não do senhor de engenho ou do fazendeiro, que voltava com novas ideias da Europa – de Coimbra, de Montpellier, de Paris, da Inglaterra, da Alemanha – onde fora estudar por influência ou lembrança de algum tio-padre mais liberal ou de algum parente maçom mais cosmopolita. (Freyre, 2003, p. 712)

O bacharelismo é, portanto, fenômeno acessório da ascensão social, política e econômica da burguesia urbana no Brasil. “Acessório”, porque tratou-se de uma ascensão sempre dependente da sorte da aristocracia latifundiária e do escravismo colonial. “Acessório”, porque amalgamaram-se, como bacharéis, tanto os filhos da burguesia em ascensão quanto os filhos da aristocracia agrária escravista, qualquer que fosse sua situação econômica. “Acessório”, porque, embora representasse a paulatina passagem do poder dos grandes senhores agrários para a burocracia de corte, eram ainda os grandes senhores agrários, diplomados ou não, os fiéis da balança nos jogos de poder durante o Império.

Fixava-se ao bacharelismo, entretanto, ainda outra questão: a *limpeza do passado*. A lei e os costumes ainda previam como três critérios para a ascensão à nobreza que a árvore genealógica dos candidatos não

apresentasse antepassados condenados por crime de lesa-majestade, nem qualquer “mancha” causada por “ofício mecânico” ou “sangue impuro”. O bacharel, por meio do diploma, tinha acesso a lugares de poder na administração pública antes de acesso muito dificultado, pela preponderância da aristocracia “de quatro costados”. Ficavam em segundo plano, aí, quaisquer “manchas” em sua genealogia. Importava menos saber da ascendência de um bacharel, raridade quase excêntrica numa sociedade onde mais de 80% da população ainda era analfabeta, que aproveitá-lo em alguma função útil. Advogado, médico, administrador de grande empresa agrária, funcionário público, pouco importa; depois da independência, já durante o Império, este tipo de *munus* público terminava por levá-lo a aspirar à nobreza ou às ordens imperiais – mesmo assim, com enormes limitações.

A nobreza brasileira era “nobreza de emergência”, “aristocracia improvisada e sem raízes”, “verdadeira caricatura da nobreza sem linhagem” (Holanda, 2003, p. 37); “até entre os titulares do Império”, prossegue Sérgio Buarque de Hollanda, “o que não faltam são as pessoas sem linhagem conhecida, os bastardos, os enjeitados, os mestiços, alguns destes com pigmentação bem carregada” (Holanda, 2005, p. 378). Para acessar postos de nobreza, comendas, honrarias e demais dignidades em que os dois imperadores sempre foram pródigos, bastava “estar bem apadrinhado no começo da carreira pública [...], a ambição de mando ou de *status* [...], a inteligência viva e brilhante [...], saber alguém impor-se, ao menos por um conjunto de qualidades que não dependa do aprendizado” (Holanda, 2005, p. 379), mas o diploma de bacharel tem um lugar especial entre os pré-requisitos para a nobreza:

O diploma e o canudo de bacharel são naturalmente o complemento e a insígnia tangíveis de tais virtudes, e numa sociedade pretensamente democrática ainda conservam muito do prestígio antigo dos brasões de nobreza, dando ao portador uma dignidade e importância que lhe permitam atravessar a vida inteira com discreta compostura, libertando-o da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais. E é compreensível, numa sociedade assim constituída, a subsistência de gradação hierárquica entre as profissões, correspondente a estas insígnias, e que, na hierarquia, o grau mais alto deva caber às artes ou profissões liberais, opostas às artes mecânicas, e que visam libertar quem os exerça ou possa exercê-las, de sujeições degradantes. (Holanda, 2005, p. 379)

Se o bacharelado era meio de ascensão social durante o Império, tal como a carreira militar o foi para quem contasse com menos recursos que o necessário para a carreira acadêmica e posterior ingresso na política, estes bacharéis precisavam, de algum modo, reconstruir seu próprio passado para legitimar suas pretensões aristocráticas. O diploma de bacharel era meio adequado, mas também o eram as manipulações do passado. Não por acaso manifesta-se na literatura brasileira deste período o *nativismo* que, por meio do *indianismo*, fez com os povos autóctones do Brasil um duplo jogo entre símbolo e realidade. No plano estritamente simbólico os povos indígenas eram enaltecidos e enobrecidos pelos bacharéis literatos como símbolos de “nobreza” cavalheiresca; no

plano das relações sociais e políticas concretas, todavia, eram perseguidos e exterminados sertão adentro pelas tropas imperiais e pela jagunçagem dos grandes latifundiários. Um exemplo da mobilização simbólica do indígena como exemplo de nobreza e cavalheirismo é a literatura do primeiro romantismo, o de Gonçalves Dias – mestiço autor do épico *I-Juca-Pirama* – e de José de Alencar – filho ilegítimo de padre e autor da “trilogia indígena” formada pelos romances *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*.

Um caso extremo desta mobilização simbólica dos povos autóctones é o do político Francisco Gomes Brandão. Nascido em Salvador, filho de comerciante português e de “mestiça” brasileira, entrou aos quatorze anos num seminário franciscano, de onde saiu para os bancos da faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde se formou em 1821. De volta ao Brasil, fundou com o editor Francisco Corte Real o jornal *O Constitucional*, em cujas páginas defendeu a independência. Chegou a tomar parte no conselho de insurgentes independentistas reunido em Cachoeira quando das primeiras lutas pela independência na Bahia. Consumada a independência, mudou seu nome para *Francisco Jê Acaiaba de Montezuma*, exilou-se pelos atritos com Pedro I e retornou para exercer longa carreira política, tendo sido ministro da Justiça, embaixador brasileiro em Londres, senador pela Bahia, presidente do Banco do Brasil, membro fundador do Instituto dos Advogados do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, e ao morrer já havia sido enobrecido como visconde de Jequitinhonha (Blake, 1883, p. 452–455).

A mobilização simbólica do indígena para dar ares de nobreza e cavalheirismo à “aristocracia de emergência” surgida no Brasil operava no plano da construção da memória “nacional” como tradição inventada. Tal operação pretendia afastar o “brasileiro” seja do passado português, seja da presença africana. Do primeiro, por força da xenofobia antiportuguesa que foi outro dos elementos fortes do processo independentista. Da segunda, porque a nobreza pretendida não coadunava com ligações genealógicas com pessoas que, sob o regime escravista, sequer eram pessoas, e sim *peças, coisas, besta de carga*, mão de obra para lavoura, mina e todo trabalho pesado que as pessoas livres considerassem desclassificante. A mobilização simbólica operada pelo nativismo indigenista é, toda ela, fruto de bacharéis, assim como antes o fora a mobilização de uma simbologia *pastoril* durante o período arcadista da literatura brasileira; bacharelismo e mobilização simbólica para inventar tradições e símbolos legitimadores são, no Brasil, duas faces da mesma moeda.

O bacharelado decerto marca a transição do regime político hegemônico exclusivamente pelos senhores de terras, atomizados pelos sertões a exercer em seus domínios poderes de quase monarca, para um

regime político em que a estes senhores mais “matutos” agregavam-se outros, agora temperados pelo regime de corte, aspirando à “civilização” pela imitação de francesismos, germanismos, italianismos, anglicismos e outras modas (Freyre, 2003, p. 722). O bacharelismo, frente ao regime aristocrático e senhorial que vigorara durante a fase colonial, representava enorme mudança nas formas de acesso ao poder. Seria o caso de falar em “democratização” do acesso aos lugares de poder, como tantas vezes insinua Gilberto Freyre? Uma análise de sua atuação na política baiana poderá ilustrá-lo.

Entre os 554 deputados à Assembleia Legislativa baiana durante o Império recenseados por Kátia Maria de Queirós Mattoso, só 225 (40,6% do total) haviam feito cursos universitários (Mattoso, 1992, p. 278). Parece pouco, mas o fato é notável porquanto o Brasil era, àquela altura, um país de analfabetos, que terminou o século XIX com menos de 20% da população alfabetizada; a participação de universitários nos lugares de poder era, portanto, desproporcional, em seu favor, relativamente à sua participação na população brasileira (e baiana) total.

Por outro lado, há que se observar, seguindo uma pista aberta pela mesma historiadora, que 79,5% dos enobrecidos, 73% dos senadores e 77,4% dos ministros radicavam-se em famílias e terras da região de Salvador e do Recôncavo baiano; para a historiadora, “sobretudo para os deputados do interior, uma boa instrução – que pressupunha algum recurso familiar – era uma garantia de êxito. Às vezes, ela podia atenuar as limitações de uma origem relativamente modesta” (Mattoso, 1992, p. 278). Esta afirmação merece uma explicação mais extensa, usando as palavras da mesma historiadora, para situar um panorama da educação na Bahia do século XIX:

As pessoas pobres não tinham a menor possibilidade de oferecer estudos a seus filhos. O ensino primário era geralmente ministrado por padres e vigários, por professores formados na Escola Normal (fundada em 1837) e por leigos, ou seja, autodidatas alfabetizados. Muitas vezes, o nível de instrução desses leigos permitia apenas uma leitura deficiente e uma ortografia aproximativa. Aprendia-se, com eles, alguns rudimentos de aritmética e o reconhecimento das letras, suficiente para que o aluno pudesse assinar seu nome. Os filhos das famílias abastadas continuavam seus estudos em colégios privados, numerosos em Salvador, que funcionavam em regime de internato e recebiam alunos oriundos das grandes famílias do Recôncavo. Na primeira metade do século, foram fundados um liceu provincial, um seminário menor e um seminário maior. (Mattoso, 1992, p. 279)

A maior parte dos deputados baianos durante o Império fez, pelo menos, estudos secundários em Salvador, mas se o objetivo fosse algum curso universitário restavam poucas opções: durante quase todo o período imperial, além da FMB, existiram apenas a faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e as faculdades de Direito em Olinda (Pernambuco) e São Paulo. Um seminário poderia suprir a falta de instrução universitária, mas, conquanto mais numerosos que as faculdades, eram igualmente poucos os seminários país afora.

As faculdades e seminários, além da instrução universitária, serviam, como hoje, também de espaço de socialização entre jovens. Mas não de qualquer jovem: eram filhos de famílias abastadas, não raro aparentadas entre si por meio de algum antepassado encontrável nas árvores genealógicas com que pretendiam provar seus “quatro costados” de nobreza. Às vezes encontravam-se nos bancos das faculdades as novas gerações de famílias adversárias na política, que ao verem-se forçadas ao convívio num espaço pretensamente “neutro” habituavam-se ao que poderia vir no futuro a ser seu comportamento em espaços parlamentares e de corte. O jovem de origem humilde, ingresso nas faculdades quase invariavelmente pelo apadrinhamento de um benfeitor (sempre homem), ganhava com a convivência entre os jovens de origem aristocrática não apenas o conhecimento, o *savoir-faire*, mas também um meio de relacionamentos, uma *old boys network*, um *métier*, pois a passagem pelos liceus e faculdades na juventude criava laços que se considerava inquebrantáveis. A este respeito, Kátia Mattoso observou que “algumas carreiras foram feitas graças às amizades que nasceram nos bancos escolares, complementando as solidariedades de classe social” (Mattoso, 1992, p. 279).

O estudo de Kátia Mattoso evidencia um aspecto que terá algum impacto nesta pesquisa: importante como fosse o diploma universitário, parece ter havido certa preponderância pelo diploma de bacharel em *Direito* como passaporte para a política. Entre 222 deputados provinciais recenseados por esta historiadora, por exemplo, 152 (68,5% do total) era bacharel em Direito, contra 42 bacharéis em Medicina (18,9%), 19 sacerdotes (8,5%), 3 engenheiros (1,35%) e 2 “doutores” sem maior especificação (0,9%) (Mattoso, 1992, p. 279). As demais fontes bibliográficas consultadas nesta pesquisa, conquanto não usem métodos estatísticos, corroboram a predominância dos bacharéis em Direito sobre os demais (Faoro, 2001; Freyre, 2003, 2004; Holanda, 2003, 2005; Leal, 2012; Venâncio Filho, 1970). Não se deve estranhar que um curso voltado para o aprendizado no manejo das *leis*, instrumento burocrático por excelência, tenha prevalecido, como meio de ascensão social e política, sobre os demais.

O bacharelismo projeta-se além do tempo que o originou. Um dos pilares da mobilidade social ascendente no Império, fundamento da nobilitação de tantos, lastro para o inter-relacionamento entre jovens aristocratas, perdeu-se apenas seu caráter nobilitante, pois seus demais aspectos persistem. Veja-se a este respeito a persistência, no imaginário popular brasileiro, da ideia fixa, e antidemocrática, de que para governar é preciso “preparo”, querendo com isto dizer que é preciso *estudos*, ou, melhor dizendo, *diploma de “doutor”*. Em segundo lugar, porque muito antes do advento das cotas para acesso ao ensino universitário, foi por meio do diploma

universitário conquistado graças a um apadrinhamento precoce – consoante a “cultura do favor” que caracterizou o Império e imprimiu-se como traço marcante da cultura brasileira (Schwarz, 1973) – que uma reduzidíssima parcela da população negra e “mestiça” conseguiu ascender socialmente.

Isto importa para a presente pesquisa. A FMB não foi, certamente, a originadora do bacharelismo, porque desde séculos antes foi precedida neste aspecto por universidades europeias (Coimbra, Paris, Montpellier etc.). Sua criação, entretanto, responde tanto à crônica falta no Brasil de médicos formados – ficando a saúde dos habitantes da colônia a cargo de barbeiros, parteiras, curandeiros etc. – quanto às pressões sociais, políticas e econômicas que resultaram no fenômeno bacharelista. As fontes consultadas – e, como se verá adiante, também as memórias dos entrevistados nesta pesquisa – costumam referir-se episodicamente a uma ou outra figura da política egressa da FMB (deputados, senadores, governadores, prefeitos, e mesmo um presidente) por razões que – também adiante – serão discutidas mais extensamente; muito mais que estas figuras episódicas, entretanto, é a própria FMB, como instituição, que representa uma forma de acesso ao poder.

Positivismo

Outro ponto sobre o qual a produção de memória “interna” pouco ou nada diz é a influência do *positivismo* sobre algumas gerações de professores e estudantes da FMB. O crítico literário Alfredo Bosi afirma que o positivismo foi como que excluído da história das ideias:

[...] banido das interpretações macro-históricas pela sociologia da cultura e pelo marxismo aberto de Benjamin e Adorno; expulso da crítica literária pelo intuicionismo de Croce e da estilística espanhola ou, mais recentemente, pela semiologia prazerosa do texto de Barthes; rejeitado, desde Bergson, por filósofos prestigiosos do século XX, Heidegger, Jaspers, Sartre e Foucault. (Bosi, 2004, p. 157–158)

De fato, o tipo de positivismo grosseiramente empirista, hoje reputado as mais das vezes como pseudocientífico, que floresceu no Brasil entre o último quartel do século XIX e meados do século XX já não tem mais vez entre pesquisadores. Seus limites epistemológicos, metodológicos e outros de natureza filosófica mais profunda já foram expostos até que restasse soterrado, como uma espécie de nota de rodapé na história da produção de ciência no Brasil. Trata-se, entretanto, de importante capítulo da história das ideias, não apenas porque influenciou setores significativos da intelectualidade brasileira, mas também, e talvez mesmo principalmente, porque aglutinou as pessoas de espírito progressista e republicano de sua época em torno de uma ideologia de cunho cientificista, elitista e grosseiramente empirista, com fortíssimo viés racista, racista e tutelar no que diz respeito aos negros e também aos povos indígenas. Cruz Costa, historiador da filosofia e do pensamento

brasileiros, não esconde este impacto ao dizer que o positivismo foi “uma tentativa de ‘doutrinação’, se assim podemos dizer, que fracassou, mas que encontrou, parece, no espírito e no pensamento brasileiros – nos quais ela ainda talvez se mantém em estado difuso – uma importância que ainda não se revelou suficientemente” (Cruz Costa, 1956, p. 10).

Mas o que foi, afinal, o positivismo? A resposta dependerá de para onde se olhe, pois houve muitas vertentes desta escola

- a) o *positivismo comteano*, filosofia e prática política de Augusto Comte que no Brasil foi inclusive cultuada em tom religioso por meio da Igreja Positivista do Brasil (Bosi, 2004; Cruz Costa, 1956; Lins, 1964);
- b) o *utilitarismo* e o *empirismo* de John Stuart Mill (Mill, 1978);
- c) quase toda a primeira leva de *cientistas sociais franceses*, influenciados pela filosofia de Augusto Comte e pela sua aplicação científica por meio do método sociológico de Émile Durkheim; pela psicologia de massas de Gabriel Tarde e Gustave Le Bon, pela filosofia moral objetivista de Jean-Marie Guyau etc., pautados pelo empirista e objetivista lema durkheimiano de “tratar os fatos sociais como coisas”;
- d) o *lamarckismo*, teoria científica de Jean-Baptiste Lamarck hoje superada pela reiterada evidência experimental, segundo a qual características físicas adquiridas por um ser vivo ao longo de sua existência podem ser transmitidas a seus descendentes;
- e) a *microbiologia experimental* de Louis Pasteur, Ferdinand Cohn, Robert Koch, Claude Bernard e Rudolf Virchow, que paulatinamente solaparam a antiga teoria miasmática do contágio;
- f) a complexa *psicologia experimental* de Wilhelm Wundt (1874, 1900, 1913), que floresceu nas fronteiras entre fisiologia, neurologia e neuropsicologia com fortíssimo pendor antropológico;
- g) a pseudocientífica *fisiognomia* dos anatomistas alemães Johann Kaspar Lavater e Franz Joseph Gall, que pretendia determinar o “caráter” psicológico dos indivíduos por meio de sua aparência externa (especialmente seus rostos), e seu mais conhecido desenvolvimento, a *frenologia*, também invenção de Gall, que pretendia com isso entender a psicologia das “raças” humanas por meio de complexas medições do formato de seus crânios (I. S. Costa, 1997, p. 20–41);
- h) a *escola italiana de criminologia*, controverso ramo científico criado, principalmente, por Cesare Lombroso, defensor da ideia pseudocientífica do “criminoso nato” identificável por traços físicos (testa

grande, orelhas de tamanho incomum, assimetria facial, braços excessivamente compridos, prognatismo, alta tolerância à dor etc.), e acessoriamente por dois discípulos de Lombroso: Raffaele Garofalo, defensor da ideia pseudocientífica do “crime natural”, que explicava a criminalidade como a prática de atos contrários à “natureza humana” (considerada como universalmente baseada nos sentimentos de probidade e piedade); e Enrico Ferri, que, substituindo os fatores biológicos pelos sociais, econômicos e psicológicos, justificou o combate à criminalidade como forma de “defesa social” (I. S. Costa, 1997, p. 41–45);

- i) o *darwinismo social*, hoje considerado pseudocientífico, iniciado por Thomas Henry Huxley por sobre a herança literária de Charles Darwin e continuado até o paroxismo pelo polímata Herbert Spencer, que funda toda uma filosofia e uma produção (pseudo)científica sobre o lema da “sobrevivência do mais forte” (Hawkins, 1997);
- j) a *eugenia “científica”* criada pelo polímata inglês Francis Galton, primo distante de Charles Darwin;
- k) o *racionalismo “científico”* proposto, entre outros, pelo naturalista francês Louis Agassiz, pelo zoólogo alemão Ernest Haeckel – que chegou a propor e defender o assassinato de duzentas mil pessoas com doenças congênitas ou com transtornos psiquiátricos (Haeckel, 1905) – e pelo controverso aristocrata e diplomata francês Alfred de Gobineau, que radicou e justificou a desigualdade social em função de diferenças de “raças” – umas inferiores e outras superiores, com preponderância da “raça” ariana (Gobineau, 1853; Poliakov, 1974) – e que entre 1866 e 1870 foi legatário diplomático francês no Brasil, país que odiou profundamente, chamando-o de “país sem futuro” por força da mistura de “raças” que considerava “inferiores” (Raeders, 1997).

Não é objetivo desta pesquisa mapear todas as escolas do positivismo do século XIX, tampouco o é o rastreamento minucioso da influência de cada uma destas teorias sobre os acadêmicos da FMB, mas o arrolamento sumário destas vertentes do positivismo mostram que o fenômeno é mais amplo do que sugerem os estudiosos brasileiros do tema, concentrados principalmente nos estudos sobre o positivismo *comteano* por força de sua influência sobre uma geração de *bacharéis*, intelectuais e militares que se destacaram por sua atuação em vários campos da vida pública brasileira entre o último quartel do século XIX e meados do século XX: Nísia Floresta, Luísa Pereira Barreto, Benjamin Constant, Júlio de Castilhos, Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes, Euclides da

Cunha, Cândido Rondon, Demétrio Ribeiro, Carlos Torres Gonçalves, Ivan Lins, Edgard Roquette-Pinto, Barbosa Lima, Lindolfo Collor, Júlio Caetano Horta Barbosa etc. (Bosi, 2004; Cruz Costa, 1956; Lins, 1964).

“Positivismo”, na acepção adotada nesta pesquisa, é em primeiro lugar a postura epistemológica segundo a qual há certo conhecimento, cujo alcance de validade varia de “escola” para “escola”, que deve ser baseado na observação de fenômenos “naturais” e suas propriedades, interpretados por meio da razão e da lógica, excluindo como “anticientífica” qualquer interpretação baseada na intuição, inspiração, metafísica, teologia ou outras formas de conhecimento. Nesta acepção, o positivismo quase se confunde com qualquer forma de conhecimento científico, porque surgem ambos do empirismo e do racionalismo; este “positivismo clássico” poderia, portanto, ser confundido com outras escolas de pensamento e epistemologia também conhecidas por este nome (como o *positivismo lógico* da Escola de Viena, ou o *positivismo jurídico*).

Ocorre que, diferentemente do que é o método científico atualmente empregue, esta forma “clássica” do positivismo também implica, em segundo lugar, em algum nível de “naturalização” das relações sociais, que pelo viés positivista são determinadas – no sentido mais forte da palavra – por fatores naturais como dieta, hereditariedade, clima, “má formação” do corpo, em suma, por “leis naturais” de que não havia como escapar. É este *determinismo naturalista*, que exclui de antemão qualquer relevância para a explicação dos fenômenos sociais por meio das próprias relações que os indivíduos constroem entre si e que formam a vida social, é esta a característica marcante do positivismo neste período, que o diferencia de todas as demais escolas epistemológicas que porventura vieram a se tornar conhecidas pelo mesmo nome.

Decorrem deste determinismo naturalista e racionalista um pendor político para o *autoritarismo tutelar*, para uma concepção hierarquizada da sociedade (Freyre, 2004, p. 214–224); não o despotismo, diga-se, mas um autoritarismo bem republicano, zeloso da ordem pública; variando entre a apologia da mestiçagem (na vertente comteana) e a crítica à “degeneração” pelas “raças inferiores” (na vertente lombrosiana) mas em todos os casos partícipe ativo na campanha abolicionista; adepto da incorporação do “elemento proletário” na “sociedade moderna” (Bosi, 2004, p. 163); defensor de uma concepção de autonomia indígena em que a terra indígena seria “ao mesmo tempo incluída no território nacional e dotada de estatuto próprio e independente” (Bosi, 2004, p. 166) etc. As pautas defendidas pelo positivismo mesclavam progressismo republicano e autoritarismo na política;

igualitarismo republicano (igualitarismo jurídico-formal perante a lei) e racismo socialmente hierarquizante nas relações sociais...

A complexa herança do positivismo é marcada na FMB pela “escola” de Medicina Legal e Antropologia Criminal que se considera iniciada pela polêmica figura de Raimundo Nina Rodrigues. Em 1888 este médico maranhense instalou-se definitivamente em Salvador como professor da FMB após breve período clinicando em sua São Luís natal, e em pouco tempo ficou conhecido como “doutor dos pobres” por sua preferência em atender os menos favorecidos (Paz, 2007, p. 222). Inicialmente um continuador da Escola Tropicalista, já na década de 1890, fortemente influenciado pela antropologia criminal lombrosiana e pela psicologia experimental de Wundt (I. S. Costa, 1997, p. 46), afastou-se da *Gazeta Médica da Bahia* e deu início a uma carreira voltada para a Medicina Pública e a Medicina Legal – mas sempre com uma preocupação em analisar e compreender as diferenças entre “raças”. Nina Rodrigues, além de atender os “alienados”, era o exemplo mais perfeito do cientista pesquisador de campo: frequentava terreiros de candomblé, festas populares, arrabaldes de Salvador e cidades circunvizinhas, sempre em busca da população que pretendia estudar – ao ponto de seus colegas médicos chamarem-no de “negreiro” e dizerem: “Nina está maluco! Frequenta candomblés, deita-se com as inhaôs [sic] e come a comida dos orixás” (E. de Lima, 1979; L. de A. Lima, 1980, p. 5).

Uma longa citação da *magnum opus* de Nina Rodrigues, por sinal muito citada e referenciada nos estudos sobre seu legado intelectual, servirá de exemplo da complexidade da questão:

Se conhecemos homens negros ou de cor de indubitável merecimento e credores de estima e respeito, não há de obstar esse facto o reconhecimento desta verdade – que até hoje não se puderam os Negros constituir em povos civilizados. O critério científico da inferioridade da Raça Negra nada tem de comum com a revoltante exploração que delle fizeram os interesses escravistas dos Norte americanos. Para a sciencia não é esta inferioridade mais do que um phenomeno de ordem perfeitamente natural, producto da marcha desigual do desenvolvimento phylogenetico da humanidade nas suas diversas divisões ou seções. [...] Se a sciencia não pode, pois, deixar de levar em conta, como factor sociologico, os prejuizos de castas e raças, em compensação nunca poderão estes influir nos seus juizos. Aliás, taes prejuizos não existem no Brasil. Neste livro nem precisamos dissimular a viva sympathia que nos inspira o Negro brasileiro. Brancos, mestiços e negros, entre nós, discorrem e pontificam todos os dias da decadencia da raça latina; é mesmo de bom tom ostentar desprezo por esses inferiores, cortejando humildemente os fortes teutões e anglo-saxões. Se taes juizos são controvertidos ou contestados, ninguém por isso se mostra pessoalmente magoado ou offendido. Porque, pois, aplicar aos Negros e Mestiços criterio científico diverso, transformando uma questão de principios em questão de pessoas? (Nina Rodrigues, 1935b, p. 20–21)

Vê-se que Nina Rodrigues sequer tinha a “raça latina” em alta conta. Externou também Nina Rodrigues sua simpatia pela “raça negra” – simpatia que nem por isso impede-o de qualificar os negros como “raça inferior”.

Mais inferior ainda que a “raça latina”, como se vê noutra passagem:

A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as sympathias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus thuriferarios, ha de constituir sempre um dos factores de nossa inferioridade como povo. (Nina Rodrigues, 1935b, p. 24)

Figura muito contraditória, polêmico mesmo em seu tempo, lombrosiano quando o lombrosismo caíra em descrédito já desde o III Congresso Internacional de Antropologia Criminal de Bruxelas, em 1892 (I. S. Costa, 1997, p. 49), Nina Rodrigues era tão racista quanto a vasta maioria dos intelectuais seus contemporâneos influenciados pelo racismo científico. Diferenciava-se sobretudo por não temer as consequências de sua opção teórica (Corrêa, 2001, p. 43), chegando ao extremo de propor, nos debates em torno do Código Penal de 1890, a existência no Brasil de *vários códigos penais distintos*, legislação adaptando-se ao *clima* e às “raças” (Nina Rodrigues, 1938). Se o racismo científico de Nina Rodrigues pode ser interpretado como “uma ciência médica que, desiludida com as promessas de igualdade da Abolição e da República, se perguntará pelas causas das desigualdades observadas” (Corrêa, 2001, p. 73), isso ajuda a entendê-lo em seu contexto, mas não o justifica aos olhos de hoje. Racialista, sim, mas observador curioso, interessado e arguto de todos os fenômenos demarcadores da “diferença” entre as “raças” (Schwarcz, 2007, p. 883): o mesmo médico capaz de atribuir aos negros e aos “mestiços” toda a responsabilidade pela “degenerescência” e “inferioridade” brasileira era o cientista patriótico que, sentindo-se imbuído de algo como uma “missão” ou “dever público”, registrou minuciosamente as práticas e hábitos cotidianos e religiosos da população negra, dando visibilidade a práticas até aquele momento (e ainda por bastante tempo) criminalizadas, como o candomblé e a capoeira (Nina Rodrigues, 1935a, 1935b).

Fundador quase isolado da Medicina Legal, deixou Nina Rodrigues alguns colegas, companheiros e discípulos, como Afrânio Peixoto, Diógenes Sampaio, Oscar Freire e Arthur Ramos, que continuaram a institucionalização deste ramo da ciência médica. Arthur Ramos foi além, enveredando-se pela Antropologia como o fizera seu mestre, onde firmou sólida carreira. O duplo legado de Nina Rodrigues é uma herança que, para a FMB, não se aproveita sem nódoas.

Selecionar, enquadrar e produzir tradições: a cultura visual e o labor da memória na FMB

Neste capítulo, investigarei os valores comuns dos membros da comunidade médica representados pela cultura visual da FMB, analisarei as representações imagéticas dos retratos de catedráticos falecidos e diretores, analisarei o nível de percepção dos trabalhadores da FMBA e identificarei como ocorre a representação neste acervo. Todos estes temas são objetivos específicos da pesquisa, que só agora, depois de certo transcurso historiográfico e memorialista evidenciador de fatos e eventos históricos recorrentes nas entrevistas, se pode analisar com maior calma.

A memória da FMB e o trabalho de seu enquadramento

Existe hoje na FMB um cuidado muito grande com a memória, mas nem sempre foi assim. Na verdade, a memória da FMB dependeu de três grandes esforços coletivos, separados por enorme hiato. A primeira organização do arquivo da FMB ocorreu em 1909 sob a gestão do diretor Augusto Cezar Vianna e do secretário Menandro dos Reis Meirelles, um ano depois do centenário e quatro anos depois do grande incêndio que colocou em risco todas as instalações físicas da FMB. Depois desta primeira e grande reorganização a memória da FMB não passou por outra, e pior: com a mudança para o novo pavilhão de aulas do Canela o prédio da FMB no Terreiro de Jesus, onde estão todos os documentos históricos da instituição, permaneceu literalmente abandonado por muitos anos, até que em 1982 foi criado o Memorial da Medicina durante a gestão do reitor Luiz Fernando Macedo Costa; o projeto *Reconhecimento Global e Estruturação das Séries Documentais do Acervo do Memorial de Medicina*, sob coordenação de Maria José Rabello de Freitas, contou com a participação de especialistas da Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação, Conservação e Restauração de Documentos e da Medicina, muitos com formação e pós-graduação em centros de excelência em preservação documental no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos (Duarte et al., 2008, p. 191).

Teve início aí um trabalho mais propriamente profissionalizado e institucionalizado de tratamento da memória institucional da FMB pela própria FMB. O trabalho pioneiro de Anselmo Pires de Albuquerque à frente dos arquivos da FMB desde 1896, que depois da reorganização arquivística de 1909 resultou na estruturação dos Arquivos da Faculdade de Medicina da Bahia entre 1916 e 1919, foi infelizmente trabalho quase solitário, que sua aposentadoria em 1934 encerrou (Fortuna & Tavares-Neto, 2010). Se em 27 de novembro de 1946 a boa vontade de médicos preocupados com a memória da Medicina e da FMB onde haviam se formado levou-os a fundar o

Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), atualmente instalado no prédio da FMB, não se pode esquecer que o IBHMCA, nobres como sejam suas missões institucionais, é entidade com personalidade jurídica distinta e funcionamento independente da FMB (Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), 2018b, 2018a). Ocorre que este pioneiro trabalho iniciado em 1982 foi abandonado, ficou a meio de caminho, sendo possível verificar décadas depois que o acervo do Memorial da Medicina estava como que esquecido, “sem revisão e manutenção apropriadas para a continuidade das ações operacionalizadas pelo projeto da Profª Maria José Rabello de Freitas” (Duarte et al., 2008, p. 192).

Veio então a terceira fase da produção da memória institucional da FMB, em 1995, com a transformação do Memorial da Medicina, em Memorial da Medicina Brasileira (MMB), agora definitivamente incorporado à estrutura organizacional da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (República Federativa do Brasil, 1995). Passo importante, mas ainda incipiente: o MMB funcionava na antiga sede da FMB no Terreiro de Jesus, a esta altura prédio bastante desgastado pelo tempo, que em vários pontos ameaçava ruir. Tal mudança de nome, entretanto, simbolizava uma movimentação interna à FMB de retomada de seu patrimônio histórico, que acelerou o processo de retomada do trabalho de preservação e conservação do acervo da FMB, e culminou na volta da FMB ao antigo prédio, em março de 2004, e no projeto “Salvaguarda do acervo do Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia: primeira etapa”, concebido e coordenado por Zeny Duarte, do Instituto de Ciência da Informação da UFBA (ICI) (Duarte et al., 2008, p. 192). Este projeto contempla o “reconhecimento da metodologia arquivística existente e análise das condições do estado de conservação física dos documentos”, agora delimitados entre o período de 1808 e 1978, começando pelo “conjunto de documentos referentes à vida acadêmica dos alunos e se caracteriza pela que detém um número maior de itens documentais”, indo “desde a inscrição dos exames de ingresso na Faculdade até a obtenção do título acadêmico” (Duarte et al., 2008, p. 192), com especial interesse em temas como a paleografia, a diplomática, e a presença de mulheres e negros na FMB e no meio médico (Duarte et al., 2008, p. 193). O MMB foi formalmente reaberto ao público em 06 de janeiro de 2020.

As entrevistas: apresentação e metodologia

Para ter acesso a informações privilegiadas sobre o trabalho de produção de memória e sobre a cultura visual existentes na FMB, assim como seus ritos e costumes, recorri a uma série de entrevistas semiestruturadas que tematizam a relação entre as pessoas entrevistadas e a FMB; a percepção delas sobre a relevância, histórica e

atual, da FMB; a relação das pessoas entrevistadas com o próprio prédio da FMB, um ícone de cultura e poder encravado no Centro Histórico de Salvador; e a relação com um dos elementos visuais mais impactantes do prédio: a coleção de retratos de professores e diretores, imponente elo visual entre o passado e o presente da FMB.

No que diz respeito à apresentação das entrevistas, cada uma das perguntas resultou num bloco de respostas, que optei por partilhar na íntegra, sem cortes ou edições. Entendo que este trabalho é, além de uma reflexão sobre a cultura visual que permeia a FMB, um trabalho de produção de memória, e as respostas poderão servir a pesquisas futuras (minhas ou de outros). Houve uma ou duas situações em que foi preciso suprimir o nome de pessoas mencionadas nas entrevistas, mas este procedimento não interferiu senão no aspecto da nomeação à autoria. Houve também situações em que alguma palavra ou fato importante era mencionado, e precisei estender mais o assunto com perguntas acessórias, que foram incorporadas ao texto da resposta entre colchetes. Entre colchetes também estão eventuais esclarecimentos quanto a pessoas, datas, coisas e lugares. Sempre que, numa entrevista feita por vídeo, não foi possível entender o que foi dito ao transcrever o material gravado, marquei como *inaudível* a palavra ou expressão; melhor isso que interferir mais drasticamente no conteúdo das entrevistas, trazendo quem sabe significados que talvez não fossem intenção das pessoas entrevistadas.

Em respeito à privacidade das pessoas entrevistadas, que responderam ora via entrevista em vídeo, ora por escrito, sem as intimidações e cautelas próprias de um discurso voltado para público, optei por anonimizar cada uma das pessoas entrevistadas na medida do possível. Deixo, entretanto, um perfil sumário de cada entrevistado para melhor situar sua posição dentro da FMB e na sociedade.

- a) **Entrevista 01:** professor associado IV da FMB.
- b) **Entrevista 02:** professora associada aposentada da FMB.
- c) **Entrevista 03:** docente titular aposentado e docente permanente da pós-graduação da FMB.
- d) **Entrevista 04:** membro titular do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA), que funciona no mesmo prédio da FMB.
- e) **Entrevista 05:** técnica em assuntos educacionais da FMB.
- f) **Entrevista 06:** técnico de tecnologia da informação da FMB.
- g) **Entrevista 07:** assistente em administração da FMB.

- h) **Entrevista 08:** estagiário do projeto especial de monitoria e mediação do memorial da Biblioteca Gonçalo Moniz (BGM).
- i) **Entrevista 09:** estudante de graduação da UFBA, bolsista de projeto vinculado à FMB.
- j) **Entrevista 10:** agente de portaria atuante na FMB, vinculado a empresa terceirizada.

As entrevistas terminam evocando não apenas fatos objetivos, mas também memórias pessoais de extremo interesse para uma análise simbólica. Identifiquei e classifiquei, nomeando-as eu próprio, três ordens de memórias mobilizadas pelos entrevistados.

A primeira, as memórias *profissionais*, expressam a trajetórias em que o trabalho medeia a relação entre o indivíduo e a FMB. Todos os entrevistados mencionaram memórias deste tipo relativamente à FMB, porque é sobretudo o trabalho que media sua relação com a instituição, com o prédio, com o acervo do MMB, com o público...

A segunda, as memórias *pessoais*, expressam a trajetória do indivíduo na FMB de modo mais pessoal, direto, afetivo, íntimo até. Entram em jogo aí símbolos, afetos e representações de natureza mais direta, imediata, a integrar as memórias pessoais com as memórias coletivas.

A terceira, a memória *epifânica*, toma como base a reflexão mais recente na psicologia sobre a *epifania* e os *estados epifânicos* (Jarvis, 1996; M. G. McDonald, 2008) e expressa-se na descrição de fatos aparentemente prosaicos capazes de evocar, a partir da conexão entre eles e a história de vida do enunciante da memória, enorme quantidade de significados implícitos, ocultos, subjacentes, não-ditos. Devidamente perscrutadas, mesmo as memórias profissionais e pessoais poderão ter algum caráter epifânico, mas neste caso o que chamou a atenção foi o fato de tais memórias evocarem fatos e memórias em que nem sempre a pessoa entrevistada não esteve diretamente envolvida. Estas memórias epifânicas servirão como base para muitas das interpretações e extrapolações do capítulo seguinte.

Memórias, afetos e realizações: trajetórias pessoais na FMB

O primeiro grupo de perguntas age como uma espécie de “quebra-gelo” ao resgatar, logo no início da entrevistas, memórias, afetos e realizações que eventualmente serão interpretadas a partir de seu caráter simbólico ao conectarem-se com as respostas a outras perguntas.

A entrada na FMB

A primeira pergunta da entrevista indaga *como e quando a pessoa entrevistada entrou na FMB*. Servindo como uma espécie de “quebra-gelo” e apresentação pessoal, permite situar, além da apresentação sumária acima, de que modo a trajetória pessoal e a trajetória institucional da FMB se cruzaram.

Entrevista 1 - Eu entrei por concurso em janeiro de 2002, e fui nomeado no dia 03 de junho de 2002. Antes disso eu já tinha contato com a escola, porque eu tinha sido residente da Faculdade de Medicina, tinha começado o mestrado aí, depois esse mestrado foi se transformado em doutorado e durante muitos anos eu fui professor colaborador do PPGMS [*Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde*], mesmo sem vínculo com a instituição. Era possível antes, que pessoas que não fossem da UFBA fossem convidados da Pós [*Pós-Graduação*]. Minha relação com a escola é desde 1989. E de relação oficial assim por concurso é de 2002. [*Então até a década de 1990 poderia ter esse vínculo informal com a Faculdade?*] Era. Mas só na Pós-Graduação. Tinha o status de professor colaborador, que você poderia ser de outra instituição e fazer parte do programa, eu era professor colaborador. Na época eu era professor da Escola Baiana de Medicina, então acho que eles utilizavam isso como vínculo.

Entrevista 2 - Ingressei em 1987 por um primeiro concurso para docente e depois segundo concurso docente em 1992

Entrevista 3 - Eu me aposentei da faculdade de Medicina em 2014 como professor titular. [...] Então, sobre a faculdade, eu entrei na faculdade em setembro de 1979, como professor contratado para ensinar na pós-graduação, fiz concurso e entrei em maio de 1980, como professor concursado.

Entrevista 4 - Quando fiz vestibular para Medicina, em 1951.

Entrevista 5 - Eu entrei na Faculdade de Medicina da Bahia em 16 de outubro de 2018. Eu entrei através de concurso público, estou lotada lá na faculdade.

Entrevista 6 – Então, em 2012, mais precisamente no dia 5 de outubro, mediante concurso.

Entrevista 7 - Ingressei na FMB em 23 de agosto de 2018, por meio de concurso público realizado pela UFBA.

Entrevista 8 - Através de estágio na BGM, em 2015, foi como conheci o Memorial.

Entrevista 9 - Ingressei em agosto de 2019 através do projeto Permanecer como bolsista.

Entrevista 10 - [...] Trabalho para Faculdade de Medicina na empresa terceirizada e estou trabalhando lá desde junho de 2001, foi quando eu cheguei para trabalhar lá, que foi por uma empresa que meu pai trabalhava. E aí conseguiu esse trabalho para mim lá e foi indo e estou até hoje lá. [*Desde que você entrou em 2001, foi sempre no Pelourinho ou você chegou a trabalhar no Canela?*] Eu trabalhei uma vez, um plantão na FMB Canela. [*Mas temporariamente?*] Foi um dia só, que faltou alguém lá na época e estava de atestado e o supervisor que eu tinha na época me pediu pra ir lá, tirei um plantão só.

A diversidade nos tempos da relação permite situar mais adequadamente as relações com a cultura visual da FMB. Há entre as pessoas entrevistadas quem tenha conhecido o velho prédio da FMB ainda quando estudantes, o que certamente terá contribuído para que guardem dele muitas memórias. Há também aqueles que, ainda estudantes, desenvolvem sua vida acadêmica em projetos vinculados à FMB e ao MMB. Sete entre os entrevistados não apenas entraram na FMB pela via do concurso público para a graduação, para a docência ou para o trabalho com técnicos administrativos; trata-se de procedimento obrigatório no Brasil para o ingresso no

ensino público universitário ou no serviço público, mas é interessante observar como esta etapa inevitável do processo de entrada é destacada como que num tom de afirmação de uma conquista pessoal.

Memórias em torno da FMB

A segunda pergunta, ainda de cunho memorialístico, indaga *quais as suas principais memórias de seu tempo na FMB*. As respostas foram mais longas, mesmo naqueles que têm pouco tempo de relação com a FMB.

Entrevista 1 - Era uma coisa para mim importante fazer parte do corpo docente da Escola, então entre 1989 que eu comecei como aluno especial do mestrado e 2002, se passaram 13 anos, nesses 13 anos só tinha tido concurso no ano de 1992, e eu não fiz, porque eu não estava vivendo aqui, eu estava vivendo na França. Então nós tivemos um hiato de tempo de 10 anos, de 1992 até 2002, quando voltou a ter concurso, foram 10 anos sem concurso. Minha memória era de uma coisa, foi bastante tempo mesmo. De uma coisa que eu sempre tinha planejado para minha vida, que era de ser professor universitário, por questões de estabilidade eu preferia que fosse em uma escola pública, por concurso, que eu não viveria tanto a mercê dos gerentes, dos administradores da escola, então, as minhas memórias começam aí. Fui acolhido no departamento de Pediatria, e de imediato me deram uma monitoria de Pediatria para eu tomar conta. Nós tínhamos um problema grande de espaço no Canela. Dois anos depois que eu entrei, em 2004, quando a escola voltou a funcionar no Terreiro de Jesus, eu fui ao Terreiro, liguei para o diretor, iria pedir a ele para me arrumar uma sala para eu me reunir com os meus monitores no Canela, e quando eu cheguei ali naquela varanda da sala de Cibele, era uma tarde de sol, e aquela visão da baía de Todos os Santos tomou conta de mim, aquela coisa quente e luminosa que tem ali, e pronto, depois desse dia não saí mais do Terreiro. Foi uma tarde de 2004. *[Neste ponto, começa a sua história na sede do Terreiro de Jesus da Faculdade, em 2004?]* É, na verdade eu no Canela fiquei pouco tempo, se você considerar. Eu entrei em 2002, em 2004 eu já comecei essa relação com o Terreiro de Jesus, da construção do ambulatório no subsolo. É verdade também que entre 2004 e o dia em que a gente inaugurou o ambulatório, que foi em agosto de 2007, se passaram dois anos e meio. Essa minha conversa com Tavares (diretor) foi no final do ano de 2004. Se passaram dois anos e meio, mas eu criei o hábito de ir ao Terreiro. Eu ia ou uma vez toda semana, ou uma vez a cada 15 dias, acompanhar a obra lá em baixo (subsolo).

Entrevista 2 - Lembro de quando ingressei na UFBA em 1984, como residente do departamento de Medicina Preventiva e pouco depois eu fazia o primeiro concurso para docente. Lembro do prédio no Canela, com instalações ruins para abrigar tudo da FMB, salas de aulas, departamentos, diretoria, secretaria.

Entrevista 3 - Você pergunta a uma pessoa o que aconteceu a ela dos vinte até sessenta e poucos anos, é muita coisa. Eu não passei um total período distante, eu vivi muito intensamente dentro da faculdade. Eu fui monitor desde o terceiro ano, terceiro, quarto, quinto e sexto ano, e nunca mais me descolei de lá. Foi o único emprego que eu tive na vida. Então as principais memórias, é difícil de dizer, contar seria você focar em mim e não no seu projeto. Então eu tenho memórias desde o tempo de estudante, me fiz docente na faculdade, até me virar, mais no final da minha vida acadêmica, ao prédio. Eu passo a trabalhar e mais intensamente no prédio de 2006 até 2014 quando eu me aposentei, mas ainda continuo participando como professor da pós-graduação, então não passei tudo.

Entrevista 4 - O orgulho de fazer o curso médico numa escola onde meu pai e três tios fizeram também. O que primeiro se formou foi em 1917 e meu pai em 1927.

Entrevista 5 - É uma memória bem apaixonada, então, apesar de ter a formação em História, não conhecia aquele patrimônio no primeiro andar, no prédio eu só transitava na parte de baixo, no térreo, que é onde tem o museu afro e o subsolo onde tem o museu arqueológico, então assim, como servidora é um olhar de encantamento por deslumbrar um patrimônio tão rico, que estava ali e que eu desconhecia. Você ser formada em história, ser restauradora e ter um patrimônio tão interessante.

Entrevista 6 - As memórias são sempre relacionada às pessoas, colegas de trabalho, que já entraram, já saíram. Minhas maiores lembranças são as pessoas que eu acabei fazendo contato durante esse processo até aqui.

Entrevista 7 - Mesmo estando pouco tempo na FMB, tenho oportunidade de aprender muito sobre a importância histórica da primeira instituição de ensino superior do Brasil.

Entrevista 8 - Ainda faço parte do corpo de estagiários, e minhas lembranças maiores dizem respeito às pessoas eu por lá passaram nesse período.

Entrevista 9 - No processo de mediação a um diversidade de emoções e memórias, dentre elas os espaços do auditório e a sala do diretor ainda me deixam deslumbrada. Duas mediações me marcaram muito. Uma delas de uma senhora com suas duas netas, a mesma disse que sempre quis conhecer aquele lugar tão bonito de gente importante, mas não sabia que poderia entrar, que uma de suas netas sonhava em ser médica, que conseguiu uma bolsa num cursinho para estudar e estava muito animada, gostaria de estar viva para vê-la se formar. A segunda foi um pequeno grupo de visitantes estrangeiros, mochileiros, ficaram deslumbrados com a FMB e relataram que sentiam vontade de estudar medicina mas não tinham recurso em seu país de origem, quando souberam que ali oferecia o ensino gratuito juntaram o que podiam e vieram para o Brasil para tentar realizar seu sonho.

Entrevista 10 - Eu tenho memória inusitada, uma memória engraçada que eu sempre lembro isso [*inaudível*], que são duas, uma foi quando o médico parou um carrão que tinha, uma Mercedes ali no Terreiro de Jesus, que não podia colocar um carro ali. E aí veio uma PFEM [*policial militar feminina*] pedindo para tirar. E aí ele atravessou o carro no meio da rua e disse “agora tire aí, eu não vou tirar não” e aí o médico além de ser médico, era superior oficial da Marinha e a PFEM foi chamar uma autoridade maior e quando a autoridade maior chegou ainda teve que bater continência para o médico, foi hilário. [*E ele era da FMB?*] Sim, sim [...]. [*Aí ele deixou o carro lá e se dirigiu a faculdade?*] Foi, porque ela queria que tirasse o carro, porque não podia ficar carro estacionado ali na época. E outra memória que eu tenho, interessante também, que tinha um médico não lembro nome dele, mas ele andava armado, e tinha um mural na portaria, ele perguntou “você tem alguma tachinha aí para eu pregar esse cartaz?” ele queria botar um cartaz de algum anúncio, de algum evento dele lá, e na porta não tinha só tinha as tachinhas, mas não tinha um prego pra bater, e aí ele arrastou um revólver de paletó, a gente bateu com fundo do revólver na tachinha, com fundo da arma que ele tinha dentro da roupa escondida. [*E tudo isso aconteceu no Pelourinho?*] Tudo isso aconteceu lá, tudo isso.

As memórias descortinam inúmeros pontos de conexão entre as pessoas entrevistadas e a FMB, alguns mais formais, outros mais curiosos. Nota-se entre médicos entrevistados um desejo quase apaixonado de integrar-se à FMB – o que terá certamente condicionado sua participação neste aspecto da pesquisa, enquanto outros a recusavam.

Surgem aqui, além das inevitáveis memórias profissionais evocadas por um local de trabalho, muitas memórias pessoais, como a do professor deslumbrado com a vista para a baía de Todos os Santos – o que ressalta o *pitresco* do prédio da FMB, elemento importante na cultura visual da entidade – e a da técnica encantada pelo encontro entre sua formação de historiadora e o trabalho no ambiente de um prédio cercado de História por todos os lados, estas memórias pessoais criam fortes vínculos afetivos entre as pessoas entrevistadas e a FMB, que certamente as impulsionarão naquilo que é, também, um ambiente de trabalho.

A entrevista 4 contém, também, um elemento importante relativamente à profissão médica no Brasil, que nomeio como *hereditariedade estrutural*. Os cursos de Medicina são abertos a todos, mas a altíssima concorrência nos concursos vestibulares, resultado do ainda pequeno número de faculdades e universidades a oferecer o curso no país frente ao número sempre crescente de interessados, faz dos cursos médicos aqueles com taxas de concorrência por vaga que estão sempre entre as mais altas em todos os vestibulares, elevando muito o ponto de corte na seleção de candidatos. O resultado é que são aprovados para os cursos de Medicina apenas aqueles candidatos cujas famílias houvessem conseguido manter de forma sustentada altíssimos investimentos em colégios particulares, cursos de idiomas, aulas particulares de reforço, viagens de estudo etc., investimentos que requerem um alto padrão de renda familiar. Por isso, mesmo sendo formalmente abertos a todos, os cursos de medicina no Brasil antes da implementação da política de cotas de acesso nas universidades públicas eram cursos extremamente elitizados, frequentados pelos filhos das famílias mais ricas, entre as quais evidentemente as famílias de médicos. Esta hereditariedade estrutural da profissão médica é bem conhecida em estudos sobre o tema (Coe, 1973; Machado, 1995, 1997), e manifesta-se aqui com clareza. A mesma resposta permite inferir um elemento subjacente às demais respostas onde as memórias pessoais foram a tônica, que no caso dos médicos parece ressaltar-se com maior intensidade: a história da FMB é, também, a história de si próprios, e no caso dos médicos também pode também ser a história da família. Cuidar da memória da FMB é, para certos médicos, cuidar também da memória de sua própria família – tendência que a pessoa da entrevista 4 levou ao paroxismo, dadas as funções que exerce.

Na resposta da entrevista 9, por exemplo, os elementos implícitos explodem a cada palavra, desde o enquadramento do relato pelo enunciante até o próprio conteúdo do relato. A identificação da pessoa entrevistada com as esperanças da senhora sonhadora, dada a idade da enunciante, permite operar um jogo de empatias e identificações muito próximo do que, no campo da psicanálise, se chama de transferência (Freud, 1976a, 1976c, 1976b), e de igual modo permite mobilizar, relativamente aos mochileiros deslumbrados, sentimentos de identificação. Este jogo de afetos permite intuir os afetos projetados pela própria pessoa entrevistada relativamente à FMB e, de modo mais amplo, ao ensino universitário; o projeto a que está vinculada esta pessoa tem como objetivo apoiar estudantes cotistas a permanecer na universidade, e as muitas dificuldades enfrentadas pelos cotistas leva a pessoa entrevistada a ver na senhora e nos mochileiros “outros como eu”.

A resposta dada na entrevista 10, não fosse a enxurrada de símbolos e significados contraditórios e conflitantes que mobiliza, bem se poderia qualificar de *picaresca*. A hilaridade da humilhação da policial feminina pelo doutor médico oficial superior da Marinha é a de quem, no íntimo, diz “bem feito!” A satisfação íntima subentende uma pequena vingança particular contra um símbolo de poder – a Polícia Militar – com largo histórico de autoritarismo e violência contra pessoas ditas “simples”, que neste caso viram o jogo virar. Ocorre, entretanto, que a memória evocada resgatou uma virada de jogo por meio de símbolos e ritos do autoritarismo. Em primeiro lugar, porque evidencia a humilhação pública de uma mulher em posição de autoridade, humilhação feita por não só por um homem, mas posição por um homem em posição com muito maior poder simbólico. Em segundo lugar, porque evidencia uma humilhação feita consoante ritos simbólicos da tradição autoritária do militarismo: o recurso à hierarquia (pelo médico, que evocou em sua defesa sua patente superior, e pela policial, que foi buscar auxílio de um oficial mais graduado frente a alguém que recusava obedecer sua ordem) e o extremo ritualismo (obrigar a bater continência uma militar que antes queria impor-se equivale, simbolicamente, a uma punição por desrespeito à hierarquia). A torrente de significados que se pode inferir deste simplicíssimo relato extrapolam muito os objetivos deste capítulo, e serão tratados no capítulo seguinte.

Contribuições individuais à FMB

A terceira pergunta indaga *quais as suas principais contribuições para a história da FMB*. Presidiu a esta pergunta o interesse em evidenciar, pelas próprias palavras das pessoas entrevistadas, qual a sua parcela individual de contribuição para a FMB enquanto instituição.

Entrevista 1 - Acho que tem duas coisas. Uma foi ter acreditado que nós tínhamos que ter ocupado o Terreiro de Jesus mesmo, depois de 40 anos. Nós saímos de lá no começo dos anos de 1970 e só voltamos em março de 2004. Eu sei bem que foi em março de 2004 que o professor Tavares aprovou na Congregação o retorno da administração para lá. A administração era exclusivamente a Diretoria e a Secretaria da Diretoria, os colegiados de departamento ficaram no Canela. E nessa época que alguns professores começaram a comprar a ideia de ocupar o Terreiro, porque era aquela coisa enorme, aquele latifúndio, e só quem trabalhava ali era Tavares e Sonia Celino, Jundiara também e alguns poucos professores que foram os primeiros a aderir a ideia. Eu não sei bem qual foi a sequência, se o primeiro foi Fernando Carvalho ou se o primeiro foi Tarciso Andrade, mas foi de um dos dois, um deles com o PPGSAT [*Programa de Pós Graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho*], a ideia de trazer para ali [*o prédio no Terreiro de Jesus*] um programa de Pós Graduação. Foi Fernando Carvalho e Tarcísio, com a coisa da aliança para redução de danos. E o terceiro fui eu. Aí nessa tarde, que eu imagino ter sido em novembro de 2004, que eu fui lá, eu aceitei ser o terceiro que iria, e eu me lembro da minha conversa com o professor Tavares, porque Tarcísio estava levando um grupo de pessoas para trabalhar com ele com a comunidade de rua, mas não eram necessariamente alunos. Fernando estava criando uma Pós Graduação que seriam com pessoas que iriam lá eventualmente. A minha ideia era levar a graduação, por isso a coisa de criar um ambulatório, de ter uma disciplina lá, tomou tanto vulto, porque eu dizia: Não adianta a gente vir, você (Tavares), Sonia Celina e cinco ou seis gatos pingados, e a gente não trazer o aluno para cá, quem dá vida a escola é o jovem, é o

aluno transitando. E eu lembro bem que isso foi planejado, eu tenho muita gratidão ao professor Tavares pela forma como ele defendeu o prédio, e nós não perdemos o prédio para nenhuma outra instituição, se não fosse ele, com aquela coisa um pouco belicosa, nós não teríamos permanecido lá, porque o movimento era grande para a escola não ficar ali. E eu sou muito reconhecido porque ele deu ouvidos quando eu dizia: Não adianta só a gente voltar Tavares, a gente tem que se reintegrar à comunidade do Pelourinho, porque aos olhos da comunidade pode parecer que a gente abandonou eles aqui e fomos para o Canela, e agora está voltando, a gente tem que ter ações que nos reaproxime da comunidade. Então quando eu criei o ambulatório lá, eu tinha reuniões com o pessoal de Cesare e do Olodum. Eu tinha com a Banda Olodum e com esse Cesare [*de la Rocca*] que tem aquele grupo forte aqui [*Projeto Axé*]. A gente se reunia, o grupo Olodum e esse pessoal, Cesare fazia um trabalho lindo ali com aquelas crianças, a mesma coisa que a Escola Oficina fazia com os adultos, dando um ofício, treinando eles, ele fazia com as crianças, as crianças vinham de manhã, para uma casa ali no Pelourinho, e tinham aulas e atividades lúdicas e tinham alguma coisa sobre um ofício, e nós, os primeiros pacientes que a gente atendeu foram esses pacientes de Cesare la Rocca. [*A Escola Oficina que o senhor fala é a que ficou responsável pela restauração do prédio da faculdade?*] Eles ficaram lá durante anos, não sei dizer quantos anos, mas certamente mais de 10. A Escola Oficina Salvador era um projeto de extensão da Escola de Arquitetura que tinha um apoio do Governo da Espanha. Tanto que o príncipe, na época era o príncipe Filipe das Astúrias, ele visitou algumas vezes Salvador e foi lá. Era financiado o projeto com [*recursos d*]o governo espanhol, com a crise que se instalou no início dos anos 2000 na Espanha eles deixaram de financiar. A Escola Oficina era uma iniciativa muito bacana mesmo da escola de arquitetura. Eles reformavam mesmo, eles traziam esses rapazes, vários deles você conhece, pois ainda prestam serviço pra gente lá. Então, ali eles tinham o ofício de marceneiro, pedreiro, pintor... eles tinham um galpão ali onde eles tinham aula, aquele maquinário que está lá, de marcenaria, que está se deteriorando lá, que eu falo toda hora com a reitoria para pegar e levar lá para Ondina, fazia parte desse projeto. Então, eles davam ofício para aqueles meninos, e os meninos almoçavam lá, passavam o dia lá, o refeito inclusive era ali onde é hoje o posto de saúde. [*Para recapitular aqui, o senhor falou de dois fatos que o senhor considera importantes para a história...*] Sim. [...] o projeto importante é o projeto Axé, de Cesare la Rocca, é o projeto Axé que também sucumbiu nos últimos anos por falta de patrocínio. Então uma coisa foi essa, foi ter acreditado na ideia de ir (para o prédio do Terreiro de Jesus), e a outra foi agora esse movimento que a gente fez da reabertura do memorial. [*Memorial que foi oficialmente reaberto agora em janeiro?*] Seis de janeiro.

Entrevista 2 - Desde o início da carreira docente, estive envolvida com o curso de graduação em medicina e todos os movimentos de melhoria do curso e conseqüentemente da formação médica. Participei de comissões, colegiados como representante do DMPS, representante docente na Congregação. Em 2011 fui eleita diretora, a primeira mulher eleita diretora em 203 anos de existência da FMB. De 2011 a 2015 fizemos reestruturação administrativa, com novas estruturas, o ingresso de novos servidores técnicos e administrativos e docentes, permitiram uma melhor organização de espaços e instituição de novas práticas de gestão. Iniciamos e concluímos a reforma total do anexo (prédio do Canela) para uso exclusivo do curso de graduação e foram instituídas novas práticas para a gestão desse espaço. O prédio do Terreiro foi consolidado como sede principal com a transferência de todas as atividades administrativas que ainda permaneciam no Canela.

Entrevista 3 - Eu sei lá, eu fui um professor, monitor professor, aluno. Não tem sequer uma principal contribuição, se você for colocar como cargo, eu fui representante do conselho durante duas legislaturas, eu substituí o diretor temporariamente entre a eleição do José Antônio de Souza e Manoel Barral-Netto, eu fiquei ali, um mês e meio, dois meses na direção, mas não é uma contribuição, é um mandato tampão.

Entrevista 4 - Escrevi a *Memória histórica da FMB* referente ao ano de 2011.

Entrevista 5 - Eu acredito que eu já consegui contribuir significativamente. Assim, o memorial estava fechado, o memorial existe, tinha a restauradora Clara que fez um trabalho maravilhoso ali de preservação com o acervo, mas eu acho que a minha principal contribuição nesse momento é a abertura ao público com as viações e a tentativas de ampliação das pesquisas que já acontecem na BGM, na Bibliotheca Gonçalo Moniz, que é algo muito forte na Bibliotheca Gonçalo Moniz. Então, tentar puxar essas pesquisas para o arquivo e o memorial.

Entrevista 6 - Como eu sou da área de TI uma das maiores coisas que eu contribuí com essa parte da tecnologia dentro da faculdade. Antigamente era muito bagunçado, as pessoas compravam computadores

de qualquer jeito. Não tinha uma organização na rede, as pessoas trabalhavam em seus computadores praticamente *stand-alone* (não conectados à rede uma rede interna ou intranet) não tinha não tinha uma organização de arquivos e hoje a gente tem uma rede minimamente organizada com um servidor de arquivos, os computadores estão mais padronizados e eu acredito que essa foi uma das grandes contribuições que eu trouxe nessa organização pra a área de tecnologia pra Faculdade. A questão de se fazer *backup* que não se tinha, também é outra coisa que contribui bastante para essa preservação dos dados em geral seja ele em imagem ou arquivo ou vídeo. Eu tenho feito ele [*backup*] semanal.

Entrevista 7 - Trabalho atualmente no Memorial da Medicina Brasileira, e junto com a equipe, temos desenvolvido diversos projetos e atividades para tornar a faculdade cada vez mais conhecida, realizando exposição virtual do memorial, visitas mediadas, elaboração da documentação museológica (institucional e do acervo), organização do setor educativo, participação em eventos, e outros.

Entrevista 8 - O trabalho de preservação do acervo da BGM, o registro fotográfico do Memorial

Entrevista 9 - A FMB foi a primeira faculdade de medicina do Brasil, além disso nela se formaram a primeira mulher médica do Brasil (Rita Lobato) e também a primeira mulher negra a se formar em medicina (Marília Odília) isso mais tardiamente, o primeiro médico negro do Brasil também se formou lá ainda antes da abolição. Além disso a biblioteca tem um acervo riquíssimo com diversas coleções, artigos, livros raros de grande importância, a faculdade também esteve presente em momentos relacionados a proclamação da república; pessoas ficavam escondidas no prédio, aconteciam reuniões em prol do ato.

Entrevista 10 - A faculdade é assim, sempre que chegavam pessoas lá, muitas pessoas turistas costumavam dizer aqui era a faculdade, até os guias, e eu brigava assim né, aqui não era faculdade, é a faculdade, e tem muita gente ali que não sabe e não sabia, até tempo que teve agora a abertura nesta biblioteca né, reabriu para visitaçao muita gente fica fascinado entrar ali. Eu gosto muito de trabalhar ali, aquela história, pela história que aquele prédio tem, pelas pessoas que passaram por ali, e as pessoas agora que estão passando, né? Eu acho bacana, eu acho muito legal. [*Você falou uma coisa interessante que essa coisa de reavivar a faculdade como um monumento uma instituição que não tá só na história, mas como está no presente também que as pessoas quando chegavam ali, e obviamente pelo aspecto abandonado do prédio não funcionava mais nada ali.*] É isso os guias não relatam isso para as pessoas eles passam ali falando que ali é a antiga faculdade, eles falam assim: “aqui foi a faculdade de medicina e agora funciona um posto de saúde, um museu afro e um centro para drogado”, eles só falam isso agora. [*Ainda hoje?*] É porque também eu tô trabalhando à noite, eu não sei como é que eles estão falando agora, eu ficava chateado quando eles falavam isso daqui a faculdade.

Na resposta a esta pergunta foi dada total liberdade às pessoas entrevistadas para estenderem-se o quanto quisessem, mas pode-se ver como as contribuições são muito diversas, dependendo sempre do tipo de trabalho desempenhado pela pessoa entrevistada e de seu engajamento simbólico e afetivo com a FMB. Aqui também se percebe outro elemento: a pergunta pressupõe o modo como estes indivíduos querem ser inscritos na história da FMB, que feitos querem legar à posteridade. Mesmo aqueles de funções mais simples e modestas querem ter seu nome de alguma forma associado a este *corpus* de símbolos, ritos e memórias formado pela FMB, e de cuja construção são parte. A resposta na entrevista 10 mostra a intensidade da mobilização em torno da memória da FMB, tão forte que mesmo um trabalhador terceirizado, desempenhando uma atividade-meio, preocupa-se em fazer um trabalho que, frente às demais respostas, parecerá quase invisível frente a outras contribuições, mas que contribui com um aspecto negligenciado: a inscrição na memória atual. A FMB, a despeito

do que quer a produção da memória pelos guias turísticos, ainda funciona, ainda existe, e continuará existindo – é quase isso o que diz, nas entrelinhas, a pessoa entrevistada.

Na resposta à entrevista 9 há um lapso, que vamos interpretar, novamente emprestando um conceito à psicanálise, como um *ato falho* (Freud, 1976d): a pessoa entrevistada foi instada a falar da sua contribuição, e falou da contribuição da FMB. Terá chegado a este nível a identificação? Ou terá sido um simples esquecimento, sem maiores significações?

FMB: considerações sobre sua importância e relevância

No conjunto de perguntas a seguir, houve a preocupação de mobilizar outro tipo de relações semânticas, simbólicas e sociais. Se no primeiro conjunto de perguntas as pessoas entrevistadas falaram de si, agora elas são provocadas a fazer um percurso sinuoso: falar sobre o que pensam que os outros acham da FMB. Se no conjunto anterior de perguntas estava em jogo a relação direta entre a pessoa entrevistada e a FMB, agora precisam mobilizar um amplo repertório de relações e de símbolos para mediar a imagem que supõem que outras pessoas fazem sobre a FMB. É destes símbolos e destas relações que estamos atrás.

Daqui por diante haverá, em diversos momentos, memórias *factualmente erradas*. Ora, se errar tanto quer dizer “incorrer em erro, em engano” e “deixar de acertar em algo” quanto, também, “andar sem rumo certo” e “difundir-se, espalhar-se” (“Dicionário Houaiss”, 2001b), é nestas duas últimas acepções que os erros, as discrepâncias entre memória e fatos, serão interpretados. O erro é sempre produtivo para quem busca construir um inventário dos símbolos e relações que formam tanto a memória quanto a cultura visual da FMB, A divergência entre o fato e a memória é mediada por imagens, por símbolos, por narrativas, cuja identificação nesta pesquisa é de enorme importância. Nesta pesquisa o erro, portanto, mais do que o acerto, é quem elucida a produção de memórias enquadradas, a invenção de tradições, o uso do passado para os interesses do presente. Isto não quer dizer que a discrepância passará como verdade, que as versões substituirão os fatos. Pelo contrário: a narrativa histórica do capítulo anterior serviu para estabelecer alguns fatos e pontuar algumas controvérsias, para que o erro evidencie-se pelo que ele é, não como verdade assumida.

Importância para a medicina brasileira

A primeira pergunta deste bloco indaga *qual a importância da FMB para a medicina brasileira*. Medeia a passagem, nas entrevistas, de um âmbito de relações estritamente pessoais para um âmbito mais alargado, na tentativa de ativar, em seguida ao estímulo das perguntas de cunho mais memorialista, os símbolos e as relações pelas quais as pessoas entrevistadas julgam poder avaliar como outras pessoas avaliam a FMB.

Entrevista 1 - É a primeira instituição de ensino superior do país, então é o marco zero do ensino superior no Brasil, então é um patrimônio que eu entendo que pertence ao povo brasileiro. Ele não é exclusivo do povo baiano. Nós temos a obrigação maior de zelar porque ele está no nosso território e é responsabilidade nossa, e também não é patrimônio exclusivo dos docentes e servidores da faculdade. É um egoísmo eu acho, a gente não quer compartilhar aquele acervo, aquela riqueza que a gente tem ali, com as outras pessoas, com a comunidade, com as pessoas fora, inclusive quando visitam reconhecem que aquilo tem o seu valor. Acho que é essa a importância.

Entrevista 2 - É a primeira escola superior do Brasil e a primeira escola médica. Muitos ícones da medicina brasileira passaram por ela, grandes descobertas foram realizadas, produção de conhecimentos e primeiras publicações científicas nasceram na FMB.

Entrevista 3 - Não só porque foi a primeira, como está bem escrito, na história também tem muita coisa sobre isso, mas pela importância da faculdade. Se você olhar os quadros lá de formatura – em vez de ir para as imagens, vá para os quadros de formatura – você vai ver várias pessoas, umas pequenas entre as pessoas assim, fulano de tal do Amazonas, fulano de tal do Rio de Janeiro, fulano de tal... ela chamava atenção porque era um centro, então não só formando médicos, mas a elite. Então a importância da Faculdade de Medicina da Bahia na história brasileira é que existe um [*inaudível*] no Brasil, desde médicos que formaram aqui e que foram para o Rio, Juliano Moreira, Prado Valadares, nomes que se destacaram fora daqui e não na Bahia, se destacaram no cenário brasileiro, não só para a sociedade baiana. Imagine, se era para a sociedade brasileira, onde nós tivemos vice presidente do Brasil, os irmão Pereira, Pacifico Pereira e irmãos, foram diretores da faculdade, foram governadores da província, chegaram a vice presidente, foram reitores daqui e de outras universidades, ministros do Ministério da Saúde. Vários e vários cargos políticos foram de pessoas que se formaram aqui. Então a importância para a sociedade baiana se tornou um ícone. Se você olhar um filme como Tenda dos Milagres, ele tem o filme, tem o livro do Jorge Amado, ele mostra a juventude de medicina, não só de medicina, mas de toda a elite baiana, que vivia ali no jardim da faculdade, no anfiteatro. Era um ponto político muito importante, por exemplo, no ponto de vista da abolição, depois da República, na guerra, então hoje os quadros se prestar atenção, tem vários quadros que você vai ver as pessoas [*inaudível*], geralmente algumas de perfil, e se [*inaudível*] uma cara aparece um carimbo e um bigodezinho que [*inaudível*], fora ao tema, são brancos, de perfil, com um jeito assim militar, isso daí é a importância do Marechal Floriano, que era republicano, era um ídolo da mocidade, dos jovens e dos professores. Então marcado o florianismo, que foi muito importante, e o Floriano era a própria república militar. [*Floriano Peixoto, professor?*] Isso, Floriano Peixoto inspirou toda uma geração, que vem também de uma inspiração francesa.

Entrevista 4 - a) é a Escola primaz do Brasil; b) os trabalhos da Escola Tropicalista e os da Medicina Legal com Oscar Freire, Nina Rodrigues, Estácio de Lima.

Entrevista 5 - Eu penso que aquele lugar, ele não tem uma importância apenas para a categoria médica. Eu entendo o prédio da Faculdade de Medicina como a memória da saúde brasileira. Ali nasceu o curso de medicina do Brasil com a passagem da família real, e é o primeiro curso de medicina, então muitos dos painéis que a gente tem de fotografia de formandos a gente ver que tem estudantes do Brasil inteiro. Então isso quer dizer que essa formação de médicos foi levada para outros estados brasileiros. Vamos falar “estado” em uma perspectiva de república, mas sabemos que outras áreas do que hoje a gente tem ideia do que é o Brasil, estando no contexto de colônia e império. Mas o meu olhar é um pouco mais amplo, ele não consegue ver apenas a categoria médica, já que hoje, conhecendo um pouco dessa história, eu sei

que ali nasceram os cursos de odonto, o curso de farmácia, tinha um curso de parteira que eram cursos anexos e que posteriormente tornaram-se cursos superiores. Então eu vejo aquele lugar como memória da saúde brasileira.

Entrevista 6 - É a primeira faculdade de medicina do Brasil, né? Ela começa como a primeira faculdade do Brasil... Eu sei que faculdade tem uma data de 18 de fevereiro de 1808. Só isso aí já diz tudo, a importância da faculdade na história. Ela se perdura por muito tempo... grandes médicos passaram pela faculdade de medicina, tanto que muitos deles dão nome a hospitais, ruas aqui de Salvador, da Bahia e também do Brasil, tem pessoas homenageadas e fora do Brasil também temos professores conhecidos internacionalmente e eles partiram da faculdade de medicina. Então a história da faculdade fala por si só.

Entrevista 7 - A atuação da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB-UFBA) vai além do campo da medicina. Desde a sua fundação, em 1808, nominada inicialmente como Escola de Cirurgia da Bahia, há registros relevantes do seu envolvimento, por meio dos seus professores, alunos e servidores, em diversas áreas da ciência, além de participação em episódios históricos do Brasil, como a Independência, a Abolição da Escravidão Africana, a Guerra do Paraguai, o genocídio de Canudos, no movimento Republicano, na Revolução de 1932, etc. A FMB foi também responsável pela formação de acadêmicos de homens e mulheres que fizeram história na medicina, como, Manuel Vitorino, Afrânio Peixoto, Nina Rodrigues, Oscar Freire, Alfredo de Brito, Juliano Moreira, Martagão Gesteira, Prado Valadares, Pirajá da Silva e Gonçalo Muniz, Rita Lobato Velho Lopes, Francisca Prager Fróes, Efigênia da Veiga, só para citar alguns nomes, que deixaram contribuições relevantes para as descobertas científicas, o ensino de medicina e áreas afins, a nível local e nacional.

Entrevista 8 - A FMB é um marco histórico da educação e cultura, que integram a história do patrimônio do país

Entrevista 9 - A FMB faz parte da história da medicina no Brasil, não somente por ser a primeira instituição no país mas também por sua contribuição científica

Entrevista 10 - Eu acho que a medicina brasileira, eu vou falar em termos de alunos, tenho percebido assim que o atendimento deles e de alguns médicos, vamos botar de quatro anos para cá, pelo menos lá o atendimento, eu acho assim perfeito, posso até citar nomes como doutora Lua que é uma médica excelente, eu costumo dizer que ela é a médica do povo, a médica que não deixa ninguém em falta, doutora. Lua Dutra no adulto e doutora Lilian. Um atendimento humanizado, que atende as pessoas. As pessoas chegam até hoje procurando por ela por doutora Lua e doutora Lilian, são pessoas que comparadas a alguns médicos que eu já vi passar e comparado a alguns alunos que nem para sua cara olha, que se somem mais médicos como doutora Lua e doutora Lilian. [*Você falou dos alunos, os mesmos alunos que hoje em dia ainda tem que se comportam assim?*] Assim, eu fui atendido por alguns dois e também já tive conversa com alguns outros de um para cá, deu uma melhorada legal, mas questão de outros a gente está tendo muito problema ali com o aluno, eu não sei se a autoridade, se eles acham que tem uma coroa por estar estudando medicina e será que futuramente quando for um médico vai querer tratar as pessoas assim, com desdém né? [*Você já presenciou ou já aconteceu com você situações assim?*] Sempre vai ser assim, de pessoas entrarem, alunos né, e não falar contigo e depois vim procurar a sala A ou sala B e passar direto e essa mania de passar pela gente e não falar ou cumprimentar e às vezes quando está procurando tal sala e quando percebia que a única ajuda que ia ter é uma portaria para perguntar e tinha que voltar, né? [*Para poder estabelecer contato?*] Para poder estabelecer contato e a gente não sabia quem era do aluno, e muitos que eu conhecia só de ver no dia, eu podia chegar em barrar, né, fazer aquele serviço mais duro como Ernesto faz né.

O primeiro aspecto a destacar nas respostas a esta pergunta é digno de nota: a pergunta restringia o alcance da importância da FMB à *medicina* brasileira, e todas as pessoas entrevistadas – exceto a que respondeu à entrevista 4 – extrapolaram o assunto para falar de sua importância para a *sociedade* brasileira. A passagem de uma escala à outra é explícita, e demonstra o altíssimo grau de identificação entre os interesses da classe médica e os da sociedade.

Aparecem também como sinais da importância da FMB a Escola Tropicalista e a controversa herança de Nina Rodrigues, ambos reconhecidos universalmente entre os médicos brasileiros e ensinados nas faculdades de Medicina como parte da história da profissão médica. As demais pessoas entrevistadas mobilizam o mesmo repertório de referências, indicando que a classe médica tem conseguido orientar adequadamente este enquadramento da memória. Aparece também com certo destaque a memória do uso do prédio como espaço de congregação entre elites, abarcando a juventude facultativa baiana e aqueles de outros estados. Este elemento agregador, já visto na discussão sobre o bacharelismo no capítulo anterior,

Surgem aqui, também, elementos da memória da FMB que será de interesse a outros pesquisadores esmiuçar. Além da presença de abolicionistas e republicanos, que certamente era de se esperar, surgiu em meio às entrevistas uma menção à influência do *florianismo* (e muito provavelmente do *jacobinismo*) sobre os estudantes de Medicina; tratou-se de uma forma radicalizada de republicanismo que tinha no presidente Floriano Peixoto sua principal referência, radical ao ponto de ser-lhe imputada a tentativa de assassinato do presidente Prudente de Moraes em 5 de novembro de 1897 (Carone, 1970, p. 151–188; S. R. R. de Queiroz, 1986). Subjaz a esta memória, por resgatar um fenômeno hoje pouco comentado, a reiteração da importância do material custodiado no MMB.

As memórias ressaltadas na resposta da entrevista 10 marcam um diferencial: identifica a *medicina* com o que, na entrevista, aparece como *boas médicas*, preocupadas com a comunidade. Expressa também o desejo por maior igualitarismo e respeito nas relações entre médicos e funcionários. Única no corpo de entrevistas, esta resposta evidencia as contradições de classe que atravessam, também, a FMB.

A maior parte das entrevistas mobiliza fatos e eventos históricos já mencionados no capítulo anterior. Vê-se, portanto, como a mobilização adequada do legado histórico da FMB é uma forma corriqueira de mobilização de símbolos. Mas trata-se de um legado seletivo e contraditório. Veja-se a mobilização da abolição como parte da história da FMB. É certo que houve professores e estudantes que integraram o movimento abolicionista, mas é igualmente certo que houve também professores e estudantes favoráveis à continuidade da escravidão; da mesma forma, a ação antiescravista é reduzida a seu elemento abolicionista, movimento que a historiografia tem discutido com muita polêmica se se tratava de um movimento massivo ou algo restrito às classes médias urbanas e setores da aristocracia agrária (Brito, 2003; E. V. da Costa, 2008; Gorender, 1990; Maestri, 2012; Saes, 1975, 1985), porque

os negros escravizados já lutavam contra a escravidão a seu modo, autonomamente, por meio de fugas, assassinatos, incêndios em engenhos, aquilombamentos, mobilização para compra de alforrias e outras negações mais sutis (Mata, 2007; Menezes & Santos-Filho, 2007; Reis, 2000; O. de S. Silva, 2018; R. T. C. Silva, 2007). Um exemplo sobre senhores de escravos é o de Antônio José Alves, o muito citado pai do poeta Castro Alves: além de introdutor da microscopia na FMB e participante do grupo “tropicalista” envolvido com a *Gazeta Médica da Bahia* (Coni, 1952; Edler, 1999; Oliveira, 1992; Valle, 1974), o conhecido lente de Cirurgia e Clínica Externa não apenas “fundou uma Casa de Saúde”; ele literalmente *comprou toda a fazenda Boa Vista*, incluindo o famoso *Solar Boa Vista*, no atual bairro do Engenho Velho de Brotas, para fundar o que veio a ser o Asilo São João de Deus (Nascimento Jr., 2019, p. 225). A mobilização da memória abolicionista junto com a memória da FMB opera ainda outro ocultamento: não bastasse o quadro docente da FMB estar apinhado de grandes fazendeiros e senhores de escravos, ainda está por fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre a relação entre as práticas médicas ensinadas pela FMB no século XIX e os negros. Sabe-se, por exemplo, que o “tropicalista” Otto Wucherer descobriu a microfilaria na urina de um paciente, e o *Ancylostoma duodenale* na necrópsia de um escravo; que mais terá havido? Ainda não se sabe com certeza, mas a abolição é simbolicamente mobilizada, assim como o republicanismo e a participação na guerra de Canudos, como se as pessoas entrevistadas pretendessem imprimir ares progressistas à FMB. Este suposto progressismo institucional opera ainda outro ocultamento, que se pode auferir pela ausência de uma palavra de suma importância para a história do corpo estudantil da FMB nos anos 1930: o *integralismo*. A FMB dos anos 1930 era conhecidíssimo polo irradiador do integralismo na Bahia, chegando a receber ninguém menos que Plínio Salgado, que em 1933 realizou conferências na Escola Politécnica da Bahia e discursou no mesmo ano para um auditório Alfredo de Brito lotado (Ferreira, 2009, p. 24). Esta memória, que associa a FMB ao mais cru autoritarismo reacionário, não foi mobilizada por ninguém, tornou-se órfã nos arquivos, partilhada talvez apenas pelas traças que por tantos anos conviveram em meio à documentação nos tempos de abandono.

Mas uma imagem sobrepõe-se a todas as outras: “a primeira”, “a primeira”, “a primeira”! É esta a mais forte de todas as imagens surgidas nas entrevistas. Reiterada quase à obsessão, esta precedência cronológica da FMB é talvez o mais forte entre os elementos pelos quais as pessoas entrevistadas pensam que a FMB é reconhecida e respeitada no campo médico. No capítulo anterior ficou evidente como a precedência cronológica da FMB frente à faculdade de Medicina da UFRJ foi de poucos meses, e também que havia cirurgiões ministrando aulas particulares de medicina antes da fundação de qualquer das duas. A precedência cronológica da FMB

corresponde aos fatos, mas é de importância tão secundária que, num debate mais propriamente historiográfico, a diferença de alguns meses nas datas de seus eventos fundantes não faria a menor diferença naquele contexto.

A mobilização da precedência cronológica como símbolo da importância da FMB para a sociedade, portanto, faz mais que apontar sua inegável importância histórica. Traz uma verdadeira armadilha polissêmica: vão aí misturadas nesta mobilização, vista aqui e também na vasta maioria das fontes bibliográficas consultadas, *primogenitura*, *primazia* e *primigênese*. A estratégia semântica é sutil, e mesmo inconsciente. Para entendê-la, é preciso recorrer aos significados dicionarizados de cada palavra.

Primigênio é o “que existe desde a origem”, “o primeiro de sua espécie” (“Dicionário Houaiss”, 2001g); a palavra tem apenas significados vinculados à antecedência cronológica. Recorro a este vocábulo pouco usual, mas dicionarizado desde há muito, como contraponto para evidenciar a sutileza da mobilização de símbolos e significados na produção da memória da FMB.

Primaz é “prelado católico que possuía jurisdição sobre determinado número de arcebispos e bispos”, “prelado católico que ocupa uma posição superior à dos bispos e arcebispos”, “que está em primeiro lugar em importância, hierarquia etc.” (“Dicionário Houaiss”, 2001e); *primazia*, palavra que dela deriva, é “dignidade do cargo de primaz” (no mesmo sentido que o *ducado* está para um *duque*, um *baronato* para um *barão* etc.), “prioridade, primado”, “primeiro lugar, primeira colocação”, “superioridade de categoria, excelência” (“Dicionário Houaiss”, 2001f). Todos os significados vinculam-se fortemente a noções de hierarquia, superioridade, importância. Primaz, portanto, não é o que veio primeiro.

Já a *primogenitura* é a “condição de primogênito” (“Dicionário Houaiss”, 2001i) , e *primogênito* por sua vez significa “que ou aquele que nasceu primeiro” (“Dicionário Houaiss”, 2001h). Não obstante as palavras dizerem respeito apenas à antecedência cronológica de um filho que nasceu antes dos outros, a palavra remete quase inequivocamente a dois usos correlatos: a primogenitura bíblica (Moraes, 2012) , e a primogenitura senhorial da Europa medieval, da qual vale a pena citar por extenso uma contextualização mais longa:

Chamo soberano àquele que encimava uma pirâmide completa de hierarquias senhoriais, cujos subordinados, ou não estavam na vassalagem de nenhum outro soberano, ou o estavam apenas formalmente, sem efeitos práticos. O soberano deteve também a chefia do campesinato independente, enquanto esta ainda existiu [...] A descendência familiar pode processar-se segundo o sistema agnático ou segundo os sistemas unilineares. Pelo sistema cognático o membro da família tem obrigações do mesmo tipo tanto para os parentes do pai como para os da mãe. Existem dois sistemas unilineares: no sistema agnático as obrigações familiares transmitem-se por via paterna; no sistema uxórico as obrigações

familiares transmitem-se por via materna. A linhagem é uma forma de família cujo quadro de dimensão é determinado pela linha de descendência de um único progenitor, ou pai (patrilinearidade) ou a mãe (matrilinearidade). Chamo dinastia à linhagem soberana. A primogenitura é a preferência dada na herança ao filho mais velho. (Bernardo, 1995, p. 17)

Os direitos de primogenitura, portanto, são elemento chave na sucessão dinástica no regime senhorial, porque indicam os sucessores dos magnates e senhores. Tão importante era a absoluta precedência dos filhos mais velhos no regime senhorial da Europa do medievo que os chamados “filhos segundos”, condenados a viver sob a tutela de seus irmãos mais velhos, lançavam-se em aventuras militares e explorações para fundarem, eles próprios, suas casas familiares e dinastias, no que pode ser considerado um dos motores dos conflitos sociais da Idade Média europeia (Bernardo, 1997, p. 127–158).

Ora, o uso das duas palavras *primaz*, *primazia*, *primogênita*, *primogenitura* etc. para referir-se à precedência cronológica da FMB não é de forma alguma recente, tampouco intencional, porque seu antepositivo comum *prim-*, de origem latina, torna cognatas palavras que contenham alguma noção de “primeiro”, “que está na frente”, “dianteiro”, “principal” (“Dicionário Houaiss”, 2001d). Inconscientemente, portanto, a mobilização da “primazia” e da “primogenitura” da FMB quanto ao ensino médico e universitário traz embutidos todos os demais significados destas duas palavras. É como se ao mobilizar a precedência cronológica por meio destas duas palavras os emitentes dissessem que a FMB não é apenas a *primeira*, a *mais antiga*, mas também a *mais graduada*, a de *maior excelência*, a *mais nobre* – ou seja, dizem, pela mistura de significados, que a *primeira é a melhor*, e como a FMB é a *primeira* ela é, portanto, a *melhor*. Tal mobilização funciona como ainda outro elemento de construção da simbologia em torno da qual a memória da FMB é incessantemente construída e reconstruída.

A importância da FMB para a sociedade baiana

A pergunta seguinte indaga *qual a importância da FMB para a sociedade baiana*. Pretendia alargar a abrangência temática para perceber que símbolos e relações são mobilizados quando as pessoas entrevistadas pretendem encontrar pontos em comum com gente de fora da comunidade médica. Como na pergunta anterior as pessoas entrevistadas já haviam extrapolado o tema, terminou servindo com uma espécie de reiteração.

Entrevista 1 - É um patrimônio de todos nós, já é um local de interação, de discussão, de intervenções diversas, artísticas, políticas. A gente tem aquele salão nobre onde muita coisa importante já aconteceu, é um prédio que já recebeu até a visita de D. Pedro no século XIX, já recebeu visita de presidentes, Juscelino Kubitschek já esteve ali, já fiz a abertura de um congresso para tratar da tuberculose... Ali naquele espaço nasceu a Universidade Federal da Bahia, lá naquele gabinete que eu trabalho tem um marco onde se diz: “aqui Edgar Santos planejou a criação e executou a viabilidade da Universidade Federal da Bahia”. Então, um local onde se produz ciência, se forma médicos e não só médicos. Já tivemos ali

outras escolas anexas naquele mesmo espaço. É realmente um patrimônio a ser zelado por toda sociedade baiana, não é para ficar convidado.

Entrevista 2 - A sede do Terreiro, além da referência como escola médica, foi por muito tempo o espaço onde as discussões e decisões políticas pela elite decidiam os rumos do Estado e seus governos.

Entrevista 3 – [não respondeu]

Entrevista 4 - Os professores desenvolviam outras atividades nas letras, na política, nas artes e também no ensino em outras Instituições, como no Gymnasio da Bahia.

Entrevista 5 - Ao longo da história são diversas contribuições. Eu penso que os médicos, nesse lugar de poder, como conselheiro do imperador, como representantes da província da Bahia, porque muitos foram políticos, eles tiveram uma atuação social, além da atuação política eles também tiveram essa atuação social. Então muito das nossas vivências, do nosso cotidiano, do nosso comportamento, foi regido por discussões ali naquele prédio, por exemplo, as questões de cemitério, questões de saúde pública foram ali discutidas. Então eu penso que eles têm uma contribuição significativa no aspecto social, no aspecto cultural, porque também muitos deles eram influenciadores das artes. Eu, como restauradora, estou conhecendo um pouco do Jonathas Abbott, que foi professor da Faculdade de Medicina, ele é um inglês, ele foi professor no início do século XIX, ele se formou na faculdade em 1820, depois tornou-se professor. Então ele é um inglês que vem para Bahia, e eu vejo ele como um mecenas, porque ele incentiva as artes na Bahia, então para mim da restauração é uma grande contribuição. Então a gente tem pintura de muitos artistas baianos. [Na primeira pinacoteca da Bahia o acervo era dele?] Sim, sim. O Jonathas Abbott, junto com o pai de Castro Alves, que é o José Alves, eles criaram a Sociedade de Belas Artes da Bahia, e eles incentivaram essa arte. Jonathas Abbott, um pouco antes de morrer, ele doa parte da coleção dele para o Estado da Bahia, e esta coleção está no Museu de Arte da Bahia, é muito interessante. Eu vi que Jonathas Abbott é de origem simples lá em Londres, ele vem com 16 anos com o Barão [de Goiana], e ele trabalhou na Faculdade de Medicina, no tempo que ele era estudante ele também trabalhava na Faculdade de Medicina. Ao mesmo tempo que ele era servidor, ele era aluno da faculdade, depois tornou-se professor, ele foi vice-diretor, e em momentos ele assumiu o diretor na saída dos diretores, é tanto que tem o quadro dele lá na sala do diretor. [Então tem o quadro dele na sala dos diretores também?] Sim.

Entrevista 6 - A gente tem dois grandes hospitais, o HUPES e a Maternidade Clímério de Oliveira, que fazem atendimentos ao público da Bahia inteira, só isso aí já é uma contribuição enorme que a faculdade de medicina proporciona para a comunidade.

Entrevista 7 - A FMB tem um lastro histórico importante, desde as descobertas científicas em seus primórdios, até os dias atuais. Atualmente a FMB é uma das instituições de ensino médico superior mais importante do Brasil, responsável pela formação de cerca de oitenta discentes por turma. As aulas ocorrem nos prédios do Pelourinho e no Anexo I Rita Lobato Velho Lopes, no campus do Canela, fato ocorrido a partir da segunda metade do século XX, na década de 70. Em agosto de 2007 foi instalado no prédio da FMB o Ambulatório Materno-Infantil Professor Néelson Barros, que é uma unidade de atendimento à comunidade e campo de prática dos alunos. Tem um convênio com a Secretaria Municipal da Saúde de Salvador, que disponibilizou uma equipe de Saúde da Família para atender a comunidade do Centro Histórico e seu entorno, ofertando consultas, curativos, vacinação, além de atividades educativas realizadas tanto pela equipe quanto pelos docentes dos departamentos de Pediatria e de Ginecologia, Obstetrícia e Reprodução Humana, os quais desenvolvem atividades curriculares de graduação na unidade. A Unidade também acolhe os residentes do Programa de Residência Médica em Pediatria do Complexo HUPES –UFBA, que necessitam de atividades em Atenção Primária à Saúde.

Entrevista 8 - Grande importância social, científica, histórica, política, médica, e econômica

Entrevista 9 – [não respondeu]

Entrevista 10 - A Faculdade de Medicina em si eu acho que eles abraçaram, se for relativa a do Pelourinho, eu acho que eles tiveram um abraço, abraçaram a comunidade e antes as pessoas não tinham acesso ao prédio. O diretor receber uma pessoa era difícil, antigamente falar com diretor, era muito difícil o acesso, E o doutor Adan [atual diretor da FMB] e acho que até Lorene [ex-diretora da FMB] também teve essa abertura, né, com o público do próprio bairro, e a faculdade tem que abraçar as pessoas que ali moram, é preciso né? Precisa do acesso da comunicação de que saber o que tá acontecendo no prédio.

Chama a atenção, logo de início, o fato de que pessoas diferentes entenderam de formas diferentes o que vem a ser “sociedade baiana”, mas as respostas orbitam em torno de dois temas: a *prestação de serviços* e a *socialização das elites*. Nos dois casos, fatos históricos são mobilizados como símbolos de poder e influência. A diferença: no primeiro caso, mobiliza-se o que a FMB efetivamente faz; no segundo, mobiliza-se não o que ela faz, mas o que oportuniza. A primeira forma tem o serviço como elemento mobilizador: a FMB é importante porque *presta serviço*, porque *serve*, porque portanto é *útil*. A segunda forma de mobilização pede algum comentário.

O prédio da FMB não é pequeno. No âmbito da arquitetura soteropolitana de sua época, é inclusive um dos maiores prédios abandonados pelos jesuítas quando de sua expulsão. Compara-se-lhe apenas o antigo noviciado, hoje Casa Pia e Colégio dos Órfãos de São Joaquim, e o antigo Solar da Quinta do Tanque, atual Arquivo Público do Estado da Bahia. A disputa entre a Santa Casa de Misericórdia e as instituições antecessoras da FMB testemunham sua relevância. Um prédio assim tão grande, voltado a atividades de caráter público (ensino e saúde), costuma ter partes suas emprestadas para outros usos esporádicos. Ceder salões para eventos cívicos e comunitários ainda é prática comum, e numa cidade carente de auditórios como já foi Salvador o Salão Nobre, primeiro, e o auditório Alfredo de Brito, depois, foram usados para todo tipo de atividade que tivesse o beneplácito da FMB. Acontece que num prédio deste tipo há usos múltiplos, autorizados ou não, como o caso do integralismo na FMB evidenciou. Ao ressaltar o uso da FMB como espaço de socialização das elites baianas e também de outros Estados, as pessoas entrevistadas procedem ainda outra vez àquele jogo de destaques e ocultamentos típico do enquadramento das memórias e da invenção das tradições.

Relevância para a política

A pergunta seguinte indagou *qual a relevância da FMB na história política da Bahia e do Brasil*. Além do sentido explícito da pergunta, esperava-se verificar que eventos políticos e que agentes da política são mobilizados no repertório simbólico da memória da FMB.

Entrevista 1 - Aquele Salão Nobre era local de ampla discussão com a comunidade das questões mais importantes, de questões de saúde, políticas, sociais. Aquele Salão Nobre era aberto em dias específicos, e palestras e convidados dos diversos domínios do saber eram convocados, eram convidados, e era aberta a população. [*Era uma espécie de centro de convenções?*] Tipo isso, em uma cidade pequena, que já havia perdido o glamour de ter sido capital, não era mais. Há fotos, inclusive, de pessoas bem arrumadas indo assistir essas coisas. Era como se fosse um palco de centro de convenções mesmo, onde importantes questões da nossa comunidade eram discutidas.

Entrevista 2 - Foi por muito tempo uma escola muito desejada e frequentada pelos filhos da elite baiana. Muitas discussões e decisões políticas também passavam por este espaço. Mais recentemente, com as

políticas de reparação, com as cotas para alunos de escolas públicas e cotas sociais, o perfil dos estudantes se modifica, o que leva a uma ampliação da representação da população baiana e brasileira dentro da FMB, e consequentemente as discussões políticas se diversificam.

Entrevista 3 - Nós tivemos professores da faculdade que ocuparam cargos importantes da política, então eu não preciso ir longe, Roberto Santos, Antônio Carlos Magalhães, que foram pessoas importantes na política da Bahia e do Brasil, ocuparam cargos importantes em ministérios, em vários cargos políticos. A gente pode lembrar na política ainda o Pacífico Pereira que foi vice-presidente, nomes que se não foram da política, mas foram da ciência e da política de saúde, como Juliano Moreira, uma pessoa conhecida nacional e internacionalmente, um homem que interagiu com Albert Einstein, para você ter ideia do peso dele. Então, os secretários de saúde que a gente teve aqui, que eram pessoas, políticos, que eram da faculdade, aquela proximidade ali do Hospital das Clínicas com a reitoria deu a ideia de como era fácil sair da faculdade andando e tal e pular para a reitoria. Acho que 50% dos reitores foram médicos. Então, a reitoria era assim, o cargo mais importante na Bahia era o governador, depois o prefeito, depois o reitor, então o reitor era muito forte. Hoje em dia menos, mas é um cargo, principalmente depois do tempo que o Edgard Santos, importante na faculdade, instituiu uma política oficial dele de família, que Roberto Santos era filho dele, e todos os professores catedráticos que foram formados dentro da política de Edgard e Roberto. Eu quando entrei na faculdade, havia uma geração toda de colegas de Roberto Santos, um pouquinho mais jovens do que ele talvez, que ele mandou estudar no exterior, voltaram e viraram os professores titulares, Almerío, Amilton Santos, Pereira, essa galera toda que saiu, Eliane Azevedo, foram assim formados no exterior, geralmente nos Estados Unidos, e quando voltaram viraram os professores titulares, Heonir Rocha.

Entrevista 4 – [respondido em pergunta anterior]

Entrevista 5 - Muita, muita. Como eu falei em algum momento, muitos médicos ali foram presidente de província, foram deputados, senadores. Tem a Manoel Vitorino que chegou até a ser vice-presidente do Brasil. Muitos deles eram conselheiros do império, era uma coisa muito importante ser conselheiro do império, tanto que eles trazem as condecorações do peito, naqueles quadros tem as condecorações e a gente tem algumas também lá na bandeira, a gente descobriu que uma era do conselheiro do império, e a outra era de participação na Guerra do Paraguai, mas tem muitas outras. [Essas medalhas são individuais ou são da faculdade?] São honrarias pessoais, precisamos saber se foram doadas a faculdade, a gente tem menos de dez honrarias lá. [Estão na sala dos lentes?] Não, estão na sala do Diretor, na bandeira. Como foi que a gente identificou essa honraria? Aquelas fotos, pinturas e as esculturas mostra que muitos deles têm inúmeras honrarias no peito, e dá para ver perfeitamente qual honraria é. Estou te dizendo que dar para ver perfeitamente porque teve um congresso de medalhista no Eugênio Teixeira [Museu Eugênio Teixeira Leal], ali ao lado, teve um congresso de medalhista, e a gente levou um especialista para poder falar para gente um pouco, aproveitou que era vizinho ali e convidou o rapaz a conhecer o memorial, nessa perspectiva dele dizer assim: “olha o que vocês tem aí é isso, aquilo, aquilo outro”, e foi aí que ele falou: “olha que interessante, vocês podem não ter o físico mas vocês tem a pessoa que tinha essa honraria”. [O que vocês têm na diretoria é uma representação imagética, não é a própria medalha?] Não, física mesmo, a própria honraria, lá a gente tem algumas medalhas. Porque tem uma diferença: medalhas e honrarias, as honrarias são aqueles broches que eles carregam na roupa, que D. Pedro tinha vários. Então lá tem menos de dez, uns quatro a seis, não lembro o número agora, que estão na bandeira. Fora isso, a gente tem como identificar várias que estão na pintura. E de medalha a gente tem umas vinte, medalhas de premiações, de comemorações, a gente tem quase vinte.

Entrevista 6 - Do Brasil não vou saber te dizer não, mas da Bahia ela tá integrada muito, até mesmo porque essa contribuição à comunidade com os hospitais muito relacionada à política da Sociedade também porque você está contribuindo ali com a saúde pública, mas está relacionado também a política é do local. O fato de você ter ali mais um Centro de Saúde, quem tem esse essa parceria com o governo porque atende publicamente, então eu vejo por esse lado é minha visão a visão.

Entrevista 7 - Da FMB saíram professores e médicos da FMB que atuaram politicamente no Brasil, como Manoel Vitorino Pereira, que atuou como vice-presidente da República no mandato de Prudente de Moraes, e Presidente da República [interino] por quase quatro meses. Outros atuaram em outras áreas da política, dentro e fora da Bahia, como Justiniano Clímaco da Silva, baiano de Santo Amaro da Purificação, que atuou em Londrina como médico e deputado.

Entrevista 8 - Representantes que foram presidentes, senadores, deputados, governadores, dentre outros

Entrevista 9 - Boa parte dos médicos da faculdade foram envolvidos com política, vereadores, deputados e também acontecia manifestações políticas organizadas pelo movimento estudantil

Entrevista 10 - Assim o tempo não tem um lá, eu não sei se tem algum político, talvez tem ajudado de alguma forma alguma forma ou alguma reforma, né? No prédio ou até então buscar benefícios. Eu lembro que o Salão Nobre, mesmo na época que reformou, acho que foi da Petrobras, patrocínio da Petrobras, aliás teve alguma reforma não lembro, que tem uma placa lá com o nome do daquele abençoado do Geddel [*Vieira Lima*] incluso. Inclusive um professor da casa passou por lá, acho que foi ano passado, e picou-lhe a bengala na placa, querendo quebrar.

Reiteram-se nestas respostas alguns temas. O envolvimento de estudantes e professores com política, que ainda outra vez aparece, resgata um sentido muito do senso comum a respeito de “fazer política”; não se trata, aqui, da participação política enquanto cidadão, mas de candidatar-se a cargos políticos, de conviver intensamente em meio a representantes eleitos, de voltar a própria vida para a atividade que gira em torno do poder. O papel formador e socializador de elites sociais da FMB é mais uma vez mobilizado como elemento de sua relevância.

Surge aqui, e desta vez com grande força, o tema dos *egressos*, ou seja, daquelas figuras de destaque na política e na sociedade que, por terem sido formados por uma determinada instituição educacional, são por ela reivindicados como uma espécie de “patrimônio”. Embora a convivência em instituições educacionais possa efetivamente criar uma rede de contatos, uma *old boys network* capaz de acompanhar indivíduos por toda a vida (*S. McDonald, 2011; T. P. Queiroz, 2014*) é menos seguro que o vínculo passado represente algum tipo de conexão sólida e duradoura com a instituição frequentada sem uma estratégia consciente e planejada, por parte desta última, de fortalecimento e manutenção deste vínculo (*Dallabrida, 2008, 2012; Oliveira Cabral et al., 2016*). Mesmo assim, a relação com os egressos é mobilizada em favor da FMB, e num sentido curioso: não é a FMB quem ganha prestígio por ter sido a *alma mater* dos egressos, mas são os egressos quem ganha prestígio por haver estudado na FMB, como se sua carreira posterior resultasse do tipo de formação construída em sua carreira discente pela faculdade.

Na resposta da entrevista 1 percebe-se uma curiosa estratégia de mobilização simbólica. Se, de fato, eram poucos os prédios abertos ao público onde se poderia realizar eventos para número grande de pessoas, e menor ainda era o número de auditórios, isto é uma coisa; outra bem diferente é justificar tal fato afirmando ter sido Salvador uma “cidade pequena”. De fato, Salvador, durante toda a existência institucional da FMB, não era mais a capital colonial que antes fora, e sua relevância nacional não era mais a mesma. Não se pode, apesar disso, contornar o fato de que durante todo o século XIX Salvador foi a segunda maior cidade do país, e durante todo o

século XX esteve entre as cinco maiores cidades do Brasil (Vasconcelos, 2002). O erro factual, como já bastante explicado no início deste capítulo, não é problema algum, porque a divergência entre fatos e versões evidencia estratégias retóricas, mobilizações de símbolos e memórias etc. Neste caso, a estratégia foi diminuir a importância de Salvador para justificar a relevância do espaço da FMB para a sociedade. Esta divergência entre o fato e a versão, entretanto, não invalida outra afirmação da mesma resposta: a da FMB como uma espécie de “centro de convenções”, mais um elemento a reforçar a simbologia da prestação de serviços, da utilidade, do servir.

Estratégia inversa foi empregue na resposta à entrevista 3, que qualificou o cargo de reitor da UFBA como o terceiro mais importante da política baiana. Durante o longo reitorado de Edgar Santos este poderá ter sido o caso, tamanho o trabalho de estruturação da universidade e de constante mobilização por parte da reitoria, mas mesmo assim é difícil crer que o reitor, de atribuições políticas restritas ao âmbito universitário, tenha sido mais poderoso que o presidente do Tribunal de Justiça da Bahia ou da Assembleia Legislativa, ou mais influente que políticos com real poder de barganha ou poder econômico.

Na resposta da resposta 10 surgiu um elemento que será trabalhado mais adiante, ao tratar do *vandalismo* como uma estratégia de ocultamento.

Relações institucionais

A pergunta seguinte indagou às pessoas entrevistadas *com que instituições a FMB mais se relacionou durante seu tempo na instituição*. Pretendia-se com isso ressaltar as conexões institucionais realmente existentes, e também entender o perfil destas conexões. A lembrança, neste caso, pode operar ainda outra vez destaques e ocultamentos.

Entrevista 1 - A gente tem a maior interação com as outras unidades de saúde, pela questão de afinidade de área, a nossa relação é muito estreita com a escola de nutrição, com o ICS [*Instituto de Ciências da Saúde*], com a escola de farmácia, odontologia, enfermagem e com o ISC [*Instituto de Saúde Coletiva*], que foi formado a partir de um grupo de professores que saíram de lá. Foi um departamento que se desgarrou e criou o seu próprio instituto. Mas a gente também interage muito com instituições, unidades que não são da saúde. Temos uma boa relação com a Escola de Arquitetura [*da UFBA*]. Eu sempre tive um excelente diálogo com o pessoal da Escola Oficina, e volta e meia eu continuo solicitando o apoio deles. Silvinha Pimenta da Fonseca, que é aquela arquiteta da Escola Oficina quando saiu de lá do Terreiro, ela voltou para a Escola de Arquitetura, volta e meia a gente está ligando para ela e pedindo alguma orientação, de alguma planta, alguma coisa, pois ela deixou toda a maquete lá. Mais recentemente, na questão de digitalização do acervo, a gente afinou muito a relação com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas que fica em São Lazaro, porque eles têm lá o programa que escaneia e digitaliza documentos importantes. Porque desde que Ana Lúcia assumiu a biblioteca a gente regularmente envia documentos, teses, dissertações, aquelas teses que os alunos escreviam desde o final do século XIX até ao início do século XX. A gente digitalizou várias teses lá, inclusive memórias históricas foram digitalizadas. Teve um ano – parece

pouco, mais não é – teve um ano que digitalizamos mais de setenta dessas peças, e ao digitalizar essas peças a gente pode colocar elas à disposição da comunidade científica para pesquisa. Foi através desse convenio que foi assinado, na minha gestão mesmo, entre mim, Maria Ilda Paraíso que é a diretora de São Lazaro, e Lídia Toutan, que era a superintendente do [inaudível].

Entrevista 2_- Durante meus trinta e três anos de FMB, as principais instituições foram as Secretaria de Saúde do Estado e Municípios em especial de Salvador, Ministério da Saúde, órgãos de fomento à pesquisa e pós graduação nacionais e locais. Também parcerias com organizações da sociedade civil para cooperação técnica em saúde (associações de moradores, de trabalhadores, sindicatos).

Entrevista 3 - O Hospital Edgard Santos. A cara da faculdade era o Hospital Professor Edgard Santos, que foi inaugurado nos anos 1950, e teve um auge nos anos 1960, 1970, e eu entrei em 1970 na faculdade, ainda era o melhor hospital da Bahia, então, sem sombras de dúvidas, o hospital era a grande instituição com que o hospital se relacionava, e os catedráticos eram os chefes de enfermagem, então havia um vínculo muito grande relacionado as faculdades e o hospital. Hoje em dia mudou essa correlação de forças. Além do hospital, a faculdade se relacionava com o Hospital Getúlio Vargas, uma escola ali no Canela, o Hospital Maternidade Tsylla Balbino, Hospital Maternidade Climério de Oliveira, todas essas instituições eram e ainda são, mas eu acho que antigamente eram mais ligadas, porque eram realmente dirigidas por médicos professores da faculdade. [Então hoje em dia estão mais autônomas essas instituições?] Hoje em dia nós nos aproximamos mais das secretarias de saúde do Estado, e dos municípios. Não que a faculdade não deixasse de ter um quadro nas secretarias de saúde, professores da faculdade que para lá foram ocupar cargos importantes, mas acho que antigamente isso deveria ser muito mais importante do que é hoje, muito mais frequente ter professores desempenhando esse papel político de gestão.

Entrevista 4 - No momento não me recordo especificamente. Lembro que eram ligadas à pesquisa e mais recentemente à pós graduação.

Entrevista 5 - A faculdade em si eu não sei responder. Eu vejo muito os projetos do HUPES (Complexo Hospitalar Universitário Professor Edgard Santos), que é o hospital universitário da Universidade Federal da Bahia. A Prefeitura de Salvador, por causa do posto de saúde, onde tem o convênio com a Prefeitura de Salvador, o posto lá no próprio prédio da Faculdade de Medicina no subsolo, tem o prédio onde os estudantes fazem os estágios, e é na área infantil. [Os estudantes fazem as residências ali?] Eu não sei se fazem as residências, é o estágio curricular na verdade, que é infantil, pediatria. Tem também o convênio do Governo do Estado que é em apoio ao CAPS [Centro de Atenção Psicossocial], eles lá no prédio anexo à Faculdade de Medicina, no prédio ao lado do Barão de Itapuã, têm o Centro de Apoio Psicossocial, e é coordenado também por um professor da Faculdade de Medicina, o do posto é coordenado por uma professora de pediatria da Faculdade de Medicina e o do CAPES do professor de Psiquiatria. Eu sei que a universidade tem muitos convênios, muitos, tem o apoio de diversas instituições, mas eu não sei nomeá-las. Nós do Memorial da Medicina Brasileira, nessa perspectiva cultural, estamos fazendo um convênio com a escola pública do Estado que é com o curso técnico de Turismo. São duas escolas do Estado que a gente está fazendo esse convênio. Se não fosse esse isolamento [social, por força da pandemia de COVID-19] acredito que isso já estaria caminhando, já estaria acontecendo na verdade, porque já estava no trâmite final, que é os estudantes do curso técnico do Estado fazerem os estágios lá no Memorial de Medicina, porque eles são capacitados a serem guias turísticos, é um curso técnico de guias de turismo. Então, pelo Memorial oferecer uma diversidade de assunto muito ampla – são muitos assuntos, a história da Bahia, a história do Brasil, a história da saúde, artes, área de museologia, área da biblioteconomia, área da arquivologia, enfim, geografia, mil coisas que aquele prédio oferece – um curso técnico de guia do turismo se interessou bastante. As direções, são duas professoras de escolas do Estado, se interessaram e estão fechando esse convênio com a gente. [Tem museus no próprio prédio da faculdade?] Sim, os museus que são da UFBA, que estão lá no prédio, a gente ainda não tem um convênio, um projeto que associe essas visitas nesses museus, mas é uma perspectiva futura, até porque estamos falando da Universidade Federal da Bahia, nós três somos Universidade Federal da Bahia, apenas somos geridos por unidades diferentes, mas trabalhamos com patrimônio, o patrimônio da faculdade. Então cada um na sua perspectiva, com seu olhar, com suas temáticas, mas estamos no mesmo espaço da faculdade, ainda não temos um convênio, mas o que fazemos, nas visitas monitorados que temos no memorial, a gente apresenta o Mafro [Museu Afro-Brasileiro] e o MAE [Museu de Arqueologia e Etnologia], fala onde está, onde fica situado, como é possível visitar, o valor do ingresso, o que eles vão encontrar, e são visitas que

de alguma forma se complementam. A gente tenta incentivar para que o visitante do Memorial de Medicina brasileira também visite o MAE e o Mafro. [*Independente do projeto de visita conjunta já há uma relação formal ou informal entre esses três atores, até pela convivência no mesmo espaço físico?*] É uma relação na verdade informal, porque nós como servidores dos três museus, nós trabalhamos em prol dos nossos locais de trabalho, ainda é informal.

Entrevista 6 - Tem o relacionamento com a secretaria de saúde do município e do Estado também porque a gente tem o ambulatório (Ambulatório Materno-Infantil Professor Nelson Barros) que acho que é ligado à prefeitura. Se não me falha a memória é um projeto da faculdade com parceria com a prefeitura. E tem o CAPS-Ad (Centro de Atenção Psicossocial Alcool e outras Drogas). Então assim instituições assim que me vem a cabeça de imediato que tem essa parceria grande. A gente também não pode deixar de citar que a gente tem dois museus que são dentro das unidades da faculdade o Museu Afro (Museu AfroBrasileiro) e o Museu de Arqueologia e Etonologia, o MAE. Se não me falha a memória o MAE é independente, mas o MAFRO é ligado à Filosofia (FFLCH), querendo ou não eles estão integrados a gente e também há um relacionamento direto pelo simples fato de estar no mesmo prédio. Temos também a Biblioteca Gonçalo Moniz que faz parte do Memorial de Medicina hoje que também a gente tem esse relacionamento com o Sistema de Bibliotecas da UFBA (SIBI).

Entrevista 7 - Prefeitura Municipal de Salvador, IPHAN, Museus, Bibliotecas, Instituições de ensino público e privado, etc.

Entrevista 8 - mais recentemente, tem aberto as portas para a população, tanto local, como nacional, e até internacional, por conta das visitas abertas ao Memorial

Entrevista 9 – [*não respondeu*]

Entrevista 10 - Eu acho que a faculdade de se relacionou muito em conjunto com CAPS-Ad o atendimento com aqueles jovens e eu acho também que a secretaria de saúde referente ao posto de saúde, né com o apoio do carnaval montar uma base uma base atendimento lá, teve dois anos que foi à base de atendimento para o Carnaval causa dos seguintes, eles usavam como uma base para restabelecer é a vigilância sanitária, mas por eles têm usado lá eles ajudaram também a faculdade em algumas coisas que não só a faculdade como o posto de saúde, o diretor relatou isso lá um dia, que tratasse muito bem esse pessoal da Vigilância Sanitária que são pessoas legais mesmo, citar até o nome de uma pessoa Dona Ana Leiro, pessoa muito humana, gente boa.

A mobilização das memórias e relações ligadas à *prestação de serviço* por parte da FMB é ainda outra vez reiterada nas respostas a esta pergunta, na medida em que são apresentadas principalmente parcerias com organizações ligadas à prestação de serviços de saúde. Grande destaque foi dado ao CAPS-Ad. Paralelamente, as relações resgatadas reforçam o papel educativo e formador da FMB, na medida em que se trata de relações no campo acadêmico ou educacional.

Uma ausência é curiosa: a dos *financiadores*. No capítulo anterior um levantamento muito sumário e superficial mostrou relações da FMB com a Fundação Ford, com a Fundação Rockefeller e com a Fundação Kellog. É evidente que, como parte de uma universidade federal, a FMB tem seu orçamento garantido pelo governo federal brasileiro, mas a ligação já antiga com as três fundações citadas demonstra como esta forma de financiamento não é exclusiva.

Conquistas científicas

A questão a seguir indaga às pessoas entrevistadas *quais as principais conquistas científicas de professores da FMB ao longo de sua existência*. O pressuposto para esta questão é o confronto entre as afirmações genéricas de relevância e o conhecimento, ou o desconhecimento, dos reais méritos científicos da FMB.

Entrevista 1 - A gente tem pessoas de peso ali dentro. vamos começar por Irajá da Silva que descreveu a doença, esquistossomose, Nina Rodrigues que foi um indivíduo polêmico, mas uma pessoa de inteligência acima do esperado. Até que a grande crítica direcionada a ele é a questão do racismo científico, mas ele fez estudos muito importantes em Medicina Legal, foi um precursor do estudo no Brasil e no mundo, era uma pessoa respeitada na Europa, tanto que ele morreu lá, morreu em Paris, participando de um congresso. Juliano Moreira também é outro personagem muito interessante, no sentido que ele revolucionou o estudo da psiquiatria no Brasil. Ele foi aluno e chegou a ser professor, depois ele se transferiu para o Rio de Janeiro. No Brasil inteiro tem uma série de instituições de saúde que se chamam Juliano Moreira. Queria dar destaque também ao doutor Jessé Acioly, foi um professor que quando ainda era estudante no quinto ano de medicina ele descobriu o mecanismo de herança da anemia falciforme. Isso não é pouca coisa não, tanto que hoje se você acessar, o ano eu acho que foi 1946 ou 1947, foi na década de 1940 ou 1950 ele descreveu em um artigo dentro da escola o mecanismo de transmissão da doença e um ano depois um americano chamado Neel fez igual, só que a publicação dele ficou restrita aqui ao Brasil, à faculdade na verdade. Só nos anos 1970 que a professora Eliane Azevedo escreveu para uma revista de genética mostrando a publicação de que havia sido descrita antes desse Neel por Jessé Acioly e hoje se você procurar, vai ver que está lá escrito, o nome dele foi agregado ao individual que descobriu o mecanismo, então é Neel e Acioly. Então não foi pouca coisa, realmente, porque a doença falciforme é uma doença muito prevalente na nossa população, porque é uma doença, a gente diz que com alta prevalência entre negros e a nossa população, 80% da Bahia é população negra, então é uma doença muito prevalente aqui ainda hoje, e foi descrita por um ex-aluno da faculdade. [*Tem a história do Raio-X também?*] Ah, esse foi Alfredo Tomé de Brito, meu favorito. Alfredo Tomé de Brito é igual, ele foi aluno, foi professor. Um ano depois que [*o médico alemão William*] Roentgen publicou os primeiros trabalhos sobre o raio-x, que na época se chamava eletrofotografia, ele faz uma carta, que a gente tem a cópia dessa carta manuscrita na Congregação, dizendo que gostaria de fazer um curso de algum tempo na Europa para aprender a manusear eletrofotografia, porque ele acha que aquele instrumento, aquela ferramenta diagnóstica iria revolucionar o ensino da disciplina de que ele era o professor, que era Clínica Médica. Aí ele vai, ele faz o curso, ele traz o raio-x para a Bahia. Do que eu li dos artigos do professor Nogueira Brito, esse aparelho de raio-x ficou no hospital Santa Isabel. Agora o que há de controverso, parece que é Minas Gerais que pleiteia o primeiro raio-x, eu não sei realmente quem foi que trouxe. Mas ele foi um homem de visão muito ampla, antecipada, porque em pleno século XIX o cara ler um artigo que saiu um ano atrás e diz que aquilo vai revolucionar, como de fato revolucionou, sobretudo o tratamento da tuberculose... A escola tinha uma interação muito grande com professores estrangeiros. Não sei como isso se fazia, se era por carta ou como era, mas o acervo que a gente tem na biblioteca oscila entre 70 e 100 mil volumes, tem publicações do mundo inteiro. E recebia visita de professores estrangeiros. Tem uma história também que o próprio Pirajá da Silva foi uma das pessoas que foi consultada não para receber o prêmio Nobel, mas para indicar no ano tal aí do século XX quem seriam os candidatos aos prêmios Nobel, isso até tem na internet. Foi consultado pela Sociedade Real Sueca para indicar, então Pirajá indicou não sei se foi Osvaldo Cruz ou se foi Carlos Chagas. Houve essa indicação, o brasileiro não recebeu o prêmio, mas ele era um cientista tão respeitado que até a Academia Real de Estocolmo solicitou a opinião dele. Isso está fartamente documentado na internet, um dia desses eu tombei sobre essas coisas porque um estudante tinha me dito assim: “a gente já teve um professor daqui que foi indicado ao prêmio Nobel”, eu falei “rapaz, isso não aconteceu não, na verdade não foi isso, um professor nosso foi consultado”, aí eu encontrei essa informação.

Entrevista 2 - A FMB tem uma trajetória importante na produção científica na UFBA e no Brasil e na formação tanto de graduação como de pós graduação.

Entrevista 3 - Sem sombras de dúvidas é a escola tropicalista da Bahia, a escola que estudava as doenças características do país, que se destacou muito em 1870, 1860, editava a *Gazeta Médica da Bahia*. Imagina, um periódico médico que é o segundo do Brasil, que era publicado quinzenalmente e tinha uma correspondência muito intensa com os professores que iam para o exterior e voltavam e escreviam, traziam coisas em suas áreas de atuação e de conhecimento publicados na gazeta médica da Bahia, esses [inaudível] mas já teve um período áureo até os anos 1950, 1960, passou um tempo ai meio desativada e retornou e já está de novo com [inaudível]. Eu particularmente estive na faculdade a partir de 1960 ou 1970 e vivi ainda um auge nas pesquisas do professor Zilton Andrade lud Rocha, que realmente deram uma elevação no nível da pesquisa feita aqui principalmente na area de doenças tropicais, na medida que as principais conquistas científicas começam daí.

Entrevista 4 – [respondido em pergunta anterior]

Entrevista 5 - Eu sou uma pessoa que sou ruim de gravar nomes, mas eu sei que no século XIX um estudante de medicina, ele descobriu um fio de sutura, então isso foi uma descoberta dele ainda da primeira metade do século XIX, salvo engano. Tem muita coisa daquele prédio que a gente está conhecendo e tem muitas coisas ainda para se descobrir. Sabemos que a primeira transfusão de sangue, bem detalhada mesmo, foi feita por um professor da Faculdade de Medicina. Tem as questões dos estudos do tropicalismo, da corrente, não sei se eu posso dizer que corrente, os estudos do tropicalismo, e o início é ali na Faculdade de Medicina. Tem uma coisa muito interessante que é a perspectiva que é dos estudos com pessoas com deficiência mental, então Juliano Moreira, ele é considerado um pioneiro nesses estudos de doença mental, ele tem um olhar diferenciado, influenciou o mundo com esse olhar dele diferenciado, porque antes quem era doente mental ficava trancado nos manicômios de alto risco, aquela questão toda muito desumana, então ele dar um olhar mais humanizado para essas pessoas.

Entrevista 6 - Lembra quando teve o surto de chikunguya, zika... Teve algo que partiu de dentro da Faculdade, dos professores que estão trabalhando pesquisa junto com a FIOCRUZ. Acho que teve uma grande produção que partiu de laboratórios de professores aqui da nossa faculdade, mas eu lembro bem da chikunguya que saiu um projeto bem grande daqui e ganhou destaque. Mas assim, te dizer especificamente qual o projeto eu não sei, é uma coisa muito técnica da área de saúde, a gente sabe que aconteceu... Foi bem no surto que tava tendo chikunguya, zika e dengue assolando em Salvador eles descobriram algum tratamento que ajudou neste sentido.

Entrevista 7 - São diversas, desde ciências que tiveram seu início na FMB, como exemplo a Meteorologia, que principiou na cadeira de Física Médica, onde na segunda metade do século XIX eram feitas as “tábuas meteorológicas” e onde um dos professores, Dr. Ignácio Jozé da Cunha (1826 – 1876) criou até instrumentos. Em vários outros campos do conhecimento formando ou professores da FMB obtiveram destaque entre os quais, na Botânica, Dr. Joaquim Monteiro Caminhoá (1830 – 1886); na Filologia, Dr. Hebert Parente Fortes (1897 – 1953); Dr. Thales Olímpio de Azevedo (1904 – 1995) na Sociologia; na Antropologia, Etnologia, Dr. Raymundo Nina Rodrigues (1862 – 1906), Dr. Arthur Ramos (1903 – 1949); Dr. Gustavo Eduardo Hasselmann (1879 – 1929) na Oceanografia; Dr. João Muniz Barretto de Aragão na Medicina Veterinária... Nos dias atuais, os professores se empenham para contribuir com o desenvolvimento da ciência, realizando pesquisas em inúmeros campos, como HIV, Tuberculose, questões da bioética, questões sociais, etc. O desenvolvimento de pesquisa é um dos pré-requisitos para ingresso na docência da UFBA, e também a realização de atividades de extensão.

Entrevista 8 - Os trabalhos de Nina Rodrigues, do professor Fraga, professor doutor Arnaldo, dentre outros.

Entrevista 9 – [não respondeu]

Entrevista 10 - Assim sei que na casa tem muito doutor médico, né, que passaram por ali. Mas eu tenho uma história, uma história que eu tinha lido uma vez sobre o Nina Rodrigues, eu não sei se houve alguma descoberta científica dele, mas ele é um cara que era um médico que era fora de série, que houve uma época que faltou água lá no prédio, eu li algo que ele foi carregar água daquela fonte da faculdade. Nina Rodrigues, diz que ele passou tanto tempo aqui em Salvador estudando que quando voltou para o interior, voltou magrinho e aí botaram o apelido nele de “Doutor Farinha”. Eu li isso em um lugar, não lembro onde. Para mim foi um cara assim fora de série, né? Que essa parte da Medicina Legal é muito fantástico o cara saber de tudo que tinha ali dentro, onde tinha que tocar, onde que abrir para fazer aquele exame, né?

Para saber o que foi que a pessoa tem, e tem Carlos Chagas também, né? Eu acho que até uma dedicação a ele na parede uma dedicação assim, na verdade não tem o nome dele, tem uma imagem com os besouros, aí eu relatei ao besouro barbeiro.

Dada a grande relevância histórica da escola “tropicalista” e o pioneirismo de Nina Rodrigues na área da Medicina Legal e da Antropologia Criminal, era de se esperar a mobilização destas memórias em torno da FMB. O vínculo entre Nina Rodrigues e a FMB, entretanto, é cercado de cuidados, como se se tratasse de uma “nódoa” na imagem progressista que as muitas memórias mobilizadas querem construir para a FMB.

Aparece aqui, com toda a força, um elemento que antes havia ficado apenas intuído: o recurso da FMB às *glórias do passado* para agregar mais peso à relevância da instituição. Na maioria das respostas, os pesquisadores e acadêmicos citados estenderam sua atuação até as décadas de 1960 e 1970. É digna de nota a coincidência entre o limite temporal mais recente das conquistas científicas lembradas e o período da mudança da FMB para o Canela. Não se sabe se por modéstia, esquecimento ou ocultação deliberada, mas somente as conquistas científicas mais antigas foram mencionadas.

O prédio da FMB e seu entorno

As memórias sobre o próprio *prédio* onde a FMB encontra-se instalada pedem algumas explicações e palavras preliminares. Não se pode adentrar em qualquer entendimento sobre a cultura visual elaborada no âmbito da FMB sem tratar, antes de mais nada, da própria inserção da FMB no espaço. Seu prédio é elemento visual da cidade que merece comentário extenso, pois ilustra o tipo de projeto de regimes de visibilidade, de enquadramento de memória, de tradições inventadas e de produção de símbolos que esta dissertação quer analisar.

Apesar da igualmente longa presença do uso hospitalar no imóvel, foi a existência pregressa do Colégio dos Jesuítas no mesmo local que, sendo seguido quarenta e nove anos após seu fechamento pela própria FMB como instituição de ensino, imprimiu por séculos ao prédio e ao próprio Terreiro de Jesus um elo simbólico com a *educação*. Reforça esta simbologia e esta memória o fato de um dos acessos ao Terreiro de Jesus manter o nome de *rua do Colégio* até sua incorporação pela atual praça da Sé, em 1933. É a esta tradição educacional que se refere um memorialista, ao construir da rua uma bela imagem:

Se todas as ruas são ruas de lembranças, esta é a rua das melhores lembranças da vida estudantil baiana, do século XVI ao XIX, e quase a nossos dias [...] Rua por onde passaram discípulos e mestres

imortais em nosso orgulho, estúrdios ou tímidos uns, graves outros e compenetrados de seu saber, pisando um chão apertado entre fachadas escuras de sobradões [...] Rua educada e ilustre, com a sombra que se alastra pelo calçamento e pelos passeios [...]. Sacralizada, assim, pela memória dos que por ali passaram durante séculos, os Anchieta, os Eusébio e Gregório de Mattos, os Antonio Vieira, São João de Brito e tantos que “se vão da lei da morte libertando”, esta rua de lembranças seria também, se persistisse no espaço, uma rua de nossa devoção à cultura baiana. Rua do Colégio: rua da sapiência do Brasil (Rebouças et al., 1979, p. 98).

A reconstrução pictórica da rua do Colégio pelo arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças, em 1979, dá uma ideia da impressão causada por esta simbologia (Figura 2). O Terreiro de Jesus, onde a rua desemboca, chamou a atenção de muitos viajantes pela beleza arquitetônica, havendo inclusive quem, Os naturalistas Johann Baptist Spix e Karl Friedrich von Martius, por exemplo, passaram por Salvador em setembro de 1918; consideraram o conjunto da igreja e colégio como “o mais notável edifício da cidade alta” (Spix & Martius, 2016, p. 95), dizendo das demais igrejas soteropolitanas que “são de arquitetura sem importância” (Spix & Martius, 2016, p. 97). Assim descreve um memorialista o que terá sido o Terreiro de Jesus em meados do século XIX:

O Terreiro de Jesus foi no passado e continuou, por todo o século XIX, a praça mais formosa e mais importante da Bahia. [...] transposta a rua das Portas do Carmo, o enorme sobradão da família Menezes, seguindo-se a ala do edifício do antigo Colégio, que forma ângulo com o seu corpo principal avistado de frente, com a porta alpendrada (Rebouças et al., 1979, p. 107).

O arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças dedicou bela pintura à reconstituição do Terreiro de Jesus (Figura 3). Nela, o prédio da FMB aparece ao lado da igreja, em cor azul-celeste, e o “enorme sobradão da família Menezes” aparece colado ao antigo prédio da FMB, em cor ocre alaranjada.

Na mais antiga fotografia conhecida do Terreiro de Jesus, registrada em 1858 por Victor Frond (Figura 4), e também na fotografia do Terreiro de Jesus registrada por Benjamin Mullock em 1859 (Figura 5), percebe-se um detalhe que evidencia ter Diógenes Rebouças escolhido retratar o Terreiro de Jesus e a FMB como teriam sido entre as décadas de 1850 e 1860. Nas fotografias de Frond e Mullock ainda é possível ver um elemento do prédio da FMB que já em 1862, na fotografia de Camilo Vedani (Figura 6), encontrava-se desaparecido: o *alpendre*, espécie de pequeno toldo feito aos moldes de um telhado, que estendia-se a partir da entrada contígua à atual igreja da Sé. Na fotografia de Mullock o alpendre encontra-se bem à direita; na de Vedani, pode-se notar como o alpendre removido, em cujo lugar foi apostado um brasão do Império do Brasil, deixou uma marca branca na parede já enegrecida talvez pela ação contínua da chuva e do sol. Há outro elemento na reconstituição de Diógenes Rebouças que merece destaque: o “enorme sobradão da família Menezes”, que ainda pode ser visto na fotografia do Terreiro de Jesus feita por Camilo Vedani em 1862 (Figura 6) fazendo esquina com a rua das Portas do Carmo. Na imagem, o lado da FMB contíguo ao “sobradão” tem apenas cinco janelas no primeiro pavimento, enquanto na fotografia de Rodolfo Lindemann, de 1902 (Figura 7), o “sobradão” desapareceu: este lado da FMB aparece já em sua configuração atual, com dez janelas cindidas por um pórtico central, terminando o prédio na esquina da rua das Portas do Carmo (atual rua Alfredo de Brito). Um exame atento da planta baixa do antigo Colégio dos Jesuítas, também de autoria de Diógenes Rebouças (Figura 1), quando comparada com uma vista aérea do prédio da FMB, atesta como o prédio foi sendo paulatinamente *augmentado* em comparação com o que terá sido seu terreno e tamanho originais. A incorporação do “enorme sobradão da família Menezes” mostra, além do crescimento, como o prédio da FMB passou por sucessivas reformas. A feição mais próxima da atual foi estabelecida numa reforma encerrada em 1895, data registrada no frontão do prédio. A fotografia de Rodolfo Lindemann que registra o Terreiro de Jesus em 1902 (Figura 7) apresenta não mais um prédio de com as feições secas, sóbrias e retas da arquitetura colonial portuguesa retratado em fotografias anteriores, mas um prédio com fachada em estilo eclético de forte inspiração neoclássica, de janelas pedimentadas, portas com colunas caneluradas embutidas e lintéis. O prédio passou por nova reforma ainda em 1903, a julgar por outra data no frontão do prédio.

Em 1905, o prédio da FMB foi quase totalmente destruído por um incêndio, que mobilizou toda a comunidade de estudantes e professores para salvar seus arquivos e a biblioteca. Graças aos esforços do então diretor, Alfredo Tomé de Brito (em cuja homenagem a rua das Portas do Carmo, que margeia a FMB, foi rebatizada), foi viabilizado um ambicioso projeto de reconstrução, elaborado pelo arquiteto e professor da Escola Politécnica de São Paulo, Víctor Dubugras, indicado pelo engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio, o primeiro profissional responsável pela condução das obras, que também indicou o escultor italiano Pasquale de Chirico para confeccionar as esculturas que ainda hoje adornam o prédio interna e externamente; o pintor italiano Orestes Sercelli foi contratado para fazer a pintura decorativa do Anfiteatro e da biblioteca (Fortuna & Oliveira, 2017, p. 4). Por força das obras de restauração e reconstrução da FMB, as casas de números 2 a 16 da rua das Portas do Carmo foram desapropriadas. Com o fim das obras de reconstrução em 1909 foram incorporadas ao prédio da FMB novas alas e também sua última e mais portentosa expansão: o anfiteatro Alfredo de Brito (Britto, 2002, p. 311–316), prédio que domina o jardim da FMB e chama a atenção dos passantes. Não há um só ambiente interno do prédio onde não se veja uma pintura, uma escultura, um piso ladrilhado, um afresco ou alguma impressionante mobília em madeira de lei profusissimamente entalhada, torneada, adornada e esculpida. O prédio antigo da FMB no Terreiro de Jesus chegou, assim, à sua forma atual, que tem se mantido intacta desde então. Tão longa existência é decerto fator para ativar naqueles que frequentam o imóvel, ou que nele trabalham, um delicado trabalho de reconstrução de memórias, elaboração de significados, afirmações e reafirmações.

A pergunta que buscou reativar estas memórias indagou às pessoas entrevistadas *quais as suas principais memórias quanto ao prédio da FMB no Pelourinho*. Há aqui um misto de evocação de memórias pessoais, profissionais e epifânicas, buscadas para evidenciar vínculos mais profundos entre as pessoas entrevistadas e o principal marco visual da FMB.

Entrevista 1 - Conhecia de criança aquela rua lateral, a Alfredo Tomé de Brito, porque ali tem muitas igrejas, eu ai para a missa ali com minha avó, e gente passava e alguém me dizia assim: “ali naquele prédio, ali é o Nina” [*Instituto Médico Legal Nina Rodrigues*], “ali está a cabeça de Lampião”. Uma única coisa que eu lembro realmente, de memória remota assim, é que eu sabia que ali naquele prédio tinha a cabeça de Lampião e Maria Bonita, mas visitar o prédio mesmo não, só em 2004. E o memorial mesmo eu só conheci em 2008, porque quando eu fui para o Terreiro, a sala da Diretoria era ali onde Cibele trabalha hoje, todo aquele pedaço da ala nobre era fechado, tinha tapume, estava em reforma. Nós não entrávamos ali. A primeira vez que eu entrei foi no bicentenário da escola,

quando fizeram um trabalho ali, e reabriram tudo, não vivia aberto, vivia trancado de tapume. [*Em 2008 foi o marco da reinauguração oficial?*] Foi. Foi porque quando comemoramos os 200 anos da escola, aquela parte nobre reabriu, o professor Tavares saiu da sala de Cibele e trouxe a diretoria para esse espaço, e os professores e funcionários passaram a ter acesso a ala nobre, mas exclusivamente nós, ninguém mais tinha acesso ali. [*Não havia visitação?*] Não. Visitação não tinha.

Entrevista 2 - Depois de uma primeira visita realizada em 1977, quando ingressei no curso de medicina, ao Instituto Médico Legal que funcionava no Terreiro de Jesus, só voltei lá em um momento nos anos 90 e depois em 2004.

Entrevista 3 - Eu tinha aulas de primeiro e segundo ano. quando o terceiro ano me falou da aula de [*inaudível*], o prédio já estava parcialmente interditado. Havia aulas, eu ainda tive uma aula de Antropologia Médica com Vivaldo Costa Lima, que era um antropólogo muito competente da UFBA. Eu fui visitar naquele caminho no Barão de Itapuã, lá do fundo, e depois Geoquímica, também no Barão de Itapuã, e também tive no anfiteatro Brito, que era dividido. Não era como é hoje, tinha um segundo andar, havia uma laje, foi feita uma laje, o Carlos Geraldo, que foi diretor, ele tinha uma construtora, e a construtora dele conseguiu meter uma laje entre o segundo e o terceiro andares. É como se você subisse um nível ali do anfiteatro. Embaixo tinha um laboratório de bioquímica, e em cima eram as aulas, uma outra sala de aula, um outro anfiteatro Brito ali em cima. [*Por isso aquelas portas no piso intermediário?*] [*inaudível*] explicito, e tive aula de Farmacologia no anfiteatro Brito, onde hoje é a secretaria, em homenagem ao Bragda, que tem uma história complicadíssima na Faculdade.

Entrevista 4 - A História e a Beleza do prédio e o acervo que ele abrigava: coleções de peças e laminas, a biblioteca, os retratos, os moveis, etc.

Entrevista 5 - [*Antes de fazer parte do quadro da faculdade você não conhecia o acervo?*] Nada, não conhecia. Depois que eu entrei ali, tanto que a minha lembrança assim, é o primeiro dia que eu vou me apresentar ao professor Adan, que é o diretor da Faculdade de Medicina, e quando eu entro na sala dele, eu fico rodando assim devagarzinho observando os quadros de diretores, aqueles móveis, observando tudo, e quando eu sentei na cadeira na frente dele, eu até pedi desculpa, mas é um encantamento assim por ser da área de patrimônio, ter formação em História, ser restauradora, ter entrado em um lugar tão lindo com uma vista maravilhosa... Então essa é a minha lembrança marcante do primeiro impacto naquele lugar. Como servidora hoje, é descobrir, todos os dias é uma descoberta, no subsolo da BGM (Bibliotheca Gonçalo Moniz), tem uma pintura na parede que é do Caribé, isso também me marca.

Entrevista 7 - Conheci o prédio entre os anos de 2007 e 2009, quando era estudante de Museologia da UFBA.

Entrevista 8 - O acervo e torre da BGM o anfiteatro, o museu nas arcadas, com a cisterna; a sala da Congregação; o salão nobre.

Entrevista 9 - Um prédio muito bonito, imponente, sempre o vi como espaço elitizado, algo que faz parte da história do bairro, algo marcante também de forma negativa são os moradores de rua que dormem em meio as portas do prédio. Infelizmente retrato da negligência do poder público.

Entrevista 10 - Eu lembro que quando eu cheguei lá, a biblioteca era abandonada. Tinha montanhas e montanhas de livros, na gerência do Reitor Naomar de Almeida Filho. E aí eu sempre no final de semana, que o prédio tava fechado, eu sempre entrava lá para olhar os livros, era uma montanha de livros, tipo mofado, livros se perdendo, tudo pelo chão, tudo já com a capa preta, capas grudadas, eu achava que aquilo ali muito triste, para mim ia ser uma perda grande alguém não restaurar aquilo ali. [*A parte de dentro da Biblioteca estava também abandonada?*] Estava abandonada, na época foi, na época que surgiu, estava tendo o projeto Escola Oficina, né? Que recebeu uma verba da Espanha e que pagava as pessoas da época dessa escola que dava uma bolsa para moças e rapazes que não trabalhavam. E aí tinham várias oficinas, né? Oficina de pintura, de ferreiro, o cadastro. E cada um ia aprendendo a profissão e ia restaurando o prédio. E esses livros, na época a administradora era dona

Zilda Cerqueira Brito que era uma bibliotecária, como administradora de lá, ela entrou em um acordo com o reitor e alguns outros médicos, eles conseguiram uma ajuda do Exército e fizeram mutirão para salvar esses livros na época. Eu lembro que na época até a dona Graça estava ai também, dona Graça Zilda. Eu lembro que Naomar até as mangas arregaçou para carregar um carro de mão cheia de livros. [O próprio reitor?] Sim, eu lembro como se fosse hoje ele carregando um carro de mão assim cheio de livros. [E levando pra onde?] Não tirando da biblioteca, estava tirando da biblioteca para botar dentro de outra sala mais arejada para não ficar perdido. [No mesmo prédio?] Sim. Agora teve alguns livros que foram levados para outro local para restaurar. [Mas dentro do da faculdade ou para outra unidade?] Não, eu acho que não sei se foi para alguma biblioteca da universidade, não sei não lembro pra aonde foi. [E essa da retirada dos livros, foi num dia só ou levou mais tempo?] Não, leva muito tempo, tanto que a faculdade fez um acordo com aquele Cleiton do Lanche pra todo dia levar o lanche para o pessoal, era um jarro de suco e vários pães, vários mistos para esse pessoal do exército. [E você sabe quem bancava, se era a faculdade ou eram do próprio bolsa deles?] Rapaz, eu acho que era UFBA ou era a administradora, porque houve uma situação uma vez que o pessoal do Exército não foi, aí tinha uma secretária do Museu Arqueológico muito da sabida, e o pessoal do lanche que chegou lá com esses lanches e entregou, ai ela me chamou, “vem aqui embaixo”. Me ligou, ai eu [perguntei] “o que foi?” e ela [respondeu] “não menino, o pessoal do Exército não veio hoje, o lanche é nosso”. A gente aí comeu, depois a administradora procurou saber quem foi que tinha comido. Só sei que a gente comeu o lanche, porém não sei de onde é que era a essa verba, se era a própria administradora do bolso dela ou era a UFBA que pagava esse lanche para esse pessoal. [E isso foi no início dos anos 2000 né?] 2001, 2002 por aí. [Foi nessa época precisamente que começou a restauração com a Escola Oficina?] Quando eu cheguei lá já estava já, estava no início já. O salão nobre era tudo escorado, essa época o salão nobre fazia vergonha, o salão nobre estava numa “UTI”, todo escorado, horrível. Eu lembro que teve um evento de Dois de Julho, que teve até um desses atores globais que se vestiu de Castro Alves pra proclamar uma poesia em uma daquelas janelas ali, e aí a direção na época me deixou naquela porta principal do Salão Nobre lá, para não deixar ninguém passar para lá, e eu sem querer, porque tem pessoas que não querem ser barradas. Nesse dia eu barrei aquela Lídice da Mata. Queria passar porque queria, e eu disse: “não aqui, que eu tenho ordem para não deixar ninguém passar”, e ela [disse] “não, meu filho, eu sou fulana”. Eu falei “o salão aqui não há condições de ficar muito gente porque ele tá todo escorado, você não está vendo como está aqui dentro não, ai acontece um acidente aqui, quem vai ser prejudicado sou eu”. E ela sem querer entender. Ai ela ficou assim da porta olhando lá para dentro o rapaz, o ator, ele é da TV Bahia, esqueci o nome dele. [Será que o Jackson Costa?] É isso mesmo, é o Jackson. [E no caso o salão nobre estava escorado?] Estava bem acabado, estava em fase de obras, né, mas estava horrível mesmo, aquele fedor de mofo, aquelas tábuas velhas, fazia vergonha. [E todo mundo querendo entrar mesmo assim?] É, e querendo entrar, não sei pra que, acho que para aparecer na janela, pra ser filmado, pra ganhar fama.

Pompa e circunstância é a primeira expressão que vem à mente ao ler o impacto causado pelo prédio nas pessoas entrevistadas. Um prédio imponente e elitizado, salvo da decadência por um grande esforço de parte da comunidade docente da FMB. Imponente ao ponto de sua fachada ser palco para performances artísticas mesmo quando o interior encontrava-se arruinado. Um lugar tão solene e circunspecto que impele a pedir desculpas pelo ato banal sentar-se. Mesmo a presença de moradores de rua, nota negativa na apreciação, é elemento externo, que não diminui a capacidade do prédio de admirar, espantar, encantar... Veja-se novamente a história da senhora esperançosa e deslumbrada, que sempre quis conhecer o prédio mas não sabia que podia entrar.

Um prédio, portanto, destinado a *disciplinar*. Belo como seja o imóvel, imponente e suntuoso, atraente à vista dos passantes, não se pode esquecer que sua forma e aspecto atuais foram concebidos para uma instituição educacional, onde a arquitetura e a produção visual dos interiores é tão educativa e formativa quanto o próprio currículo. Na arquitetura civil de Salvador o período que vem desde a proclamação da República até boa parte dos anos 1930 é o auge do estilo *eclético* e do *higienismo sanitarista*, com que a própria FMB contribuiu bastante (Nascimento Jr., 2019). Tal estilo incorpora elementos de estilos pregressos em busca da formação de uma arte singular, mas no caso soteropolitano tornou-se a expressão de um sentimento, por parte das elites, de ruptura com um passado colonial e escravista que associavam ao “atraso”, à “feiúra”, à “incivilidade” (Leite, 1996; Uzêda, 2006). Salvador viveu então mudanças drásticas em sua aparência, porque também os proprietários de imóveis, premidos pela nova legislação higienista (Araújo, 1992), reformavam seus imóveis e trocavam suas fachadas pelas do novo estilo, resultando numa aparência bastante uniforme das casas proletárias (Cardoso, 1991) e numa espetaculosidade dos edifícios monumentais que beirava o *kitsch* (Almeida, 1997, 2014) .

As reformas e ampliações executadas no prédio da FMB até sua forma atual obedeceram ao mesmo programa, seguiam a mesma estética e, a julgar por algumas das respostas a esta pergunta, produziam os mesmos resultados. Tanto assim que o sentimento de admiração, de solenidade, de deslumbramento, é manifestado nas entrevistas sempre por pessoas que não são médicas, enquanto nas respostas de médicos o foco esteve menos nos aspectos visuais que nas memórias de relações e eventos ocorridos no prédio. Já não lhes impressiona a pompa; foram educados a isso. A hiperexposição a um ambiente saturado de obras de arte, símbolos do passado

A galeria de retratos de diretores, catedráticos e demais facultativos no prédio da FMB

A FMB tem longo histórico de relação com a cultura visual da cidade. Não apenas seu prédio é um dos monumentos mais importantes da arquitetura civil soteropolitana, como também um de seus professores, Jonathas Abbott, foi artista plástico de renome em sua época e colecionador de arte; sua coleção pessoal de 391 quadros foi arrematada pelo governo provincial em 1871 para ser exposta no Liceu Provincial (Amaral, 2013, p. 403), sendo portanto a primeira pinacoteca da Bahia.

A FMB abriga em seu espaço duas grandes coleções de retratos: a dos *Diretores* e a dos *Catedráticos Falecidos*. Os retratos apresentam-se individualmente como pinturas em tinta a óleo em formato oval, emolduradas em madeira com estofamento em ouro, de dimensão aproximada de 65 cm x 51 cm com pequenas variações de quadro a quadro. Os retratos mostram pessoas ora de frente, ora ligeiramente de perfil, quase sempre com o olhar voltado para um ponto que não coincida com o olhar de quem vê o quadro.

Mota (2018) preparou um relatório descritivo do acervo do MMB, onde se destacam as seguintes obras e ambientes: Diretoria: 30 quadros, 3 bustos; Congregação; 73 quadros; Secretaria: 7 quadros; Salão Central: 5 quadros; Sala dos Lentes: 3 quadros; Salão Nobre: 3 bustos; Hall do Salão Nobre: 75 quadros.

Tendo apenas os quadros como referência, parece haver uma preferência, mas não um padrão, por retratar os catedráticos e diretores em *vestes talaras*.

As chamadas *vestes talaras* – assim chamadas porque cobrem o corpo até o calcanhar (*talus*, em latim) – têm origem remota em vestes cerimoniais romanas, e sua versão atual tem duas origens. A primeira é a Universidade de Bolonha: surgida da abertura das escolas de Direito Canônico para outros cursos, criou a figura do *rector scholarium*, dos *doutores* e dos *chanceleres*, estabelecendo uma vestimenta específica para distinguir cada um deles. Servem as vestes talaras para destacar estas figuras em meio a outras pessoas, chamando a atenção e simbolizando poder. A Universidade de Coimbra seguiu os modelos bolonheses com adaptações, e os muitos *bacharéis* que proliferaram no Brasil desde o século XVIII acostumaram-se ao rito e às formas; ademais, as primeiras faculdades estabelecidas no Brasil seguiram o rito coimbrão, incluindo as vestes. O cerimonialista Marcílio Reineax (2011), além de resgatar este histórico, apresenta quatro tipos de vestes talaras:

- a) *Vestes reitoriais*: beca preta, samarra e capelo brancos e bastão reitoral. A cor branca é exclusiva do reitor, que por ser composta da soma de todos os espectros luminosos representa a soma de todos os ramos do conhecimento.
- b) *Vestes doutorais*: beca preta, samarra e capelo na cor da área de conhecimento do doutor (ou chanceler, nas universidades onde existe tal posição).

- c) *Vestes professorais*: beca preta com torçal e borla pendente na cor de sua área de conhecimento.
- d) *Vestes acadêmicas*: beca ou capa acadêmica. Não é considerada propriamente uma veste talar, pois é usada quase exclusivamente em formaturas.

“Beca” é o camisolão preto comum em formaturas. “Capelo” é chapéu de uso exclusivo do reitor e dos doutores; professores e acadêmicos (estudantes) usam a “borla”. “Samarra” é a espécie de “capa” usada sobre a beca, cobrindo os ombros até chegar aos cotovelos. “Torçal” é o cordão de fios torcidos usado na cintura, de onde pende uma “borla”, enfeite em forma de “vassoura” que, por metonímia, deu nome ao chapéu dos acadêmicos em formatura, onde também é usado. Às vezes as vestes talares incluem um “jabô”, variação coimbrã sobre as vestes bolonhesas: espécie de cobertura branca rendada parecida com uma gravata muito larga, presa ao pescoço por uma espécie de gola larga branca chamada “cabeção”. Alguns “jabôs” nos retratos têm bordado o bordão de Asclépio, símbolo da Medicina desde tempos imemoriais. As vestes talares do cerimonial universitário são usadas sem muitas variações estruturais ao longo dos milênios, então as regras atuais podem ser projetadas sem anacronismo ou prejuízos para os retratos mais antigos.

Ocorre que nem todos os retratados aparecem com as vestes talares. Número significativo deles, inclusive, usa apenas as roupas mais formais de sua época. Por que terá sido quebrado o cerimonial? A primeira hipótese: somente a partir do Estatuto de 1854/1856 tornou-se obrigatório o uso das vestes talares na formatura, gerando um padrão de roupa formal. A segunda hipótese: como alguns retratos foram encomendados *post mortem*, a escolha das vestes a usar na pose foi escolhida por quem encomendou o quadro, que preferiu homenagear o retratado sem o uso das vestes talares. Dada a insuficiência de fontes até o momento, somente um estudo mais aprofundado sobre os antigos estatutos e sobre as atas da Congregação da FMB poderá indicar sem sombra de dúvidas se alguma destas hipóteses, ou mesmo outra, está correta

Foi tendo esta análise prévia em vista que as perguntas foram elaboradas, na tentativa de elucidar elementos ainda não registrados em documentos da FMB. Pretendeu-se também averiguar que memórias os quadros evocam, e que afetos mobilizam. As entrevistas contituem, portanto, um rico panorama documental sobre as percepções da comunidade da FMB acerca desta galeria.

Quem são as pessoas retratadas

A pergunta a seguir indaga às pessoas entrevistadas se sabe *quem são ou foram as pessoas retratadas*. Aberta, a pergunta permitia respostas muito variadas, mas as respostas foram surpreendentemente convergentes.

Entrevista 1 - Na Congregação e na antessala do Salão Nobre, são todos professores catedráticos. Professor catedrático era o top da carreira acadêmica e era mediante concurso, todos eles faziam concurso. Normalmente havia um catedrático só, em fisiologia e em bioquímica, anatomia e parasitologia havia um concurso, as pessoas se inscreviam, somente um poderia ser o catedrático. Então aquelas fotos todas ali são de catedráticos, que hoje corresponderia, na nossa carreira universitária atual, ao mais alto grau que, é o de titular. Só que hoje no Brasil a classe titular não é obtida só por concurso, ela pode ser também por promoção, ou seja, todo mundo que cumprir determinadas etapas da vida acadêmica, inclusive números de anos, pode vir a ser um professor titular. Não necessariamente por concurso, mas aqueles todos ali foram por concurso. Eu contei 66 quadros na sala da Congregação, na antessala do Salão Nobre tem 80 quadro pendurados e alguns apostos recentemente inclusive. Fora esses catedráticos, no gabinete da diretoria tem os retratos dos Diretores, dos últimos 40 diretores da Faculdade de Medicina; esses não necessariamente foram catedráticos, podem ter sido diretores, mas podem não ter sido catedráticos.

Entrevista 2 - Havia a tradição de retratar os fundadores, diretores, os professores catedráticos (mais antigos). Depois, com a extinção desses, passaram a ser os titulares. Tem retratos de outros docentes, mas não sei o motivo.

Entrevista 3 - Tem bustos de pessoas ali que nem é médico, tem busto de Cesar de Araújo. [*Mas os bustos não serão tratados especificamente, são basicamente os retratos ovais.*] Geralmente são catedráticos mortos. Quando o professor titular brigava com o outro ali na reunião da Congregação dizia: “cuidado, professor, não quero te ver ali em um quadro pendurado na parede”... porque aqueles ali estavam mortos. Pelos cargos que eles ocuparam, se eu não me engano, na Congregação, ali só tem catedrático. Fora da congregação, quem vai lá para o Salão Nobre, é outra história, nem sempre são catedráticos. O problema é que ali não tinha mais espaço para colocar na congregação, alguns foram lá para fora, tem vários dos catedráticos do lado de lá [*fora da Congregação*]. Zé Maria Magalhães, Olvide Pinho, e outros que estão lá fora foram catedráticos, mas não estão pendurados dentro da sala da Congregação, aquela de madeira. Dentro da Diretoria só tem diretores da faculdade, têm por ordem cronológica.

Entrevista 4 - Os Diretores da FMB, cujos retratos ficam na sala do Diretor. Não sei como ficam os Diretores que atuaram enquanto a FMB se localizou no Vale do Canela, não era para eles terem retratos no Terreiro. Depois do retorno não sei como ficou. Também há os professores que eram Lentes e Catedráticos, cujos retratos ficam localizados na sala da Congregação. Não era para ser colocado o retrato do professor cujo concurso foi realizado no Canela. Depois do retorno não tenho informação como ficou. Há também pessoas importantes como D. Pedro II, que está na Sala dos Lentes; os Secretários, que ficam na sala do Secretário; e alguns outros que ficam em outros locais,

como nos anfiteatros. Por último, há cientistas do passado, de renome mundial, cujos afrescos estão no Salão Nobre.

Entrevista 5 - Até agora nas minhas leituras eu identifiquei que aquelas pessoas são os professores da Faculdade de Medicina da Bahia nesses 200 anos, não estão todos, e porque daquela pintura deles? Em determinado momento, foi feita essa pintura em homenagem aos professores que haviam sido falecidos, então no primeiro momento eram os estudantes que faziam essas homenagens aos professores. [*Quem são ou quem foram as pessoas retratadas nesses quadros?*] Todos eu não sei.

Entrevista 6 - Na diretoria todos os retratos que estão lá são de pessoas, homens na grande maioria, só tem uma mulher que é professora Lorene, pessoas que foram diretores. Todos os diretores que passaram por aquela sala estão retratados nessas imagens, estão na parede da Diretoria. Na Congregação e na antessala do Salão Nobre, são professores catedráticos, professores que foram donos de alguma cadeira, ou seja, foram responsáveis por alguma matéria naquela época, por exemplo, Clínica Médica, o professor era responsável pela cadeira de Clínica Médica. E isso era passado como se fosse uma sucessão, como na Academia Brasileira de Letras. Pelo que eu entendo, é mais ou menos essa a concepção dos catedráticos que pertencem ali na sala da Congregação. E esses também tinham voz na Congregação e na antessala do Salão Nobre. E eu não lembro até que período foi que tinha essa característica [*de professores catedráticos*]. Mas depois que acabou isso não se não teve mais essa coisa do cara ser dono daquela matéria. Só falando um pouco mais aqui também, tem ali a sala do Secretário também, tem algumas imagens de alguns Secretários, mas alguns que tem um longo destaque na história ali da faculdade, como a imagem de Dom Pedro II. Mas também de pessoas importantes aqui, só que tem sua importância dentro da Faculdade de Medicina, para a “lenda” da área da Medicina, né? Eu não me lembro dessa informação, meu não era obrigatório ter médico não, mas acho que a grande maioria foi no médico também pronto na próxima pergunta é você, sabe porque que essas pessoas foram escolhidas para serem retratadas.

Entrevista 7 - Na sala da Congregação estão representados professores e médicos que atuaram na FMB, alguns catedráticos. Há também alguns homenageados pela atuação científica no Brasil. Todos já estão “encantados”, designação adotada pelo escritor Guimarães Rosa [*para referir-se a pessoas falecidas*], seguida atualmente pelo professor Ronaldo Jacobina. Na sala da Diretoria, são os professores e médicos que atuaram como diretores da FMB, tendo, inclusive, o retrato do professor Edgard Santos, mentor intelectual do projeto de implantação da Universidade da Bahia, em 1946, atual Universidade Federal da Bahia.

Entrevista 8 - Nosso professor presidente, nossos governadores, senadores, deputados, dentre outros.

Entrevista 9 - Nina Rodrigues, Julio Moreira, Maria Odilia, Martagão Gesteira, Luiz Anselmo da Fonseca, Rita Lobato.

Entrevista 10 - Ali foram médicos né, para ter um quadro daqueles algum bem mais importante, né? Porque não sei, sinceramente, eu passei até por lá essa semana passada e estava olhando algum nome de alguns que até levam nomes de hospitais, né, Aristides Maltez, Jorge Valente.

Os médicos e os funcionários que lidam mais diretamente com a produção da memória da FMB têm uma vaga noção de quem são as pessoas retratadas, mas há dois tipos de retratos: o dos diretores e o dos professores catedráticos falecidos. Note-se: *falecidos*. A memória de 1942 é bem precisa a este respeito (Oliveira, 1992). A abertura do debate sobre quem deve estar na galeria implicaria numa revisão da tradição retratística e numa alteração da simbologia.

O que precisa fazer para ter retrato

Seguindo com as indagações, às pessoas entrevistadas perguntou-se *por que estas pessoas foram escolhidas para serem retratadas*. Com ela, vão sendo mais precisados e especificados os ritos e tradições em que os retratos encontram-se imersos. A pergunta, igualmente aberta, permitiu respostas muito interessantes e reveladoras.

Entrevista 1 - Eu não sei em que momento foi que se decidiu que os professores catedráticos teriam direito a um quadro, não sei se isso foi herdado de alguma escola europeia, provavelmente foi, porque durante muitos anos as nossas ações e atitudes foram movidas a partir de saberes e tradições europeias, mas em algum momento se decidiu que os professores catedráticos teriam as suas pinturas apensadas ali, naquele espaço. [*E os quadros dos diretores, está o quadro a partir do primeiro?*] Não. Não está desde o primeiro. O que está lá, o primeiro quadro é de um cara chamado José Avelino dos Santos, que é de 1860 e poucos, então não é dos primeiros. Tem que ver quando ele foi diretor, para ver se coincide quando a escola passou a ser faculdade mesmo. A escola só se passou a se chamar Faculdade de Medicina da Bahia, na reforma de 1832, e é por isso que tem aquela complicação com o Rio de Janeiro, que o Rio de Janeiro diz que a primeira faculdade foi lá. [*Qual a faculdade do Rio de Janeiro está nessa briga, a faculdade que deu origem a UFRJ?*] Exatamente. A faculdade de medicina de lá. Eles dizem que eles foram a primeira, mas a gente já era escola medica cirúrgica, que formava médicos, a gente só tinha outro nome, não tinha nome de faculdade. [*Salvador aproveitou o desembarque da família real para formalizar?*] É. Quem convenceu D. João VI a criar a escola aqui foi aquele José Correia Picanço. [*Ele tem uma pintura no salão nobre?*] Tem, no salão nobre, bem atrás da mesa diretora, o quadro central de lá, é o quadro de José Correia Picanço. [*Ele era português ou brasileiro?*] Ele era brasileiro, pernambucano, de uma cidade chamada Goiana, tanto que ele é o barão de Goiana. Ele era o cirurgião mór do reino, então ele foi estudar medicina em Portugal e ele veio no navio com D. João VI, e conta-se que aqui ele convenceu D. João a criar a escola de cirurgia da Bahia.

Entrevista 2 - Pelas funções que ocupavam na carreira.

Entrevista 3 - Eram importantes na faculdade, por cargos que ocuparam na faculdade. Então professores catedráticos, que não é titular, vamos chamar catedráticos, e dentro da Diretoria os que foram professores diretores da faculdade. Que eu saiba não tem nenhum ali retratado que não tenha sido professor titular, todos foram catedráticos.

Entrevista 4 - Porque desenvolveram a função específica, Diretor, professor, etc. No gabinete do chefe da Cátedra ficava um retrato, geralmente em moldura quadrada, do Lente respectivo. Era determinado, não me recordo se era Portaria, se era artigo de alguma das leis que modificaram o ensino superior, que os professores e os diretores teriam seus retratos nas salas indicadas.

Entrevista 5 - Porque eles eram professores que faleceram e em um determinado momento, ainda no século XIX, os estudantes e professores resolveram fazer essa homenagem há alguns professores que faleceram. [*A galeria dos diretores começou posteriormente ou foi no mesmo momento?*] Eu ainda não sei te dar essa resposta precisa. Eu acredito que com a homenagem dos professores, resolveram fazer essa galeria dos diretores.

Entrevista 6 - Não sei te dizer não, sei qual é a história, porque eles foram escolhidos, os que não são catedráticos? [*Os que estão na Congregação, na diretoria e na antessala...*] Eu acho que por isso mesmo pelo fato dele ser catedrático, deve ter tido algum tipo de cultura, de se colocar a foto de quem passou por ali, acabou gerando uma cultura, mas eu estou falando muito no achismo.

Entrevista 7_- A pinacoteca da FMB surgiu por ocasião do falecimento de um dos diretores, o professor Francisco de Paula Araújo e Almeida (1799 – 1844), quando foi tomada a decisão de que a Congregação, sob responsabilidade de seus membros, colocasse num dos salões do edifício o retrato do lente falecido e o substituto do mesmo escrevesse sua biografia para ser guardada pelo Arquivo. *[O resto da resposta copia do conteúdo de um livro já disponível ao público uma longa lista de professores com retratos presentes na galeria, pelo que não foi reproduzida.]*

Entrevista 8_- Por sua relevância político-social.

Entrevista 9_- Devido à sua contribuição histórica e científica.

Entrevista 10 - Eu creio que para o cara ter um quadro daquele ali no mínimo ele contribuiu de forma muito grande para Medicina, né? Alguma descoberta ou por aí, não sei direito não, nunca tinha pensado nisso, pra falar a verdade.

Fica evidente pelas respostas que os médicos têm maior segurança acerca da tradição retratista da FMB. Sendo eles os principais destinatários desta tradição visual, pode-se avaliar por aí a eficácia desta prática. Por outro lado, pessoas não-médicas apontaram critérios de *mérito* para acesso à galeria. O contraste entre o *mérito* e as *razões do cargo* é sempre mobilizado ao longo das demais perguntas.

Conheceu algum dos retratados

Sendo os médicos talvez os principais destinatários da tradição retratista da FMB, a pergunta seguinte indagou às pessoas entrevistadas *se conheceu pessoalmente algum dos retratados*. Pergunta simples e direta, que pretendia tanto ativar memórias que remetem aos rituais de aposição dos retratos quanto descobrir possíveis relações de parentesco com os retratados, uma vez que, como já discutido, o curso de Medicina é de livre acesso, mas padece de uma hereditariedade estrutural.

Entrevistado 1 - Conheci vários, alguns inclusive estão vivos ainda, além de mim, Lorene e Tavares, dos diretores, e dos catedráticos também, o ultimo que a gente apensou, na minha última gestão como diretor nós apensamos dois, o do professor Aloisio Prata, que foi infectologista que foi em 2016, eu estimo. Foi um evento até com uma certa pompa, a família veio, ele tem um filho Álvaro Prata, que foi reitor na Universidade Federal de Santa Catarina, então familiares vieram, foi um dia de tarde, nos reunimos umas trinta ou quarenta pessoas, e foi feita essa cerimonia de aposição do quadro, e mais recentemente, no ano passado, no final do ano, nós fizemos a aposição do quadro do professor Hélio Ramos, esse eu conheci, foi o meu professor de patologia, e nas sala dos diretores eu vi algumas aposições também, a do professor Tavares, que não teve nenhuma cerimônia, ele chegou um dia lá e nós colocamos o quadro, eu Jundiara e ele, não teve, nada assim. Houve um registro fotográfico o do professor José Antônio Souza, que foi professor da escola nos anos 1990, esse fez uma grande festa no salão nobre, trouxe familiares, inclusive foi na época do natal, então tinha pessoas de fora do país, reuniu mais de 100 pessoas lá no salão nobre, e a aposição do quadro meu e de Lorene que a gente fez juntos sem cerimonia sem nada, só nós dois. Então na verdade de catedrático eu presenciei duas, que foi Hélio Ramos e Aloisio Prata, e de diretores eu presenciei 4, a minha, de Lorene, de Tavares e José Antônio. *[Lorene é a primeira mulher retratada em todos esses quadros?]* É a primeira mulher retratada. Eu vou ter que falar da Professora Maria Theresa de Medeiros Pacheco, que foi catedrática de medicina legal, que foi certamente a primeira mulher catedrática em medicina legal do Brasil, e segundo os membros do Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins,

Maria Theresa teria sido a primeira mulher no mundo catedrática de medicina legal. Ela não tem ainda o quadro apostado lá. [*Porque hoje depende da pessoa do homenageado buscar?*] É. De pessoa buscar ou de discípulos dele ou ex-alunos resolverem se reunir e financiar a confecção do quadro, mas Maria Theresa tanto ambicionava isso, primeiro porque ela tinha direito, segundo ela queria, que ela até escolheu o lugar na antessala do salão nobre aonde ela quer que o quadro dela fique. [*Ela já tinha registrado o espaço dela?*] Já tinha sim. Eu fui e coloquei o quadro de Hélio Ramos no lugar, eu lá sabia que aquela parede está loteada que tem dono, aí vieram me dizer: mas você colocou (o quadro) no lugar de Maria Theresa, eu disse: se é de Maria Theresa quando o quadro dela vier eu remanejo [*o quadro*] do professor para outro lugar não tem problemas.

Entrevista 2 - Sim, alguns, principalmente diretores.

Entrevista 3 - Conhecer? Eu entrei em 1970, de 1970 para cá foram dez diretores, então é muito diretor, conhecer pessoalmente assim, dirigir a palavra, José Maria Magalhães Neto, por outras razões eu tive relação com ele, Heonir Rocha, esse eu cheguei a publicar trabalhos com ele, Thomas Cruz, era uma pessoa bem próxima, assim há um diálogo, José Antônio, pela faixa de idade de conhecimento, José Antônio Souza, que foi diretor de 1995 a 1999, por aí. José Antônio Souza era um próximo mais a minha relação realmente mais pessoal, mais direta, foi com José Tavares Neto, com Manoel Barral foi curto o período, Lorene Pinto era do meu departamento e o atual diretor Fernando Adão, então conheci várias dessas pessoas. [*O senhor chegou a conhecer dos professores catedráticos?*] Muitos professores, da Congregação nenhum foi meu professor, porque já estava todo mundo morto. Eu tive aula de química com o professor, o nome dele é um pouco incomum, Benício de Oliveira, o Nelson Barros, o próprio Heonir que eu falei, basicamente esses. Tem um tempo grande ali, um período de tempo grande, dessa turma sair daquela sala e ir lá para fora, você está falando de um século e do fim do século XX. [*Tem até o pai de Castro Alves ali?*] Foi dos primeirões ali.

Entrevista 4 - Os professores e diretores Hosanah de Oliveira, Jorge Augusto Novís, Carlos Geraldo de Oliveira e Rodrigo Argolo, do tempo que cursei Medicina.

Entrevista 5 - Só conheço a professora Lorene, que foi diretora, o professor Tavares que foi diretor, e o professor Adan que é o [*diretor*] de agora. Lorene foi a primeira diretora mulher retratada em foto pintura, porque a gente tem uma outra mulher que está exposta lá, bem pequenininha, que a gente que mudar essa exposição, que é a Rita Lobato.

Entrevista 6 - Pessoalmente professora Lorene, professor Tavares e nosso atual diretor professor Adan que já está no segundo mandado, dos que estão na parede, dos outros mais antigos não me vem na memória ninguém.

Entrevista 7 - Conheço três que estão na sala da diretoria, são eles: prof. [José Tavares Carneiro Neto](#), prof^a. Lorene Louise Silva Pinto e prof. Luís Fernando Fernandes Adan.

Entrevista 8 - Não conheci.

Entrevista 9 – [*não respondeu*]

Entrevista 10 - Não, desses quadros novos tem pessoas que eu conheci, mas esses quadro antigos não, os novos tem quadro lá que tem pessoas que eu conheci como dra. Maria Regina Pacheco, o quadro dela ficava ali na academia.

Como se vê, não houve nenhuma relação de parentesco descoberta – o que não quer dizer que não existam parentes médicos dos retratados. As relações ou bem derivam de conhecimento acadêmico, ou de relacionamento profissional na própria FMB. Os diretores são sempre destacados pelas pessoas entrevistadas, muito mais que os catedráticos, o que se pode explicar pelo fato de a maioria dos catedráticos encontrar-se há muito tempo falecida. São efígies do passado, símbolos solenes a presentificar efígie em

certos espaços a presença de professores já falecidos, como a representar um vínculo solene entre o passado e o presente. Enquanto parte de uma estratégia mais ampla de disciplinamento educacional, vai ficando evidente que a eficácia da galeria de retratos enquanto dispositivo de poder deve-se mais a seu efeito de conjunto que a uma ou outra obra individualmente considerada.

Se os retratados mereceram estar lá

Antecipando a possibilidade de o mérito ser mobilizado como critério para entrada de novos retratos, a pergunta seguinte indagou aos entrevistados *se acha que as pessoas já retratadas mereceram ter seu retrato na galeria*. A pergunta é simples, mas a resposta poderia, entre outras coisas, ativar identificações, antipatias e memórias de fatos.

Entrevista 1 - Eu acho que todos mereceram, foram pessoas que tiveram uma vida dedicada ao ensino e a formação de médicos, são 212 anos que nós formamos os médicos desse estado, desses 212 anos os primeiros 150 anos só tínhamos nós, e acho que a gente fez bem o nosso papel, você nunca ouviu dizer que os médicos formados na Bahia são incompetentes ou fracos ou mal formados. É que a gente tem uma tradição sim, de uma escola com altos e baixos, com muitas intempéries, mas sempre formamos bons profissionais e se formamos bons profissionais é porque tivemos bons professores, pessoas com a vida dedica realmente a universidade ou a faculdade no tempo que ainda não estávamos agregados a UFBA. [*Historicamente Salvador é reconhecida pela primazia em medicina e pela tradição, e Recife em Direito, tem essa história?*] Tem, tem mesmo

Entrevista 2 - O merecimento foi adquirido pelas funções exercidas.

Entrevista 3 - Claro que merece pelo fato de lecionar ali. O cara morreu, então assim, se o cara foi brabo ou foi [*inaudível*], isso não me compete jogar. Ele tem porque foi um diretor, você não vai dizer que Hitler deixou de ser o líder do governo alemão porque foi um safado, um nazista, ele está na história, então as pessoas têm que estar lá porque eles estão na história. Eu acho que todos merecem estar lá, porque tem a sua razão, mesmo os que eu não conheço, tem os seus motivos, os seus merecimentos de estarem lá.

Entrevista 4 - Mereceu ter o retrato, por ter desenvolvido a função específica. Não era analisado se o desempenho foi bom ou ruim.

Entrevista 5 - Com certeza, independente dos estudos que os professores desenvolveram, eles contribuíram com a história do Brasil, do mundo, e esses professores fizeram a ciência do seu momento, então eu acho que é louvável esses quadros em memória deles, em lembrança, homenagem. Eu super concordo.

Entrevista 6 - Rapaz eu acho que sim né, principalmente a professora Lorene, é um marco ali na sala da Diretoria, a primeira mulher diretora da faculdade de medicina, é o primeiro retrato feminino na galeria ali. Todos os diretores que passaram são homens, ela é a primeira mulher, ou seja, isso só veio a ser retratado em 2019. Então imagine aí, eu penso, porque são 200 anos para ter uma foto de uma mulher como uma representante, médica da Faculdade de Medicina. A gente tem o retrato da primeira mulher que se formou Rita Lobato, mas não com destaque é que tá, como, eu não sei. O certificado dela é citada como a primeira mulher que se formou, mas a primeira mulher que teve um destaque dentro da Faculdade de Medicina, uma diretora, estar lá na galeria da Direção, daqueles

muitos quadros de homens ela é a primeira mulher de verdade numa geração de homens, ela é a primeira mulher que está lá.

Entrevista 7 - Somente posso falar do atual diretor, porque não tive oportunidade de acompanhar a atuação dos demais. O professor Adan tem desenvolvido uma gestão democrática, se empenhando para que a unidade seja, cada vez mais, uma referência de espaço para todos. A retomada do projeto de reabertura do Memorial da Medicina Brasileira, desde a sua primeira gestão, é um exemplo prático disso.

Entrevista 8 - Não conheço.

Entrevista 9 - Apesar de somente conhecer suas histórias, acredito que Rita Lobato e Maria Odília mereciam sim um reconhecimento na galeria

Entrevista 10 – *[não respondeu]*

As respostas evidenciam, mais uma vez, a falta de conhecimento das regras de um retrato na galeria, mas evidenciam também o desejo de que médicos e médicas com quem as pessoas entrevistadas têm alguma afinidade tenham seus retratos incorporados à galeria.

Nomeação dos quadros

A pergunta seguinte estabelece uma espécie de “desafio” para as pessoas entrevistadas ao inquiri-las *se sabe dizer, de memória, quem é cada um dos retratados*. Seria bastante difícil sabê-lo, mas a formulação da pergunta permite às pessoas entrevistadas resgatar da memória os nomes de tantos retratados quanto conheçam, independente de vínculo afetivo.

Entrevista 1 - Não, não sei. *[São cerca de 180? Quantos ao todo o senhor conhece daqueles 180?]* Uns 40 eu lendo o nome eu sei quem é. *[Tem vários nomes de ruas e de hospitais em Salvador?]* Se tem. Tem praça Almeida Couto, em Nazaré, o professor está lá, professor Luís Almeida Couto. Martagão Gesteira *[nome de hospital]*. É tanta gente, Jorge Valente, Manoel Vitorino, Manoel Vitorino inclusive foi vice-presidente da república, interino ou alguma coisa assim, mas foi. Manoel Vitorino ocupou um cargo na presidência. Tem muitos nomes de rua, uma famosa é a de São Paulo, perto da *[avenida]* Paulista, a Oscar Freire. É muita gente.

Entrevista 2 - Sei o nome de vários, mesmo quem não convivi. Aliás a colocação dos nomes foi uma iniciativa na nossa gestão para garantir a identificação dos mesmos.

Entrevista 3 - Ninguém vai saber isso de cabeça. Uma professora que é amiga minha, que veio do Rio de Janeiro, ela é da Escola Nacional de Saúde Pública, chegou aqui, eu estava mostrando a faculdade, ela disse “ah, eu quero ver, soube que tem um retrato do meu ancestral aqui, eu sou da família do Jonathas Abbott, ele foi um dos primeiros diretores”. Esse cara tem uma história curiosíssima. O Jonathas Abbott, ele veio como cavaliço, era o cara que cuidava dos cavalos do fundador da faculdade, o Barão de Goiana, ele era muito esperto, desde cedo começou a estudar Medicina, e se tornou diretor, o cara era tão safo que se tornou um nome, e você vê que as pessoas vão procurar os seus ancestrais lá, e dizem: “ah, esse cara foi importante”, ele *[Jonathas Abbott]* era escocês, se não me falhe a memória.

Entrevista 4 - Somente daqueles que conheci no período que cursei e depois quando integrei a carreira docente. Os que não conheci, sei pela literatura: nas Memórias, em artigos, no necrológico.

Entrevista 5 - Cada um eu não sei. O que eu posso deixar de registro, é a ausência de mulheres naqueles quadros ovais, e que deve se fazer essa retratação para com as mulheres, porque as mulheres estão naquele espaço como professoras desde o início do século XX. Teve muitas mulheres que foram professoras ali, eles sempre falam da Maria Theresa, tem outros nomes que foram professoras brilhantes, merecem essa retratação ali quanto as mulheres. Eu identifico alguns deles, são mais de 100 quadros, mas eu consigo identificar pouquíssimas histórias, por exemplo, os irmãos Melo, que é o Domingos Melo e o José Melo, ambos foram professores, sendo que um deles, salve engano é o Domingos, foi professor antes da abolição da escravatura, e o outro foi após a abolição da escravatura. Nós temos o José Alves, o pai de Castro Alves, temos o Manoel Paiva, que foi um português, que foi perseguido em Portugal, um farmacêutico, e a punição dele era vir para o Brasil ou para África, no processo final decidiu que ele iria para a África, mas acabou que ele ficou no Brasil, é uma longa história, ele foi professor de Farmácia da Faculdade de Medicina. Temos o [José Corrêa] Picanço, que é o primeiro, um dos primeiros professores, temos o Adriano Gordilho, que é o Barão de Itapuã, que foi quem financiou os estudos de Juliano Moreira. São tantos, temos Couto Maia, Jorge Valente, Aristides Maltez, todos estão na nossa memória da Bahia, em nomes de hospitais, nomes de prédios, pela importância que eles tiveram nos estudos da Infectologia, nas pesquisas deles. Tem esses nomes dos prédios, ficaríamos aqui muito tempo aqui falando desses homens. [Sobre os professores retratados, e sobre a ausência de mulheres, eram porque eles eram professores catedráticos?] Pelo pouco tempo que eu tenho ali, eu tenho pouquíssimo tempo ali, eu entrei em agosto, eu tenho um pouco mais de 1 ano e meio, percebo que as histórias têm algumas versões. Quando eu cheguei ali, essa versão me foi passada [que todos os retratados foram professores catedráticos], eu ainda não li nada sobre, consistente, lei, que diga é isso, porque a memória de Eduardo de Sá Oliveira, que traz os quadros, a galeria, a pinacoteca, fala de todos os quadros, traz uma imagem do quadro e uma breve descrição, inclusive dos diretores, não sei se de todos, mas da grande maioria, de 90%. Para descrever como é a memória: em cima vem o nome do professor com o ano de nascimento e com o ano de morte, no meio uma foto e embaixo o que ele foi na faculdade. Na página 327, dr. Carlos de Farias, o ano de nascimento, 1862, e o de morte, 1975, tem o quadro e em baixo vem escrito, lente de clínica cirúrgica, e vem uma breve descrição, uma biografia desse dr. Carlos. Abrindo em outra página, na 283, dr. Oscar Freire de Carvalho, 1882 o nascimento, 1922 a morte, o quadro de Oscar Freire, que é fantástico, o Oscar Freire também, a história dele, professor de medicina legal, não diz que é lente, não diz que é catedrático. Eu vou procurar um catedrático aqui para demonstrar como não deixa claro se ele é catedrático ou não, está dizendo que ele é lente, a maioria aqui, vem dizendo que o professor é lente, eu lembro que eu li um que era substituto. Eu ainda estou conhecendo a história desse grau de hierarquia dos professores, eu sei que tinha o opositor, tinha o lente e o catedrático. [Lente se referia a leitura, era uma tradição da Universidade de Coimbra, que o professor chegava na sala, a aula era basicamente expositiva, ele abria o livro e começava a ditar o que estava no livro para os estudantes. Era isso mesmo?] Sim, porque era a metodologia desse período. Por acaso em um dia eu tive a curiosidade para entender o que era a palavra lente, porque lá na sala dos lentes tem escrito: sala dos lentes. Eu falei: nossa essa palavra é tão diversa, vou caçar a origem dessa palavra. Por acaso eu sei que lente tem origem latim, e que quer dizer, aquela pessoa do conhecimento, o iluminado, que tem conhecimento. Por isso lente, é quem tem o conhecimento, essa metodologia que eles adotavam, que nas memórias históricas é bem interessante porque falam diversas coisas e dentre essas coisas que eles repetiam, gravava as aulas e ficavam repetindo. [Então não está consolidado na perspectiva histórica, no cruzamento de fontes, que eram só catedráticos, na verdade, existe indícios que não eram apenas catedráticos?] Achei um aqui, o Antônio Januário de Farias, ele não chegou a ser catedrático, ele foi lente e foi jubilado em 1876, ele chegou a ser diretor da Faculdade. [Eu me referi especificamente aos professores que não foram diretores, nos registros dos professores você viu as três denominações (opositor, lente e catedrático)?] Eu vi as três, por exemplo, os irmãos Melo, Domingos Alves de Melo, [página] 209, lente, substituto da 6ª seção, não foi catedrático [Pode ter acontecido dele ter chegado ao posto de catedrático posteriormente?] Não sei, está dizendo aqui que ele só foi substituto da 6ª seção, em 1893, e ele morreu em 1897. Já o irmão dele, José Alves de Melo, foi lente de Física Médica, em nenhum momento diz aqui que ele foi catedrático, a última frase que tem sobre ele é: “lente de física

em 1877, substituiu Vicente Ferreira de Magalhães e foi substituído na citada cadeira por Luís Anselmo Fonseca em 1891". Porque em outros já vem dizendo assim, catedrático. Falam todos lentes, mas quando vai ver o texto está dizendo que o professor foi catedrático, então é meio dúbio, ainda não sei confirmar essa história. A gente tem um [projeto de pesquisa e bolsas] Permanecer que se passar na universidade os projetos internos de estágios, a gente escreveu um Permanecer que é para uma pesquisa mais apurada sobre essa história. Se passar a gente vai poder responder mais essas perguntas, porque a gente vai ter um estagiário para se dedicar um pouco mais, porque o corpo técnico é muito pequeno e não dar para gente abraçar o mundo.

Entrevista 6 - Não, mas eu posso te dizer uns nomes de destaque Manoel Victorino, Jorge Valente e Maria Magalhães.

Entrevista 7 - [José Tavares Carneiro Neto](#). Professor do departamento de Medicina Interna e Apoio Diagnóstico. Foi diretor da FMB entre 2003 e 2011. Cumpriu dois mandatos [de diretor]: de 2003 a 2007, e de 2007 a 2011. Lorene Louise Silva Pinto. Professora aposentada do departamento de Medicina Preventiva e Social, o PROPAP. Até o momento, a única mulher a ser diretora da FMB. Seu mandato foi de 2011 a 2015. Luís Fernando Fernandes Adan. Professor do departamento de Pediatria. Seu mandato iniciou em 2015 a 2019 e foi reeleito em 2019 até o momento.

Entrevista 8 - Alguns casos, como dr. Arnaldo, e outros professores que deram nomes a logradouros ou hospitais.

Entrevista 9 - Rita Lobato e Maria Odília foram as primeiras mulheres a se formar, Rita branca e Maria Negra. Luiz Anselmo também homem negro, se formou mais tardiamente, porém tem uma extensa bibliografia e foi um homem muitíssimo respeitado na academia, foi diretor do hospital Couto Maia [hospital da febre amarela] e uns dos seus livros fala sobre causas e questões de higiene pública. Martagão Gesteira, grande pediatra baiano, Nina Rodrigues e seus estudos controversos sobre eugenia e Medicina Legal. Julio Moreira, sua tese foi um grande marco na área da dermatologia e também com cunho racial ideológico.

Entrevista 10 - Aristides Maltez, Lafaiete Coutinho, doutor Francisco, também tem um monte de nomes, Alfredo de Brito...

Apesar de a pergunta não referir-se explicitamente a preferências, mais uma vez são nomeados apenas aqueles com quem as pessoas entrevistadas têm alguma relação, que conheceram pessoalmente, ou que remetam a algum prédio público já batizado em sua homenagem. Algumas histórias, como a de Jonathas Abbott, permitem avaliar as razões por trás da memória, mas nenhum dos entrevistados parece saber muitos nomes. Evidencia-se, assim, que mesmo estando visíveis há quadros que ficam "invisíveis" em meio aos demais.

Crítérios de entrada de novos quadros

A pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas *o que alguém precisa fazer para ter um retrato na galeria*. Já se sabe de antemão que a galeria é formada por retratos de diretores e de catedráticos falecidos, mas eventuais discrepâncias poderão evidenciar que tipo de afetos e memórias são projetados sobre a galeria, considerada enquanto elemento visual de uma estratégia de disciplinamento.

Entrevista 1 - Precisa ter sido catedrático ou ter sido diretor da escola, são as duas possibilidades. [*Hoje só com essas duas condições para poder (ter o retrato na galeria)?*] Só com essas duas condições.

Entrevista 2 – Atualmente, ter sido professor titular ou diretor da Faculdade.

Entrevista 3 - Certamente os catedráticos tem, a maioria deles, não sei se todos estão ali, porém, não tem o retrato do José Duarte que foi professor titular, mas não catedrático, talvez por isso, porque se for colocar todos os titulares, a Faculdade aumentou muito o número de titulares, não ia haver paredes para pendurar tanto quadro. Então tem que dar atenção aos catedráticos, da antiga Faculdade. [*Esse cargo (catedrático), não existe mais?*] Teoricamente, foi substituído pelo professor titular.

Entrevista 4 - Ter desempenhado a respectiva função ou ser indicado pela Congregação por ter feito um "destaque" para a FMB, como Seabra, Teodoro Sampaio. Não sei se eles têm retratos.

Entrevista 5 - Não tem critério, mas se não for professor da faculdade de medicina não vai poder ter um retrato ali. E essa história [*sobre ser professor catedrático*], está sob análise, porque algumas vertentes falam que só podem ser catedráticos, e há essa questão dessa memória histórica de Eduardo de Sá Oliveira que vem mostrando que nem todos eles (professores) chegaram a catedrático.

Entrevista 6 - Rapaz, acho que nos catedráticos já acabou essa possibilidade, acho que é a única possibilidade de você ser retratado dessa forma com esse destaque só passando pela diretoria.

Entrevista 7 - Atualmente percebo, que somente são colocador quadros na sala da diretoria. Assim, no momento, o pré-requisito é ter atuado como diretor(a) da FMB.

Entrevista 8 - Relevância em sua área, principalmente.

Entrevista 9 - Ser mestre catedrático da instituição.

Entrevista 10 - Não, para ter um quadro ali no mínimo o cara descobriu alguma pesquisa revolucionária a cura para alguma coisa ou foi muito projeto, né? Não sei, algo assim desse tipo.

Entram em jogo aqui como em outras respostas, além do critério atualmente vigente, o mérito científico, a relevância na área de atuação e os serviços e benefícios prestados à FMB. Tal recorrência reforça, mas também resulta, da vinculação da imagem da FMB a valores como *serviço* e *excelência*, e da construção de uma memória de cunho progressista para a instituição. Verificam-se aqui mais explicitamente os efeitos do enquadramento de memórias que já vem sendo praticado na FMB tanto pelos médicos, de forma mais espontânea, quanto pelos profissionais vinculados ao MMB, de forma mais profissional e técnica.

Tempo de existência do acervo

A pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas se sabem *há quanto tempo estes retratos integram o acervo*. Se a galeria existe, entre outras coisas, também para estabelecer memórias na comunidade médica, é razoável supor que a data de início da coleção faça parte das memórias mobilizadas.

Entrevista 1 - A partir de 1860, por ai.

Entrevista 2 - não sei a data

Entrevista 3 - Sinceramente eu não sei lhe dizer a partir de quando é que isso foi feito.

Entrevista 4 - Quando entrei na Faculdade eles já existiam, em sua maioria.

Entrevista 5 - Não sei responder isso. [*Quando foi feito o primeiro quadro?*] Não tenho essa resposta de quando começou, eu sei que no século XIX, mas o ano certo eu não sei te dizer. Segunda metade do século XIX, e eram bem poucos pelo que eu vi em uma imagem.

Entrevista 6 - Eu não sei precisar, mas eu sei que tem retratos de 1880-1888, tem relatos de quadros bem antigos, mas com precisão não sei te dizer.

Entrevista 7 - Não consegui apurar a data precisa, mas presumo ter sido a partir de 1844, após a morte do Diretor da FMB, o Professor Francisco de Paula Araújo e Almeida (1799 – 1844).

Entrevista 8 – Desconheço.

Entrevista 9 – [*não respondeu*]

Entrevista 10 - Quando cheguei ali em 2001 tinha alguns que estavam sendo restaurados, outros estavam bem manchados na época porque tinha muita infiltração naquelas paredes ali, inclusive acho que teve infiltração, porque eu vi alguns quadros no chão que tiraram da parede

As entrevistas evidenciam um elemento que se apresenta com cada vez maior intensidade. Para as pessoas entrevistadas os quadros estão ali, formam uma coleção, mas pouco se sabe deles além disso. Na ausência de uma estratégia deliberada de produção de memória a este respeito, têm muito maior interferência nesse processo as preferências pessoais, as identificações, transferências e rejeições, as memórias pessoais e epifânicas. A produção de memórias e tradições na FMB, até o momento, tem sido capaz de construir grandes narrativas históricas, mas não de descer aos detalhes cotidianos desta produção.

Frequência de entrada de novas obras

A pergunta seguinte indaga as pessoas entrevistadas *há quanto tempo o retrato mais recente foi incluído no acervo*. Pela mesma razão da pergunta anterior, o conhecimento das entradas de novas obras evidencia elementos da estratégia de produção de memórias dentro da FMB, e também revela, inadvertidamente, um outro aspecto: a mobilização da comunidade da FMB em torno da entrada de novas obras na galeria.

Entrevista 1 - O mais recente foi novembro de 2019, o ultimo que foi apostado foi do professor Hélio Ramos.

Entrevista 2 - os mais recentes foram o meu e de Prof Adan em 2019.

Entrevista 3 - Eu acho que foi o de [*Luís Fernando*] Adan, Lorene [*Pinto*], mais recente, é Lorene e Adan acho que foram os dois mais recentes.

Entrevista 4 - O último que tenho conhecimento é o de Prof. Aloisio Prata.

Entrevista 5 - Foi o professor Hélio Rocha, foi esse ano ou no final do ano passado. [*Ele era catedrático?*] Sim, ele é catedrático. Esse rapaz com certeza era catedrático, tem um documento que diz que ele era catedrático.

Entrevista 6 - Na diretoria de professor Adan, que foi ano passado, junto com o de professora Lorene.

Entrevista 7 - Os últimos quadros foram colocados em 2019, na sala da diretoria. Foram os da professora Lorene Louise Silva Pinto e do professor Luís Fernando Fernandes Adan.

Entrevista 8 - Não sei dizer.

Entrevista 9 - Que me recordo foi no final do ano passado [2019].

Entrevista 10 - Eu vi uma foto nova, não sei se é pessoa nova, uma foto restaurada, eu trabalhava de dia e cheguei a ver alguns três quadros lá, mas eu não lembro o nome não.

Percebe-se nas respostas uma incerteza quanto ao retrato mais recente a ser incluído na galeria. As pessoas entrevistadas evidenciam, com isto, que não existe uma estratégia de mobilização de toda a comunidade da FMB para a entrada de novos retratos, deixando este processo ao sabor dos ritos preferidos por cada retratado e sua família, se falecido. Neste pequeno detalhe, evidencia-se também a necessidade de entender mais detalhadamente a ritualística construída em torno da galeria.

Ritualística dos retratos

O símbolo torna-se o que é ao ser-lhe atribuído algum significado. No caso dos retratos, há certa solenidade ritualizada na inserção dos quadros, e portanto das pessoas retratadas, na memória da FMB. O alcance e o impacto destes ritos e solenidades junto à comunidade da FMB permitem entender o lugar da galeria na produção da memória coletiva da entidade.

Existência de rituais ou cerimônias

Tendo em vista a existência de um ritual, indagou-se às pessoas entrevistadas *se há alguma cerimônia ou ritual para a inclusão de novo retrato, e, se houver, como ele funciona.*

Entrevista 1 - Algumas famílias querem fazer uma cerimônia, você agenda o dia, manda fazer a pintura, e aí a gente cobre com o pano e tal, e na hora agendada a gente distribui convites com os membros da comunidade, a família também convida algumas personalidades, por exemplo a de José Antônio Souza foi assim. A de Aloisio Prata também. Já outros preferem uma cerimônia íntima mesmo, só familiares, nessa última de novembro de 2019, só estavam presente a esposa do professor, um dos filhos, e ele tem 8 filhos, só tinha um presente, e eu e o professor Jorge Bastos que estava lá na diretoria comigo na hora que a professora chegou, a esposa do professor Hélio Ramos também foi professora da escola, não foi catedrática, mas foi professora da faculdade, então só tinha 4 pessoas. Não tem um roteiro, igual a gente tem o roteiro da colação de grau, não tem protocolo padrão.

Entrevista 2 - Cada professor ou família decide como quer fazer.

Entrevista 3 - Eu acho que isso é já institucional, institucionalizado colocar o retrato do diretor lá na diretoria e sempre tem uma coisa formal, um ritualzinho, alguma coisa, agora não sei como é que ele funciona, eu já participei de uns dois, o de Tavares o de Lorene, eu acho que o de Adan também, mas não sei como é institucionalmente, esse protocolo.

Entrevista 4 - Tem sim. A Congregação solicita à família [do retratado] que mande fazer a pintura, indicando as especificações e o nome de um ou dois artistas plásticos para confeccionar. Geralmente as despesas são da família, de associações ou de colegas. Para a entronização é marcada uma reunião solene

e é escolhido o orador pela Congregação. No caso do de Aloisio Prata foi no dia do concurso para professor titular de José Tavares Neto, o diretor era Luiz Fernando Fernandes Adan e o orador foi o professor aposentado Armênio Costa Guimarães. O retrato foi colocado no saguão do Salão Nobre.

Entrevista 5 - O que eu vi, que foi o último, foi o de Hélio Rocha, foi uma cerimônia simples com os familiares dele, poucas pessoas, não teve comemorações assim, aquela cerimônia simples, mas de muito respeito. O diretor falou algumas palavras e colocou o quadro na parede. Uma outra cerimônia que eu vi, foi o quadro do professor Adan na sala da direção. No caso do Hélio, foi o quadro que está no *hall* de entrada do salão nobre, e a do diretor, lá na galeria da sala da direção, que foi uma cerimônia onde tinha um pano vermelho, e o professor junto com a professora Lorene, inclusive colocou os dois quadros juntos, professor Adan e a professora Lorene, tinha um pano sobre os dois quadros, eles puxaram esses panos e fizeram algumas palavras. Eu achei interessante a fala do professor Adan porque ele falou assim, que aquele momento, porque foi a posse dele do segundo mandato, ele queria dedicar aos terceirizados que estavam sofrendo muitos ataques da faculdade, de demissão, e era uma categoria muitas vezes invisível. Eu achei muito fantástica essa fala dele e eu não esqueci, e isso já tem um tempo.

Entrevista 6 - Não sei de nada específico nessa situação, no de professora Lorene e professora Dana, teve uma pequena solenidade mas nada extremamente formal, foi até informal, onde estava ali quem seria retratado, mais perto um ou dois técnicos, alguns professores, não foi nada muito específico, teve uma solenidade, tirou os quadros estavam cobertos e foi tirado e tal, mas nada demais, bem simples, pouca.

Entrevista 7 - A cerimônia que eu presenciei em 2018 foi breve, com a presença dos homenageados e seus familiares e dos servidores. Os homenageados proferiram discursos sucintos, agradecendo pelo apoio e pela homenagem recebida.

Entrevista 8 - Não sei dizer.

Entrevista 9 - São retratados professores somente com a titulação de mestre catedrático e era realizado uma cerimônia para pôr o quadro na galeria

Entrevistado 10 - Não, nunca soube não, ali nunca vi ritual para quadro novo, só se houve e eu não estava trabalhando.

O longo hiato entre o fechamento do prédio da FMB na década de 1970 e o retorno na década de 2000 certamente terá influenciado na perda de elementos dos rituais, porque há, aqui, tanto concepções distintas ou conflitantes sobre os rituais quanto há, também, quem ignore a existência destes rituais. Tais confusões evidenciam certo relaxamento no controle deste aspecto da produção da memória da FMB.

Por que retratados usam certo tipo de roupa

Ainda perscrutando a ritualística da FMB, a pergunta seguinte indagou às pessoas entrevistadas *se sabe por que os retratados usam um certo tipo de roupa*.

Entrevista 1 - É tradição também, deve vir de Coimbra, que tem 500 anos, aquela beca é padronizada, a nossa é bem no estilo dos portugueses mesmo, aquele camisolão preto, o balalau, aquele negócio do lado (faixa), que uns usam verdes outros usam vermelho. [*O senhor sabe porque essa diferença de cores?*] O vermelho só usa quem foi diretor, e o verde é quem tem doutorado, o médico sem doutorado não usa aquilo. [*Tem alguns inclusive que foram retratados sem o verde, possivelmente ainda não tinha o doutorado?*]

Eu acho que o verde queria dizer que ele era catedrático, porque doutorado é uma forma mais recente de pós-graduação.

Entrevista 2 - Foi padronizado que a pintura seria com a beca de professor e no caso de diretores com o borléu [*borla*] vermelho que se usa quando está no cargo.

Entrevista 3 - Na sala dos lentes, tem o retrato do barão de Goiana, outro retrato lá, de um outro diretor, eu acho que Augusto Viana, todos com a mesma roupinha, essa roupinha, eu ouvir dizer, tudo que eu sei, eu ouvir dizer, esse traje é copiado da Faculdade de Medicina de Montpellier, esse ritual todo nosso é francês, se você tiver [*inaudível*], você procura saber da Faculdade de Medicina de Montpellier, se tem alguma coisa a ver com a nossa. Porque tem esses trajes, aquelas luvas brancas, cada par de luvas brancas em cima de um livro, dizem que ali aquela sala dos lentes, ao você tem a sala dos lentes, o que é lentes? Tem a música Coimbra bicho pau, “Coimbra é uma tradição de sonhos, tradição com lentes, é uma canção de amor a faculdade”. Essa música, Coimbra, que é por conta da faculdade de Coimbra que fala dos lentes, lentes vem do latim. A aula antigamente o cara pegava aquele livro, você tinha que ter um retrato do seu livro, todo paramentado, com a luva branca e com a mão em cima do livro. Ele abria o livro e ditava a aula, a aula era lida, por isso que ele era um lente. Interessante isso, essa simbologia da luva branca em cima do livro, repare que tem algumas fotos lá dos antigos reconstrutores da Faculdade, eles sempre têm um livro grosso na mão. [*Isso foi influência de Coimbra?*] Não, eu falei lente porque a música Coimbra tem a palavra lente e Coimbra, para nós no Brasil foi muito importante, porque estes 150 anos ou melhor até 1808, quando se fundou a faculdade de medicina, de 1500 até 1808, 308 anos, o Brasil não tinha uma faculdade de medicina, nesse período se formaram uns 150 profissionais médicos, geralmente em Coimbra, em Coimbra e em outra universidade europeia, porque à colônia não era permitido ter universidades. Colônias portuguesas; as colônias espanholas permitiram ter universidades, tanto que tem universidades bicentenárias, tricentenárias na América espanhola, mas na portuguesa, nem imprensa. nem faculdade a gente era permitido ter. Só quando a família real veio é que se permitiu isso. [*E aquela parte verde na beca, o senhor sabe o porquê?*] Verde esmeralda é a pedra e cor da medicina, eu não sei se escolheram isso foi porque o verde, mas é clássico historicamente, sempre o verde é associado a medicina.

Entrevista 4 - Eles são retratados com a beca de diretor ou de professor, roupa oficial das cerimônias.

Entrevista 5 - Sim, a gente também já reparou isso, tem que estudar, porque tem uns que só tem a gravatinha preta, todos vão ter aquele paninho verde, porque quer dizer que eles são professores, os diretores vão ter o paninho vermelho. [*A pessoa da Entrevista 1 acrescentou que esses que tem a parte verde não basta ser professor, tem que ter o doutorado em Medicina.*] Interessante, porque ali na galeria, tem uns que tem o paninho e tem outros que não tem o paninho, é isso. E outra coisa, se tem quem diga que só quem pode usar aquilo é quem tem o doutorado, e nesses quadros a gente ver que uns tem esse pano verde e outros não, isso quer dizer que aquele que não tem o pano verde não chegou a catedrático. Por exemplo, cheguei aqui em uma página [*da Memória de Sá Oliveira*], 167, Francisco Marcelino Gesteira (1796-1875), ele não tem o pano verde, e está aqui, lente jubilado de 1855. Um do pano verde, [*na página*] 261, doutor Francisco Braúlio Pereira (1858-1917), ele foi lente, catedrático da segunda cadeira de Clínica Médica, professor aposentado em 1914. Mais um para confirmar: Antônio José Osório, sem pano verde, (1816-1868), lente substituído por concurso da sessão de Ciências Médicas em 1846, lente de Farmácia, reforma das faculdades em 1855 a 1868, bibliotecário da faculdade. [*Esse livro é da Bibliotheca Gonçalo Moniz?*] Sim. [*O professor catedrático, obviamente teria que ter o doutorado, mas o doutorado em si garantiria o cargo de catedrático, ou ele poderia ser lente doutor?*] Isso teria que ser pesquisado nas legislações de educação, hoje na federal (Universidade Federal) tem cinco categorias: substituto, assistente, auxiliar, adjunto ou associado e titular, então, para progressão vai ter que contar tempo de serviço e qualificação. Você só chega a titular, que é o último, se você tiver tantos anos de serviço, você tem que ter doutorado, tem que ter progredido e ter mais 10 anos para sair de associado para titular.

Entrevista 6 - Eu não sei a diferença das cores, se não me falha a memória o que tem a lapela vermelha é porque foi diretor de alguma forma, mas eu também não tenho certeza se você reparar, tanto a vermelha quanto a verde, se você for olhar as fotos da sala dos diretores todos tem essa imagem vermelha ou verde, os catedráticos não, nem todos tem, um ou outro que se utiliza, com certeza é formalidade da época à época e o professor estava muito formal, e professor de medicina fazer qualquer evento mais formal, havia uma formalidade da época para formatura por exemplo você ver que vai todo mundo e pega a formalidade da área acadêmica de medicina.

Entrevista 7 - Esta questão ainda iremos realizar pesquisas para tentarmos descobrir. Pretendemos implantar um projeto de pesquisa ampliada sobre os quadros.

Entrevista 8 - Pela tradição, cargo, função, hierarquia.

Entrevista 9 - Traje formal, a manta (cor) é relacionada a área da medicina, a depender do período histórico os médicos usam luvas nas mãos.

Entrevistado 10 - É uma roupa específica né, para época, tipo uma bata, tem um nome específico eu esqueci agora. [Você acha que era mais por causa da época ou por causa do cargo de professor?] Eu acho por causa do cargo, né, alguma coisa mais representativa assim pra pessoa só para diferenciar ele dos alunos, né, quem era aluno que era professor. [Agora não sei se chegou a reparar em alguns, na parte do ombro o pano é verde e outros que é vermelho, você saberia porquê?] Tem uma diferença mesmo, tipo uma faixa, eu já vi, mas nunca pesquisei qual é a diferença, talvez possa ser que um tem um cargo maior que o outro.

Nota-se nestas entrevistas como mesmo o significado das palavras que sinalizam cargos na hierarquia docente perderam-se. *Lente*, por exemplo, é palavra com significado registrado pelo dicionário Houaiss como “que ou aquele que lê; leitor”, ou também “professor de nível secundário e esp. o de nível superior”, com origem nas palavras latinas *legens* e *legentis* (2001c). Perdeu-se também o significado da *borla*, que segundo o dicionário Houaiss, é “objeto felpudo, de fios macios, us. para empoar o rosto; pompom, arminho”; por metonímia, a palavra também designa o “barrete dos doutores e magistrados, por ser adornado com borla” e, por extensão, o próprio “grau de doutor” (2001a), como na expressão “doutor de borla e capelo”. Já se viu, no capítulo anterior, que tanto o capelo ornado com borla quanto a cor verde desta última foram implementados pelo Estatuto de 1854 e pelo Regulamento de 1856, mas as curiosas vestimentas do cerimonial universitário, as *vestes talaras*, têm história mais longa, já vista acima.

O uso de vestes talaras ao posar para os retratos, além de atenderem à liturgia dos cargos ocupados pelas pessoas retratadas, tem ainda outro efeito: *uniformiza as representações*. É como se, ao irmanarem-se na comunhão dos retratados, a diferenciação e a individuação entre os representados fosse desestimulada. Os símbolos de poder igualam-se, nivelam-se, apresentando à posteridade retratados desierarquizados.

A disposição dos retratos no espaço da FMB

Ao organizar a disposição espacial de um conjunto de obras, não há critério único, quando o há. Na medida em que estratégias mais conscientes de disposição espacial dos quadros são adotadas, mais facilmente se pode perceber que sua disposição obedece a estratégias de visibilização adequadas a certos propósitos, e não a outros. Quadros mais altos, por exemplo, afastados da linha dos olhos, tornam-se menos visíveis, assim como quadros muito baixos. A linha dos olhos é, por assim dizer, uma “altura nobre” para os

quadros. Mas terá existido algum cuidado a este respeito na organização espacial da coleção de quadros da FMB? Tendo em vista a importância da disposição espacial dos retratos na construção de um regime de visibilidade, as perguntas a seguir indagam a respeito do posicionamento das obras no espaço.

Por que os retratos estão onde estão

Na pergunta a seguir foi perguntado às pessoas *por que os retratos estão na sala/aposento onde estão*. A pergunta procura estabelecer, de forma muito genérica e aberta, vínculos entre tipos de retrato e lugar.

Entrevista 1 - Eu não sei lhe dizer. Eu sei lhe dizer que nem sempre estiveram ali, porque a gente tem fotos antigas da congregação onde não tem inclusive quadros pendurados, não sei lhe dizer se era pela questão de serem muitos quadros.

Entrevista 2 - A galeria de diretores no atual espaço da diretoria conforme acordado na congregação. Os demais foram organizados na sala da congregação há muito tempo e assim mantidos.

Entrevista 3 - Eu não sei porque que botaram. Parece lógico que estejam no lugar aonde se davam as reuniões formais e oficiais da faculdade, porque antigamente você sendo catedrático, você tinha assento na Congregação, e a Congregação era o um grande órgão político, para não dizer o único, da Faculdade. Então quem geria era a Secretaria, porque fazia a administração e, politicamente, a congregação. Então o cargo de catedrático era muito forte, então eles se reuniam ali. Por isso, parece óbvio ter o retrato daquelas pessoas que ali se reuniam. Agora a sala do lado continuou porque transbordou de catedráticos. Se for parando lá pelo lado de lá e também na Sala dos Diretores, os quadros dos diretores estão no lugar onde eles merecem estar, que é na diretoria.

Entrevista 4 - A presença dos retratos nomeia as salas.

Entrevista 5 - Eu vou te falar por imagens e pelo o que eu percebi nessas pesquisas que eu venho fazendo. O da sala do Diretor, óbvio, uma galeria dos diretores. Os da Sala da Congregação, eu vi uma foto já no século XX, no final do XX, que eram todos naquela sala da Congregação, e soube que Clara astutamente dividiu a disposição desses quadros entre a Congregação e o *hall* da entrada como uma ampliação dessa sala, porque são muitos quadros e tinha quadros muito embaixo, quase no chão, e lá em cima no teto. Eu acredito que por uma questão de preservação. Confirmaram para mim que com certeza foi Clara, porque quando eu vi a foto eu perguntei: “oh, sempre não foi assim?”, depois eu percebi que no Salão Nobre, isso antes do incêndio de 1905, tem uma foto que mostra que esses quadros, que na época eram menos de 10, ficavam no Salão Nobre. Então esses quadros catedráticos já foi lá no Salão Nobre, e depois ele passou para a Sala dos Catedráticos [*Congregação*], que a gente chama de “sala catedrático”, e Clara dividiu entre esses dois ambientes. Eu acho perfeito. Para mim, aquela disposição está entre professores do século XIX e parte do XX, que é a parte da Congregação, e professores do século XX no *hall* de entrada.

Entrevista 6 - A Diretoria já falei, na Sala da Diretoria estão destacados na parede os professores que passaram como Diretor naquela sala. Não só naquela sala, né, na Faculdade de Medicina. Na Congregação, pela importância da Sala da Congregação, que era o local onde eles se reuniam para todas as grandes decisões, né, eram feitas ali, e como eles eram pessoas que faziam parte daquele contexto da Congregação, acho que a Sala da Congregação tem essa ideia de colocar os catedráticos ali, e a Sala dos Secretários tem alguns secretários que teve destaque, que estão lá retratados de alguma forma.

Entrevista 7 - Ainda não temos informações sobre isso. Em homenagem aos professores.

Entrevista 8 - Porque é lá que se reúne a Congregação, onde tem melhor e maior espaço, onde há melhor visibilidade?

Entrevista 9 - Estão dispostos na Sala da Congregação, acredito que foram dispostos lá devido a utilização da mesma, o ambiente era ou é utilizado para reuniões da Congregação da faculdade.

Entrevista 10 - Rapaz, nunca vi dizer não, mas tipo, na Congregação talvez porque eles se reuniam muito ali na época, muito se reuniam lá, né? As melhores reuniões poderiam ser realizadas ali, os debates da época, talvez até provas, não sei. Ou os que estão na Diretoria, pode ser que tenha sido algum diretor importante na época.

As respostas evidenciam como parece haver certo “conflito de versões” sobre a disposição dos quadros, que não parece ter algum tipo de regra fixa e imutável sobre o assunto. De um lado, pessoas do corpo técnico-administrativo demonstram certo conhecimento mais pragmático acerca do lugar onde colocar os quadros, definindo inclusive sua altura e disposição levando em conta a preservação das obras. De outro, médicos e outros funcionários deduzem e intuem, sem o conhecimento das escolhas pragmáticas realizadas, que há uma espécie de vínculo de natureza funcional entre retratado e lugar: diretores na Diretoria, catedráticos no Salão da Congregação, secretários na Sala da Secretaria. Nenhuma resposta indica a existência de algum tipo de “plano de manejo” para a galeria, senão pela atuação um tanto improvisada de uma funcionária.

Por que esta sala/aposento foi escolhido para a colocação dos retratos

A pergunta seguinte indaga das pessoas entrevistadas *por que esta sala/aposento foi escolhido para a colocação dos retratos*. Espécie de reforço da pergunta anterior, que é mais aberta, aqui a intenção foi tentar descobrir de modo mais preciso as razões da escolha de cada ambiente para os quadros.

Entrevista 1 - A da Diretoria porque ali é o gabinete desde de 1905. Aquela sala que eu trabalho, era ali que Edgar Santos trabalhava também, por isso que o professor Tavares fez questão de trazer a diretoria para onde ela era originalmente, que é uma coisa que eu, por exemplo, que eu penso diferente, um pouco, dos diretores por isso. E o outro porque são tantos catedráticos que a escola teve em 212 anos, imagine, são 150 quadros mais ou menos, onde que a gente iria fazer a aposição desses quadros todos?

Entrevista 2 - Pela vinculação aos ambientes. Fotos de diretores na Diretoria e de Catedráticos e Titulares na Congregação, onde tiveram assento vitalício até o regimento anterior ao ultimo vigente (2011).

Entrevista 3 – [não respondeu]

Entrevista 4 - Penso que o planejamento é feito quando das reformas.

Entrevista 5 - É uma suposição. Antes do incêndio de 1905, na imagem que eu vi, uma fotografia, esses quadros estavam no Salão Nobre. O Salão Nobre, ele hoje tem uma pintura totalmente diferente do que foi no passado antes do incêndio, muito diferente mesmo, então eu penso que não cabia mais aqueles quadros naquela pintura – é uma suposição – e por isso foi colocado naquele ambiente onde é o ambiente de reunião. Uma coisa que também é muito interessante é pensar que aqueles espaços foram montados na década de 1980, então, assim, é a disposição de uma hipsográfica de memorial pensado na década de 80, 1982 que foi a inauguração, então o que a gente tem ali hoje é uma hipsográfica de memória pensado na década de 1980. *[Mas desde de 1982, já ocupando a Congregação e a antessala do Salão Nobre, ou apenas a Congregação?]* Clara não estava nesse projeto da década de 1980, esse projeto de 1980 e da professora Maria José Rabelo junto com outros professores da UFBA. *[E essa hipsográfica ficou restrita a sala da congregação em 1982?]* É, tem que pesquisar como eram todos aqueles espaços antes, porque como a Faculdade de Medicina era um espaço administrativo naquelas áreas, sala de aula, pelo que eu tenho entendido, eram mais aqueles corredores na área onde fica Lazaro, onde tem a reserva técnica, as congregações, aquelas salas ali que eram as salas de aula, a parte de baixo... Então o salão nobre era um lugar de formatura, e aquelas duas salas era sala de reunião mesmo, com aquele mobiliário, aquelas carteiras, me parece que era uma sala de reunião, mas se tinha os quadros ali antes da década de 1980, se estavam ali só naqueles lugares a gente não sabe porque não tem nenhum registro, me parece que sim, que estavam ali.

Entrevista 6 - Eu acredito que seja isso mais pela importância que se teve dentro de sua função, o diretor teve sua importância como diretor ele merece um destaque além e do catedrático, o catedrático ele é um professor como era dono dessa matéria ele era o responsável por ela então, tudo que aconteceu em relação a isso, tinha esse destaque, e tinha voz dentro da congregação, nada mais justo que mostrar eles ali.

Entrevista 7 - Na sala da Congregação são os professores que se destacaram em sua área de atuação e na sala da Diretoria, os diretores da FMB.

Entrevista 8 - não sei.

Entrevista 9 - *[não respondeu]*

Entrevista 10 - Talvez por oferecer mais segurança, né? Eu acho comodismo possa ser também que mais por questão de segurança, tipo, se fosse colocar em outras salas lá para baixo, não iria ter visibilidade que tem ali, por questão de arrumação aí ficaria melhor bem melhor.

Reitera-se aqui um vínculo funcional entre retratos e aposento escolhido, mas começa a aparecer nas respostas um problema: o espaço é finito, mas a coleção de retratos, ao menos no que diz respeito aos diretores, tende a continuar crescendo. Parece ter havido uma estratégia para a disposição dos quadros construída quando da fundação do Memorial da Medicina, em 1982, mas com a descontinuação dos trabalhos ela se perdeu. A interrupção da gestão do acervo entre as três fases de sua organização começa a evidenciar problemas, na medida em que a única estratégia de distribuição parece depender de um vínculo funcional entre aposento e retratado que é incerto, e que esta regra quase intuitiva é substituída, sem o devido registro e divulgação, por outras de ordem mais pragmática.

A ordem de arrumação

A pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas *se há alguma ordem na arrumação dos retratos, e como ela funciona*. Busca-se aqui descobrir se disposição espacial dos retratos, além de respeitar algum laço entre aposento e obra, terá algum tipo de ordem classificatória que permita facilitar a visualização ou a pesquisa.

Entrevista 1 - Eu até gostaria que tivesse para facilitar a busca. Realmente eu acho que isso é uma coisa que a gente deve se planejar para fazer, uma sequência até temporal, dos mais antigos para os mais recentes. [*Os quadros da diretoria são dispostos assim?*] O da diretoria é, o da diretoria é na sequência, só está faltando um quadro que é do professor Barral, pois o quadro dele veio pintado com um manto verde, e o dele tinha que ser [*pintado*] de vermelho, porque ele era diretor, mas ali estão todos na sequência certinha, a única interrupção e ele porque ele ainda não colocou o quadro, mas do lado de dentro não, a gente tira e bota conforme sai para reformar, aí coloca outro no lugar, quando volta não volta para a mesma sequência. Eu acho que era importante que a gente ordenasse, até para na hora de visitar a gente saber onde está, porque as vezes eu procuro por exemplo Nina Rodrigues, pois sempre que eu vou fazer a visita com os estudantes eu falo de Nina Rodrigues, ele nem sempre está no mesmo lugar.

Entrevista 2 - Estão em ordem cronológica.

Entrevista 3 - Na sala dos diretores, sem sombra de Dúvidas é ordem cronológica, está arrumado cronologicamente. Lá na Sala da Congregação, sinceramente eu não sei, é uma bagunça ali. Eu não consigo entender a ordem, não sei se é cronológica, não sei se é alfabética, eu não sei se é por importância, não sei. Não tenho ideia da ordem, se existe uma ordem ali.

Entrevista 4 - Sei que tem, porém não sei qual é.

Entrevista 5 - Pelo o que eu percebo, na sala dos catedráticos [*Congregação*] século XIX e parte do século XX, e no hall de entrada que é o século XX, o hall de entrada do salão nobre e lá na sala dos diretores todos os diretores. Os na sala dos catedráticos e no hall de entrada ainda não estão em ordem cronológica, os dos diretores sim, estão em ordem cronológica.

Entrevista 6 - Pelo que eu sei, não existe nenhuma ordem não se tem nenhuma ordem, cronológica, em ordem de alfabética, não tem nenhuma ordem assim específica de arrumação, não eu saiba, não tem nenhuma ordem dos quadros ali.

Entrevista 7 - Ainda não temos informações sobre isso.

Entrevista 8 - Imagino que por antiguidade, mais antigos primeiro?

Entrevista 9 - Disposição histórica (linha do tempo).

Entrevista 10 - Tipo, se tá em ordem alfabética? Isso, ou cronológica? Talvez esteja em ordem cronológica as datas, mas por ordem alfabética não reparei não.

Ainda outra vez, predomina a incerteza. Há quem intua haver uma ordem alfabética ou cronológica para a disposição dos quadros, mas nenhuma das pessoas entrevistadas sabe afirmá-lo com certeza absoluta. A cada nova pergunta, evidencia-se como predomina uma certa dose de pragmatismo na disposição espacial dos quadros; como esta atribuição recai sobre o corpo de técnicos administrativos; e como um vínculo

funcional entre retrato e aposento parece ser o que a comunidade envolvida com o MMB entende como “natural”, mesmo que tal vínculo não seja absoluto.

Por que os retratos estão na altura em que estão (meio da parede, alto da parede etc.)

A pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas *por que os retratos estão na altura em que estão (meio da parede, alto da parede etc.)*. Se as perguntas anteriores tentavam perquirir em meio à comunidade da FMB nexos entre obra e aposento, e alguma ordenação classificatória para os retratos, a pergunta a seguir tenta intuir se foi usada alguma técnica para a construção do regime de visibilidade de cada quadro em meio à parede onde se situam. Havendo alguma regra neste sentido, seria possível intuir também a existência de disputas em torno da visibilidade dos quadros de certas pessoas retratadas.

Entrevista 1 - Também não sei lhe dizer não.

Entrevista 2 - Pela pouca disponibilidade de espaço.

Entrevista 3 - Pois é, faz parte, a ordem está relacionada, não sei se tem uma ordem, se os que estão mais acima são mais velhos, os que estão no meio são mais jovens, não sei dizer. *[inaudível]* olhando porque talvez parece isso, que os que estão lá em cima são mais velhos e os de baixo são mais novos, mas nunca parei para pensar nisso, o que é forte aí da história.

Entrevista 4 – *[respondido em pergunta anterior]*

Entrevista 5 - Me parece que os que estão em frente são os mais antigos, Picanço, Estrela, Ferreira França, que são os mais antigos, estão naquele canto. Os quatro primeiros professores com certeza estão ali, que é o Estrela, e esqueci o nome dos outros. *[E os que ficam nas outras paredes com mais quadro, a meia altura e mais altos, tem alguma lógica?]* Está em uma disposição que fique seguro para que ninguém se bata, na altura da pessoa, porque antes ia até o chão mesmo e não é confortável você olhar tanto para cima, mas entre olhar para cima e você pode chutar o quadro, acho que é mais interessante ficar olhando para cima, eu acho que essa organização foi mais no sentido de preservar o quadro. *[Mas os que estão em baixo seriam os mais antigos e os que estão em cima são os mais novos ou vice-versa?]* Não estão organizados cronologicamente, quer dizer, tem uma cronologia, eu não sei se estão certinhos, se todos que estão ali juntinhos trabalharam no mesmo período, não sei responder isso ainda.

Entrevista 6 - Porque acho que começou a não ter espaço, foi subindo, crescendo lateral, e aí não tinha mais espaço. *[Você acredita que os mais antigos eram em uma altura mais baixa e depois foi subindo e invadindo as paredes lateralmente?]* Sim, porque tem professores que se destacaram muito, mas estão mais em cima, outros nem se destacaram tanto e estão em baixo, não acredito que seja cronológico.

Entrevista 7 - Presumo que os quadros foram colocados em um determinado espaço da parede, e, por falta de local adequado, foram preenchendo as lacunas que restavam.

Entrevista 8 - Não sei.

Entrevista 9 - Não há um significado específico.

Entrevista 10 - Talvez os que estão no alto foi alguém mais importante né, se tiver uma visibilidade maior na época e aí colocaram tipo acima e acho que nem todos foram fizeram as mesmas coisas

assim, de coisas importantes possa ser que um tenha sido mais importante do que o outro né, representou uma coisa melhor.

Aqui parece haver uma confluência entre a falta de espaço, que se torna cada vez mais evidente como um problema, e uma disposição consciente dos quadros que produza algum regime de visibilidade para eles. O pragmatismo pautado pela preservação das obras volta a aparecer como critério forte. E à medida em que as perguntas sobre a disposição espacial se sucedem na entrevista, mais nítida fica a falta de critérios claros e explícitos para sua organização.

Se o número de retratos na galeria é fixo

A pergunta seguinte indaga das pessoas entrevistadas *se o número de retratos na galeria é fixo, ou se o número de retratos no acervo é ilimitado, podendo aumentar ou diminuir*. Guarda relação com os ritos e formas de aceitação de um quadro para a galeria, mas envolve pela primeira vez na entrevista de forma explícita as pessoas entrevistadas com o problema do espaço necessário para a galeria.

Entrevista 1 - Diminuir eu acho difícil, a não ser que algum de nós cometesse algum crime hediondo que leve a comunidade decidir tirar [o quadro] dali. Dos catedráticos a gente vai ter um fim, porque são poucos os que foram catedráticos que ainda não tem o quadro ali. E quando terminar isso, acabou. Porque os professores titulares de hoje, nós não poderemos ter uma exposição de todos, porque todos os professores podem chegar lá. É uma trajetória normal da carreira, porque ser catedrático não é, é para uns poucos. Catedrático é o topo da pirâmide, então esse vai acabar. Eu sei, por exemplo, de Maria Theresa que sempre falam, por exemplo eu não sabia do professor Hélio Ramos, quando a esposa me ligou dizendo que queria fazer a aposição, eu tive que ir buscar [informação], ele foi catedrático em 1968, eu tinha que achar a ata dizendo que houve um curso que foi dado o título de catedrático. Isso vai acabar. Agora dos diretores, a cada quatro anos vai ter mais um ali.

Entrevista 2 - É ilimitado, todos que desejarem colocar tendo ocupado as funções (diretor e titular).

Entrevista 3 - No acervo dos diretores, não, porque continuam colocando, desde que eu me entendo como professor, eu estou vendo ali aumentar, aumentar, aumentar, a cada novo diretor. Agora na sala da Congregação, como eu disse, não tem mais espaço, só se houver trocas, tira um, bota outro. Eu não sei como é que faz isso, a quem compete fazer isso, se é o responsável pelo memorial, ou se é a administração da Faculdade, se é o prestígio político do finado catedrático, da família, não sei.

Entrevistado 4 - É ilimitado. Para o bicentenário foram acrescentados retratos que estavam faltando e como não cabiam na sala da Congregação foram dispostos no saguão do Salão Nobre.

Entrevistado 5 - É uma galeria aberta, já que há tão pouco tempo a gente recebeu o [quadro do] Hélio Rocha, ou seja, é uma galeria aberta. Diminuir acho que não, eu penso que não. Logo quando eu cheguei eu pensei: nossa, que lugar desconfortável para ficar observando esses homens, só que eu penso que são histórias, e não tem quem diga quem é o mais importante ali na história, pode vir uma perspectiva e diga que fulano, beltrano e sicrano são os mais importantes. Mas são duzentos anos de história da saúde, e pensar que é a formação do curso de Farmácia, a formação do curso de Odonto[logia], e no momento até o de Enfermagem, porque tem as parteiras, e principalmente o curso de Medicina. Não existiu um professor mais especial que o outro, uma formação acadêmica é

dada de diversos conhecimentos, então não tinha um conhecimento mais importante, eu não posso tirar um em detrimento do outro, porque não existe isso, é um balanço. O que vai acontecer é: como é um acervo aberto, a gente vai ter que pensar locais de expor esses quadros, ou uma forma de expor os que estão, e os que chegarem serem expostos, conversar com a família, todo um processo. Como o memorial está sendo discutido, a documentação interna que a gente está fazendo, então, são proposições que devem ser pensadas, são propostas que devem ser pensadas, muito discutidas, por ser muito delicadas, estamos lidando com memórias. *[Quando você fala que é um acervo aberto, hoje quem ainda pode ter o seu retrato colocado, apenas professores catedráticos que ainda não tiveram e diretores ou há uma outra possibilidade?]* É melhor a gente manter essa história do catedrático, porque senão vai ser uma chuva de quadros. *[Existe alguma norma da Faculdade?]* Não, não tem normas, estamos fazendo, é necessário. São duas coisas que é necessário serem feitas ali: as normas para esses quadros, o recebimento desses quadros, só vai receber esses quadros, só vai expor, ou paramos, só expõe até aqui, não tem mais espaço, os que vem, vai para a reserva técnica e em algum momento a gente faz exposição com esses quadros, exposições temporárias, de acordo com temáticas. E para os quadros de formandos, porque também não pode mais receber aqueles quadros e aquelas placas. *[Para placas ainda tem espaço ali no hall do elevador?]* Mas pense aí se todas as turmas, 10 anos de formado, vai virar parede de placa, ninguém quer mais.

Entrevista 6 - Eu acho que o limite de espaço, a não ser que se invada algum outro espaço para se colocar essas fotos, não acho que seja uma norma da Congregação. *[Você sabe dizer como é que faz para ter um retrato hoje?]* Eu acho que só na diretoria, eu não acredito que seja mais retratados ali, não sei se dizer se tem alguma possibilidade.

Entrevista 7 - Até o momento só vi acréscimos na colocação de outros quadros na sala da Diretoria.

Entrevista 8 – Desconheço.

Entrevista 9 - Não há como aumentar a quantidade de retratos devido à disposição do espaço.

Entrevista 10 - Se houver espaço de onde colocar eu acho viável colocar né? Mas quadros tipo como o que eu te falei essa semana. Não sei se tem a foto do médico doutor Edvaldo Brito, gostaria de ver um quadro dele lá nessa parede. *[Você podia falar um pouco mais sobre esse médico, o doutor Edvaldo Brito?]* Foi um médico que se formou na faculdade, não lembro o ano, eu só vim descobrir a pouco tempo um pouco da história dele. Ele foi para o interior de Nazaré das Farinhas a passeio e chegando lá ele conheceu um farmacêutico, que já convidou ele para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia no hospital lá, onde ele residiu mais cinquenta anos trabalhando no hospital, trabalhou na parte do INPS também. Eu tenho um tio que trabalhou no INPS como vigilante, né? Eles falaram que esse doutor, com ele o plantão não era mangueado, ele recebia na sala três ou quatro pacientes de vez enquanto o outro médico lá só atendia um por um, as pessoas ficavam querendo “se encostar” *[trabalhar menos, fazer corpo mole]*, ficavam tudo procurando briga, gente doida, querendo bater nos vigilantes.

As respostas oscilam entre afirmar a falta de limites no número de quadros, tornando abertas as coleções da galeria, e o uso pragmático da restrição de entrada apenas aos catedráticos como forma de controle do número de quadros. Se em perguntas anteriores a falta de espaço aparecia como que sobrepondo-se ao assunto original da pergunta, aqui ela aparece com toda a força. Apesar das limitações de espaço, retorna o tema do “reconhecimento ao mérito” como critério para a entrada de novos quadros na galeria.

Identificações e rejeições

O último bloco de perguntas mobiliza diretamente afetos de identificação e rejeição, individual ou comunitária, relativamente aos quadros. Perquire-se aqui a existência de uma estratégia capaz de construir um regime de visibilidade adequado para certos quadros, em detrimento de outros, conseguiria produzir a identificação ou a rejeição ao(s) quadro(s) como efeito da disposição espacial da obra. Na falta dela, como os quadros continuam expostos e portanto visíveis, as respostas poderão evidenciar critérios individuais ou comunitários de identificação e rejeição.

Se tem algum retrato favorito na galeria, e, caso tenha, por quê

A pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas *se tem algum retrato favorito na galeria, e, caso tenha, por quê*. Tenta-se aqui localizar e mapear a existência de identificações positivas com obras do acervo, ou com o acervo inteiro.

Entrevistado 1 - O meu favorito é Alfredo Tomé de Brito. O professor foi diretor também, eu acho que ele reúne uma série de qualidades, era um pesquisador, era um estudioso, foi o cara da história que a gente já falou, a do raio-x, e ao mesmo tempo um excelente administrador, ele foi o cara que teve a frente da escola quando houve o incêndio de 1905, então ele moveu céus e terras para que o dinheiro chegasse rápido, e ele contou na naquela época com a ajuda de J. J. Seabra, que era amigo dele e era ministro do governo lá no Rio de Janeiro, e a escola foi em poucos anos reconstruída, o cara era um indivíduo que tinha essa visão, construiu o anfiteatro e tudo mais que leva o nome dele. Então eu tenho vários personagens que eu admiro, mas como eu convivo diariamente, eu olho para ele, e acho que as vezes eu pergunto: como é que esse homem iria agir em uma situação dessa? Porque você sabe que ali nem sempre é fácil, administrar uma escola com tantos anos, que tem muitas virtudes, mas tem os seus vícios também. Tem hábitos que não são exatamente saudáveis, vamos dizer, as vezes a gente precisa mesmo de uma inspiração de alguém, acho que é ele o cara.

Entrevistado 2 - Não tenho favoritos.

Entrevistado 3 - Gosto muito de pessoas ali da minha convivência, Lorene, Adan, são pessoas muito próximas, mas como retrato, não, não tenho.

Entrevistado 4 - Não tenho preferência.

Entrevistado 5 - Jonathas Abbott por eu ser da área das artes, eu tenho uma afeição muito grande por ele, pela história dele, então é um retrato que me chama atenção. Como são vários artistas no decorrer da história da arte ali, a gente pode dizer que tem 100 anos da história da arte ali, pelo menos. Eu gosto muito do retrato do pai de Castro Alves, do José Alves, gosto muito da pintura que foi feita, eu gosto muito daquela pintura. Tem um professor de Fisiologia, ele é negro, na pintura não dá para perceber, você tem que olhar os traços para perceber que ele era negro, então isso me chamou muita atenção, o nome dele é José Celestiano. Tem vários, eu gosto muito dessas pinturas que foram feitas de uns vinte anos, trinta anos para cá, que esse artista, que inclusive fez a pintura do professor Adan, eu acho que ele é um excelente pintor: Henrique Passos, eu gosto dos trabalhos dele, mas ali a gente tem o trabalho de vários artistas baianos. Os irmãos Melo, os negros, quando eu falo assim “os negros”, porque você olha para o quadro, você sabe, foram dois homens negros

retratados. O de José Celestiano, ele foi professor de Fisiologia, o que eu gosto da pintura dele, me chama atenção, o tom de pele dar ideia de pardo, mas os traços, nós que somos baianos e tem esses estudos afros, você percebe uns traços negros, então eu acho a pintura dele fantástico, e os dos irmãos Melo também, são lindos eles, aqueles quadros são maravilhosos, aqueles dois quadros são lindos, a pintura de fundo é diferente de todos os outros, é uma cor clara, destaca bem eles, são lindos esses dois quadros. [*Eles compõem aqueles ciclos abolicionistas da faculdade?*] Muitos professores ali participaram de projetos pró-abolicionismo. Tem o Ferreira França, ele fez um projeto para abolição da escravatura na Bahia, para libertar os homens negros. [*Porque podiam, alguns estados como o Ceará fez, decretar a abolição antes mesmo do império?*] Sim. Antônio Ferreira França, ele apresentou em uma das duas casas do parlamento, na câmara dos deputados, em sessão em 16 de junho de 1831, o primeiro projeto de lei para extinção da escravidão, em 1831. [*Na Bahia ou no Brasil?*] Na Bahia. Mas tem outros homens, tem muitos ali que são contra a escravidão, e tem muitos também que eram a favor, vamos deixar esse registro claro, não quero dizer que a faculdade de medicina era abolicionista completamente. [*Talvez institucionalmente não tenha sido, iria de cada professor?*] Eu li que em alguns discursos de diretores, tem um professor que foi diretor, que diz que no discurso dele de diretor, ele fala que defende homens iguais e livres, é aquela ideia de igualdade, liberdade e fraternidade, um país livre, um Brasil livre, homens iguais e que se ajudassem, em um discurso de diretor, não li ainda. São muitos homens, muitas histórias, isso os que estão nos quadros.

Entrevista 6 - Duas figuram bem engraçadas que eu, como homem negro, eu estava com alguns negros geralmente, esses são os caras que me chamou atenção. Só os negros catedráticos. Imagine em nossa sociedade, recentemente, estão libertos né, tinha muito pouco tempo, né, com toda essa questão racial até hoje ainda existe, imagine naquela lá do século XX ali como é que não era essa questão de pessoas negras ali e mesmo com uma discriminação forte. Eu acho que se eu fosse destacar alguma coisa, realmente é uma das coisas que eu sempre destaco é essa questão, e infelizmente não tem nenhuma mulher, mas uns catedráticos presentes, mas assim o que chama a atenção são alguns negros que estão lá presentes. [*Você lembra de algum nome deles agora, para relatar?*] Manoel Vitorino, né, era mulato, Nina Rodrigues, tem também os irmãos Moura esses são os que eu mais me lembro.

Entrevista 7 - Se for favorito por mim, são os dos professores e irmãos Domingos Alves de Mello (1851 – 1897) e José Alves de Mello (1847 – 1901) e de Luiz Anselmo da Fonseca (1842 – 1929), por serem representantes negros. Se não for esse o caso, não tenho conhecimento.

Entrevista 8 - Os professores negros, que eram irmãos – por ser um fato inusual.

Entrevista 9 - Luiz Anselmo da Fonseca. Devido à sua trajetória na academia.

Entrevista 10 - Rapaz, não tenho um quadro favorito assim não das fotos, eu não tenho favorito não, mas quadro, tenho um quadro favorito que eu gosto muito de olhar é o quadro que fica na sala do diretor, que retrata os anjos com a Faculdade na mão e a baía de Todos os Santos abaixo, pra mim é o quadro mais bonito que tem ali.

A mobilização dos afetos pela coleção de retratos, a julgar pelas respostas, parece seguir mais uma predileção pessoal pautada por posicionamentos políticos de cada pessoa entrevistada. Não parecem ser as identificações positivas e a mobilização de afetos de empatia ou transferência resultantes de alguma estratégia bem delineada de construção de um regime de visibilidade.

Todos os funcionários entrevistados, exceto um, indicaram acadêmicos *negros* como seus favoritos.

A predileção poderia ser creditada a um sentimento de pertença e identificação pautado pela cor da pele,

mas o único funcionário a fugir do padrão mostra um fenômeno diferente: é o único entre eles que não tem escolaridade universitária, ou não está em formação dentro da universidade como estudante. Se temos em conta a clássica divisão entre “trabalho manual” e “trabalho intelectual”, é o único entre os entrevistados a fazer um trabalho muito mais “manual” que “intelectual”. A explicação para a mobilização dos afetos entre funcionários, portanto, deve ser outra: o sentimento de pertença é característico daqueles funcionários que, além de serem negros, têm sua força de trabalho qualificada por diplomas técnicos ou universitários, ou que estão em vias de conquistar estas qualificações por meio do estudo. A projeção de afeto, portanto, é a do indivíduo negro que, ao enfrentar os obstáculos à formação e ao desenvolvimento cultural impostos pelo racismo estrutural constitutivo da sociedade brasileira, encontra no retratado um igual que, por assim dizer, “venceu na vida”.

Tal mobilização de afetos dependeu de alguma forma prévia de localização dos quadros. Mas como fazê-lo, se não há ordem nos quadros? Surge aqui a construção informal de um regime de visibilidade, na medida em que um dos destaques do projeto que atualmente preside o trabalho de reorganização do MMB é a identificação da participação de mulheres e negros tanto na comunidade médica, quanto no MMB. As pessoas que se identificaram com os acadêmicos negros e com as acadêmicas mulheres fizeram-no porque, sendo funcionários da casa, foram pautados por esta orientação. É o único regime de visibilidade conscientemente definido que se encontra em vigor na galeria, e ao menos entre os funcionários tem conseguido mobilizar afetos de forma positiva. A ampliação deste regime de visibilidade para a totalidade da coleção, junto com estratégias de diálogo com o público para evidenciá-lo, poderá ser útil no futuro.

Se tem algum retrato que te cause má impressão

Inversamente à pergunta anterior, a pergunta seguinte indaga às pessoas entrevistadas *se algum retrato causa alguma impressão negativa no entrevistado, e, se causa, por quê*. Perquirem-se aqui os afetos negativos mobilizados pelo regime de visibilidade da coleção.

Entrevista 1 – Não, não tem nenhum. Eu noto traços diferentes conforme o artista, eu vejo por exemplo que alguns são muito escuros, o fundo é muito escuro para o meu gosto, mais não que me cause alguma coisa. Eu prefiro um quadro um pouco luminoso, assim mais claro, mas acho que é coisa de época mesmo.

Entrevista 2 – Não.

Entrevista 3 - Não. Eu vejo de forma bem isenta isso daí.

Entrevista 4 - Não sei de nenhum.

Entrevista 5 - Não, eu sou uma pessoa que imagino demais, então eu vejo aqueles quadros e fico pensando: “oh, como ele era pequenininho” ou “oh, como ele era grande”. Esse Ferreira França mesmo, ele é pequenininho, na minha cabeça, ele é tão pequenininho, eu tenho a sensação que ele era um homem baixo, magrinho, franzino, posso estar enganada. Não tem nenhum quadro que me dê pavor, que eu sinta uma repulsa, não sei se por ser de artes, mas eu tento ver essa beleza no retratado. Eu reparo muito nos olhares, tem homens ali que tem os olhares vagos, na pintura retratada tem um olhar vago, mas tem outros que dar uma ideia de conforto, esse pai de Castro Alves mesmo, eu adoro ele, adoro a pintura, e fico pensando que homem incrível foi esse homem, para ter um filho daquele, eu posso estar enganada, é uma pesquisa que tem que ser feita, mas eu tenho a sensação que Castro Alves teve um berço muito legal, muito frutífero, o pai dele e a mãe, teve uma formação boa, eu penso que o pai e a mãe dele eram maravilhosos, inspirados, ele é abolicionista, o pai dele, é o meu queridinho. Eu estou tentando organizar essa galeria – reorganizar, porque ela já tem uma organização – com essa memória de Sá Oliveira. Eu não consigo só ver a fotinha, o ano, eu acabo lendo a biografia, então eu vi que muitos deles são de Maragogipe, eu já vi uns 10 de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, uma cidade ai do Recôncavo que eu não sei nem o nome, tem vários do interior, da Ilha de Itaparica eu já vi uns 4 ou 5.

Entrevista 6 - Não tem nenhum quadro que me remeta negativamente não, até mesmo porque vejo esses quadros e vejo pessoas que fizeram alguma coisa pela Faculdade, então tem um certo destaque muitos caras, muitos médicos estão ali e realmente fizeram grandes coisas, grandes descobertas, grandes projetos se destacaram nacionalmente não só na Bahia, mas destacado no Brasil e no mundo.

Entrevista 7 - Até o momento, nenhum.

Entrevista 8 – nenhum.

Entrevista 9 - Nina Rodrigues. Ainda que entenda sua contribuição científica, não acho correto alguém que defendeu estudos relacionados a eugenia ser homenageado.

Entrevista 10 - Quadro não, mas tinha um treco velho ali na portaria que colocaram, que negócio feio! Uma escultura. Na verdade eu ouvi falar que ele retratava o Esculápio, mas de uma forma bem grosseira. Ficava na portaria principal, tiraram e botaram lá em cima perto da Secretaria, na passagem do Memorial, ali em cima da escada.

Os únicos critérios de rejeição apontados dizem respeito ao estilo. E mais uma vez surge a controversa figura de Nina Rodrigues, rejeitado pela sua adoção do racionalismo “científico”. A rejeição a Nina Rodrigues faz parte do contraditório legado de sua contribuição para a FMB, e tal como se deu no caso do ocultamento da relação da FMB com o integralismo, este aspecto de sua contribuição envolve memórias que os integrantes da FMB talvez pensem melhor deixar em silêncio.

Se algum retrato já foi definitivamente retirado da galeria

A pergunta seguinte indaga *se algum retratado já teve seu retrato retirado do acervo, e, em caso positivo, por quê*. Assim como regimes de visibilidade produzem efeitos práticos sobre as pessoas ao mobilizar seus afetos, a retirada de um quadro atenderia a um regime de visibilidade e ajudaria a formá-lo. A retirada

poderia ter acontecido por várias razões: punição contra algum retratado, desejo de tornar invisível para a posteridade algum desafeto etc.

Entrevista 1 - Que eu saiba não. Nunca ouvir dizer que alguém perdeu o direito de ter o quadro ali.

Entrevista 2 – Desconheço.

Entrevista 3 - Eu não sei. Não sei se isso aconteceu.

Entrevista 4 - Não tenho conhecimento de nenhum. Porém quando o IBHMCA comemorou o sesquicentenário do nascimento de Braz Hermenegildo do Amaral, verifiquei que não havia o retrato dele na galeria da Sala da CongregaçãO. O retrato que obtive foi do Colégio da Bahia que geralmente era o mesmo, somente que a moldura é quadrada.

Entrevista 5 - Não.

Entrevista 6 - Rapaz eu não sei de nenhum quadro que tenha sido retirado em definitivo não, geralmente só para fazer um restauro, para limpeza, para poder recompor a madeira do entorno, alguma coisa assim, ou um restauro mais específico.

Entrevista 7 - Não tenho conhecimento dessa informação.

Entrevista 8 - Desconheço

Entrevista 9 – [não respondeu]

Entrevistado 10 - Que eu saiba não, acho que todos os quadros que o pessoal quando tira lá só é para restaurar ou limpar agora para retirar de vez assim eu nunca vi não.

A julgar pelas entrevistas, o tipo de “punição em efígie” simbolizada pela retirada de um quadro da galeria nunca foi aplicado, ao menos formalmente, na FMB. Prevalece portanto um certo senso de respeito aos antepassados, que é a tônica quanto à coleção.

Deve-se registrar, entretanto, que circula entre funcionários da casa uma história, que não se pode confirmar ou rejeitar liminarmente mas que de toda sorte não apareceu nas entrevistas, que envolve o *furto de um busto* por parte de um médico. Segundo a lenda circulante, este busto teria sido retirado da FMB por um desafeto, um concorrente invejoso. Se tal história realmente aconteceu não se sabe, mas caso tenha ocorrido decerto envolveu algum nível de articulação entre várias pessoas, a julgar pelo tamanho e peso das esculturas existentes no MMB.

Se algum retrato já sofreu algum tipo de "vandalismo" ou "agressão"

A pergunta seguinte indaga as pessoas entrevistadas *se algum retrato já sofreu algum tipo de "vandalismo" ou "agressão"*. Mais uma vez, tenta-se levantar memórias atinentes ao uso do retrato para atingir a pessoa retratada, como numa espécie de “punição em efígie”, desta vez como resultado de alguma

ação que tenha corrido por fora dos canais oficiais que teriam sido usados numa punição por meio da retirada de quadro, por exemplo.

Entrevista 1 - Não. Que eu saiba, não.

Entrevista 2 - Os mais antigos foram restaurados pois se encontravam nas ruínas que se tornou a sede da faculdade por algum tempo, até o restauro para os 200 anos em 2008. Vandalismo eu desconheço.

Entrevista 3 - Vandalismo eu acho que não, eu não sei. Agressão talvez verbal, se existe parentes de Antônio Carlos Magalhães nessas paredes, isso gera algumas homenagens à mãe dos dois de vez em quando, ou Roberto Santos ou Edgard, que quer que seja.

Entrevista 4 - Não tenho conhecimento

Entrevista 5 - Eu cheguei lá e esses quadros estão em um estado de conservação bom. Clara [*restauradora anterior do acervo*] fez um excelente trabalho ali de preservação do acervo. Por imagens mais antigas a gente ver que eles já passaram por diversas restaurações. A agressão que eu acredito que deve ter passado é quando teve o incêndio de 1905, então não sei onde eles estavam na correria, a área onde é a sala do diretor teve um incêndio na segunda metade do [*século*] XX, teve um outro incêndio, então na correria ali deve ter tido algum probleminha nesses quadros. [*Era mais no sentido de agressões causadas por pessoas.*] Não, não sei. As pessoas quando ver Nina Rodrigues falam: olha ele ali, miseravão, aquelas coisas de baiano, não é, aquelas coisas de baiano crítica ao que eles falam, mas os termos que usam. Por conta dos estudos raciais, é eugenia na verdade, porque o Nina Rodrigues ele seguiu uma corrente daquele período que é pelo [*Cesare*] Lombroso, um estudioso, e nesses estudos de Lombroso tinha essa hierarquia de raças e foi o caminho seguido por Nina Rodrigues. Como a medicina é um espaço de poder, e como eles eram representantes e muitos eram políticos, então influenciavam muito a sociedade, essas teorias que eles traziam ressoam na sociedade até hoje, essa ideia de hierarquia, então é uma crítica a esse trabalho do Nina. [*Mas mesmo ele não sofreu nenhum vandalismo ou agressão?*] Não, nunca vi nada. Nesse um ano e meio eu nunca vi nem um passar de lápis. [*Por coisas que você saiba da história, não apenas que você tenha visto no tempo em que você estava lá.*] Não.

Entrevista 6 - Rapaz que eu saiba não mas assim já pode ter sofrido recentemente mesmo com água, molhou ou por alguma infiltração na parede e tal tem que tirar os quatro lugar, vento também que já derrubou alguns mas por alguém específico pegar e por maldade jogar, quebrar, eu não sei de nenhum relato nesses aspectos, sei das questões naturais, vento e chuva.

Entrevista 7 - Não tenho conhecimento desse fato.

Entrevista 8 - Não sei dizer.

Entrevista 9 - Em minha presença somente agressão verbal.

Entrevista 10 - A única agressão que sofreu foi a ação do tempo que eu saiba, foi ação do tempo mesmo, do descaso, o prédio como não estava em obras ainda, com as chuvas, os quadros foram ficando mofados, mas vandalismo mesmo nunca soube não.

A “punição em efígie” aparece nas entrevistas como atos individuais restritos aos impropérios voltados à pessoa por meio de seu retrato, não parecendo haver memórias de atos mais drásticos como a destruição de um quadro. Prevalece, portanto, uma postura de respeito aos antepassados, presentes em efígie a observar, das paredes onde se encontram, o futuro da FMB.

Reflexões finais sobre as memórias e a cultura visual na FMB: ícones de cultura e poder

Neste capítulo apresento as conclusões a que cheguei no percurso desta pesquisa, e teço alguns comentários finais.

Problemas encontrados durante a pesquisa

Por força das medidas restritivas à circulação impostas pela pandemia de COVID-19, as entrevistas que se previa realizar presencialmente foram feitas por meio de aplicativos de teleconferência e depois decupadas. Da mesma forma, não foi possível entrevistar os frequentadores do MMB, pois o isolamento social impediu a frequência pública ao memorial. Todas as reflexões acerca das memórias e da cultura visual na FMB e no MMB tiveram como ponto de partida aquilo que pessoas muito envolvidas com o acervo construíram a respeito dele. Se tal situação construiu para esta pesquisa a condição singular de foco numa comunidade bem delimitada de pessoas, por outro impediu de verificar o impacto da cultura visual da FMB na memória de um público externo. Isto ficará para pesquisas posteriores.

Devo dizer, também, que o trabalho encontrou certa resistência. Não foi possível construir qualquer hipótese mais sólida sobre as razões da recusa além do fato de as entrevistas terem sido realizadas no pico da pandemia de COVID-19 que assolou o mundo inteiro, e também o Brasil, desde dezembro de 2019, que afetou a saúde, as rotinas, o trabalho e a psique de parcelas significativas da população mundial.

A pandemia impôs também um sério problema de ordem conceitual para a pesquisa, pois a pretensão inicial era focar muito mais nos quadros e em sua análise semiótica que na percepção que pessoas venham a ter sobre eles. Não obstante tal mudança de ênfase quanto ao objeto, as entrevistas, que já estavam planejadas desde o início desta pesquisa, permitiram fazer uma suave transição entre os objetivos iniciais e sua ligação com o trabalho de produção de memórias na FMB.

Resultados da pesquisa

Valores comuns da comunidade médica

Todos os elementos da pesquisa demonstram o importante papel que a memória profissional tem para a profissão médica. Na Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) esta preocupação é redobrada por força

de sua primigenia, por si só um símbolo de massa no sentido que Canetti (1995, p. 169–178) dá ao termo: é algo como um “mito fundador”, uma imagem, um “algo” às vezes mesmo indefinível ou indizível que dá razão de ser a um grupo. Depois de recebidos os diplomas, um médico competente formado pela FMB será tão bom quanto qualquer outro médico competente, e a primigenia da FMB não agrega valor algum à sua atuação profissional. No entanto, há uma sombra mal disfarçada de orgulho sempre que um médico formado pela FMB ressalta ter se formado pela “primeira”, pela “mais antiga”, pela “faculdade-mãe”... A primigenia não tem qualquer significado prático na vida destes profissionais. Tampouco o tem para a própria FMB enquanto instituição de ensino. Não é a primigenia, por exemplo, quem abre portas a financiamento de projetos, mas a excelência e qualidade dos profissionais envolvidos. A primigenia parece estar completamente deslocada, disfuncional, assignificante. Parece cumprir, entretanto, o papel de plasmadora de uma comunidade que se reconhece não porque estudaram juntos, mas porque estudaram na “primeira”, na “mais antiga”, na “faculdade-mãe”.

É ao Memorial da Medicina da Bahia (MMB), e não à FMB, que a primigenia ultrapassa seu valor estritamente simbólico e agrega valor real. Aí sim, a precedência cronológica e a antiguidade fazem sentido em seu contexto. Trata-se de uma instituição ligada à preservação da memória, ao trato da memória, a seu enquadramento; a antiguidade é a matéria de sua atuação. Seus funcionários são plenamente cômnicos do patrimônio histórico valiosíssimo que têm em mãos, e tentam mediar as muitas expectativas, projeções, transferências e afeições lançadas sobre seu acervo para construir uma memória para a profissão médica que esteja lastreada em fatos, não em impressões.

Além da primigenia, foi possível perceber em toda a pesquisa um conjunto restrito, mas semanticamente significativo, de valores básicos que se quer associar à história da FMB.

O primeiro é o *serviço*. Seja ao relacionar a FMB com a comunidade baiana, soteropolitana ou do Centro Histórico, seja ao mobilizar histórias e fatos do passado para falar da FMB, ganha enorme centralidade o serviço, o estar a serviço, o ser útil.

O segundo é a *excelência*. Mesmo quando estão em discussão períodos não cobertos pela “idade de ouro” da FMB (1860-1940) as narrativas evocam sempre a alta qualidade do ensino e da promoção da saúde pela FMB.

O terceiro é o *progressismo*. Funcionários e professores repisaram a imagem de uma FMB progressista tanto no plano político quanto no científico. Ressaltam como a instituição abrigou movimentos políticos democráticos e de igual modo promoveu tanto a descoberta científica usando técnicas de ponta quanto inovou ao trazer para o país técnicas de diagnóstico e tratamento avançadas para seu tempo.

A galeria de quadros e os valores básicos

A análise da galeria de quadros dos catedráticos falecidos e dos diretores, por sua vez, é um tanto mais elusiva. Sucessivas rupturas institucionais no trato com a memória da FMB fragilizaram a memória quanto a certos ritos e práticas da instituição, tornando difícil distinguir, sem pesquisa historiográfica intensa e constante, o que é tradição histórica e o que é tradição inventada.

Sujeitos em posições distintas projetam sobre a galeria de retratos memórias diferentes, expectativas diferentes, inscrições diferentes no tecido histórico.

Entre pares médicos, os critérios para a predileção passam ora pelas qualidades administrativas, ora pela afeição pessoal, ou por critério algum, porque não há predileção alguma entre os retratos. Ressalte-se: *entre pares*, ou seja, entre aqueles que ultrapassaram as dificuldades e percalços que fazem parte da formação do médico, e que pela sua história de família receberam todos os investimentos necessários para chegar às faculdades de Medicina. As respostas deixam transparecer que há, aí, uma espécie de sentimento de paridade, e que critérios para a predileção não passam por quaisquer qualidades científicas, históricas ou simbólicas que não a inspiração para a ação administrativa e a afeição pessoal.

Por outro lado, os funcionários da FMB e do MMB expressam sua predileção projetando sobre os quadros afetos diferentes, igualmente pautados por suas histórias de vida. Localizam acadêmicos negros, acadêmicas mulheres, pautam a excelência e o pioneirismo científico como critérios de entrada para novos retratos na galeria,

Tanto num caso quanto no outro, a galeria está lá “fazendo” outras coisas. Sua presença simboliza a presença dos “grandes” do passado, dos catedráticos e diretores, tanto uns quanto outros sendo verdadeiros pináculos de uma carreira docente. Sua presença em efígie em espaços de deliberação e de trabalho, como que espreitando do alto (ou de baixo, a depender do quadro) o labor dos presentes, liga o atual e o pretérito, e forja, mentalmente, tradições. Em seu conjunto, formam um interessante panorama da evolução da pintura baiana, na medida em que, pelo volume de obras de estilo semelhante e pela diversidade de pintores, muitos ainda sem identificação precisa, atravessaram século e meio como prática reiterada da instituição. Mesmo sem uma estratégia consciente e deliberada de organização que ultrapasse o simples pragmatismo voltado à preservação do acervo, os quadros estão lá, impõem-se, integram-se ao prédio, e juntos acostumam inconscientemente os facultativos a um ambiente solene, sobrecarregado de símbolos e representações, adestrando-os sutilmente a não estranhar os ambientes ritualizados onde se exerce o poder.

Cultura visual, cultura de poder

São estes os elementos de uma cultura visual que é também uma cultura de poder. A visualidade, no âmbito da FMB e do MMB, construiu-se ao longo dos séculos tanto para reforçar uma atmosfera solene, respeitosa e civilizada nos ambientes internos do prédio da instituição, quanto para impressionar o passante pela opulência. A FMB inscreve-se no espaço por meio de uma estética sóbria, de estilo eclético com forte inspiração neoclássica, que segue o programa estético comum à arquitetura soteropolitana da Primeira República: uma arquitetura capaz de educar para a cidadania por meio da estética, dos temas e da ambientação.

A galeria de retratos, por sua vez, expressa a existência de uma cultura plurissecular partilhada por meio de uma espécie “laica” de culto aos antepassados. Ter um retrato na galeria é honra para poucos, para os que chegaram ao topo da carreira acadêmica (os catedráticos) ou para os que exerceram funções governativas e administrativas (os diretores). Sua representação em retratos pintados a óleo, técnica artística garantidora de durabilidade plurissecular à obra, é homenagem que perdura no tempo e transcende sua época. O lugar onde estão é lugar de presença vigilante sobre os rumos da FMB, na medida em que são espaços onde se toma decisões. Viu-se inclusive numa das entrevistas como os retratos, ao evocar a memória

dos representados, trazem consigo inspiração para os presentes. Mesmo tendo a organização espacial dos retratos e os ritos de aposição de novos quadros sido ora modificados, ora perdidos por força de descontinuidades institucionais, a galeria ainda aparece aos olhos com um massivo elemento da estética interna do prédio da FMB, e é por esta razão, e não pela organização ou pelos ritos, que a galeria produz efeitos e impactos.

Vistos em conjunto, os retratos dos Catedráticos Falecidos e dos Diretores, ao integrar-se numa arquitetura solene, grandiosa e disciplinadora terminam por amoldar as imagens, as memórias e os comportamentos. Ícones de cultura e poder, a cultura visual da FMB é parte do processo de treinamento dos jovens facultativos para adequar-se aos ritos, formas e hábitos da profissão médica, com cuja memória podem encontrar-se de modo privilegiado naquele espaço.

Possibilidades abertas por esta pesquisa

Não foi objeto da presente pesquisa uma abordagem comparativa entre uma história institucional da FMB e da profissão médica no Brasil, produzida com o devido rigor historiográfico, e as elaborações presentes na cultura visual da FMB e na memória dos entrevistados. Dei maior ênfase ao segundo elemento que ao primeiro, e penso que acertadamente, porque pude identificar algumas discrepâncias e defasagens entre a cultura visual e a memória, que poderão ser aproveitados posteriormente por pesquisadores com abordagem historiográfica como uma espécie de pesquisa inicial que lhes facilite os trabalhos. Embora tenha me arriscado a apresentar em linhas muito gerais e sumárias uma história institucional da FMB, reconheço ainda outra vez, como já o havia feito no capítulo respectivo, que não houve aqui qualquer pretensão em estabelecer uma narrativa historiográfica construída com base em pesquisa documental rigorosa, mas apenas em estabelecer uma história institucional muito sumária que permitisse entender as discrepâncias e defasagens entre os fatos históricos e as memórias e a cultura visual, para entender simbolicamente estas discrepâncias e defasagens.

Além disso, como já mencionado anteriormente, não foi possível avançar nas entrevistas junto ao público por força das medidas de distanciamento e isolamento social impostas para prevenir a disseminação da COVID-19. As entrevistas foram realizadas com um universo mais restrito de respondentes, permitiram um

interessante registro da memória e da cultura visual na FMB e no MMB, mas ficou em aberto saber quais os efeitos produzidos por esta cultura visual e pelo tipo de enquadramento de memória junto a um público mais amplo, dissociado da profissão médica, que a FMB também quer influenciar. É junto a este público mais amplo que a FMB tem a possibilidade de demarcar muito fortemente, por meio de sua cultura visual e da difusão das memórias já devidamente enquadradas pelo labor do MMB, uma história da profissão médica e da própria FMB, produzindo assim o efeito de construção de imagem profissional para os médicos. O MMB é, portanto, também um instrumento institucional de inscrição simbólica da Medicina, dos médicos e da própria FMB na memória coletiva, reforçando a posição social dos profissionais e seus *status* privilegiado. Pesquisas futuras que avancem neste sentido poderão evidenciar como se dá esta inscrição, e que efeitos produz junto a um público mais amplo.

Esta pesquisa abre caminho, talvez mesmo estabelecendo um método, para analisar galerias semelhantes existentes em outras unidades da UFBA. É verdade que o MMB é único na UFBA, que não há qualquer outra instituição semelhante nesta universidade, mas tem-se notícia de galerias com retratos de professores e diretores também na Faculdade de Direito (fundada em 1891), na Faculdade de Ciências Econômicas (fund. 1905) e na Escola Politécnica (fund. 1897) da mesma universidade. Embora existam, para estas unidades da UFBA, registros de efemérides e listas de formandos (C. A. da Costa, 2005; Modesto, 1996), não tenho notícias de um trabalho profissionalizado de organização arquivística e enquadramento das memórias nestas instituições como há na FMB. Este trabalho poderá ter contribuído com uma metodologia até certo ponto exploratória e inicial, mas decerto frutífera, para quem pretenda implementar um tal trabalho nestas instituições de ensino.

Referências bibliográficas

- Almeida, M. do C. B. E. de. (1997). *A Victória na renascença bahiana: A ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República (1890-1930)* [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- Almeida, M. do C. B. E. de. (2014). *As vitrines da Civilização: A modernização urbana do Bairro Commercial da Cidade da Bahia (1890-1930)* [Doutorado em Arquitetura e Urbanismo]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- Amaral, J. Á. do. (2013). *Reumo cronológico e noticioso da Província da Bahia desde o seu descobrimento em 1500* (3º ed). Livro.com.
- American Psychological Association. (2020). *Publication manual of the American Psychological Association* (7º ed). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000165-000>
- Araújo, H. O. de. (1992). *Inventário da legislação urbanística de Salvador 1920-1966: As novas regras para o uso e o abuso do solo urbano* [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- Barral, A., & Barral-Neto, M. (2008). A Faculdade de Medicina da Bahia e a ciência médica. *Gazeta Médica da Bahia*, 78(Suplemento 1), 117–120.
- Barreto, M. R. N., & Aras, L. M. B. de. (2003). Salvador, cidade do mundo: Da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 10(1), 151–172.
- Bastide, R. (1985). *As religiões africanas no Brasil*. Pioneira.
- Bernardo, J. (1995). *Poder e dinheiro—Do poder pessoal ao Estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. Parte I -- sincronia: Estrutura económica e social do século VI ao século IX* (Vol. 1). Afrontamento. <http://archive.org/details/poder-e-dinheiro-vol-1>
- Bernardo, J. (1997). *Poder e dinheiro—Do poder pessoal ao Estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. Parte II. Diacronia. Conflitos Sociais do Século V ao Século XIV*. Afrontamento. <http://archive.org/details/poder-e-dinheiro-vol2-pronto>
- Blake, A. V. A. S. (1883). *Diccionario bibliographico brasileiro* (Vol. 1). Typographia nacional.
- Borla. (2001a). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.

- Bosi, A. (2004). O positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração. In L. Perrone-Moisés (Org.), *Do positivismo à desconstrução: Idéias francesas na América*. Edusp.
- Brighenti, A. M. (2007). Visibility: A category for the social sciences. *Current Sociology*, 55(3), 323–342. <https://doi.org/10.1177/0011392107076079>
- Brighenti, A. M. (2008). Visual, Visible, Ethnographic. *Etnografia e Pesquisa Qualitativa*.
- Brighenti, A. M. (2010a). Urban Visibilities. In *Visibility in Social Theory and Social Research*. https://doi.org/10.1057/9780230282056_6
- Brighenti, A. M. (2010b). Visibility in social theory and social research. In *Visibility in Social Theory and Social Research*. <https://doi.org/10.1057/9780230282056>
- Brighenti, A. M. (2017). The Visible: Element of the Social. *Frontiers in Sociology*, 2. <https://doi.org/10.3389/fsoc.2017.00017>
- Brighenti, A. M. (2019). Face and the City. *Body and Society*. <https://doi.org/10.1177/1357034X19865941>
- Brighenti, A. M., & Kärrholm, M. (2019). Urban walls: Political and cultural meanings of vertical structures and surfaces. In *Urban Walls: Political and Cultural Meanings of Vertical Structures and Surfaces*. <https://doi.org/10.4324/9780203730225>
- Brito, J. L. (2003). *A abolição na Bahia: 1870-1888*. EdUFBA.
- Britto, A. C. N. (2002). *A medicina baiana nas brumas do passado: Séculos XIX e XX: aspectos inéditos*. Contexto e Arte Editorial.
- Britto, A. C. N. (2007). 195 anos de ensino médico na Bahia. *Conferência recitada em 18 de fevereiro de 2003 no Anfiteatro Alfredo Britto – Faculdade de Medicina da Bahia*.
- Burke, K. (1973). *The philosophy of literary form: Studies in symbolic action*. University of California Press.
- Campos, R. (2013). A cultura visual e o olhar antropológico. *Visualidades*, 10(1), 17–37. <https://doi.org/10.5216/vis.v10i1.23083>
- Canetti, E. (1995). *Massa e poder*. Companhia das Letras.
- Cardoso, L. A. F. (1991). *Entre vilas e avenidas: Habitação proletária em Salvador na Primeira República* [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.
- Carone, E. (1970). *A República Velha: Evolução política (1889-1930)* (Vol. 3). Difusão Européia do Livro.
- Castoriadis, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade* (2ª ed.). Paz e Terra.

- Coe, R. M. (1973). *Sociología de la medicina*. Alianza Editorial.
- Colliot-Thélène, C. (2014). Modern rationalities of the political: From Foucault to Weber. *Max Weber Studies*.
<https://doi.org/10.15543/mws/2009/1-2/9>
- Coni, A. C. (1952). *A Escola Tropicalista Baiana: Paterson, Wücherer, Silva Lima*. Progresso.
- Corrêa, M. (2001). *As ilusões da liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil* (2º ed). Universidade São Francisco. <https://b-ok.lat/dl/5533729/255f7d>
- Costa, C. A. da (Org.). (2005). *Frutos da seara da Escola Politécnica: Síntese histórica e diplomados de 1901 a 2003*. P&A Gráfica e Editora.
- Costa, E. V. da. (2008). *A abolição*. EdUNESP.
- Costa, I. S. (1997). *A Bahia já deu régua e compasso: O saber médico legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940* [Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia].
https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1997._costa_iraneidson_santos._a_bahia_ja_deu_regua_e_compasso._o_saber_medico-legal_e_a_questao_racial_na_bahia_1890-1940.pdf
- Cruz Costa, J. (1956). *O positivismo na República: Notas sobre a história do positivismo no Brasil* (1º ed, Vol. 5). Companhia Editora Nacional.
- Dallabrida, N. (2008). A força da tradição: Ex-alunos do Colégio Catarinense em destaque e em rede-The force of tradition: ex-students of Colégio Catarinense in focus and in network. *Revista História da Educação*, 12(26), 141–163.
- Dallabrida, N. (2012). Os incluídos do exterior: Trajetórias sociais de ex-alunos bolsistas de um colégio de elite (1952-1961). *A história da educação em debate: estudos comparados, profissão docente, infância, família e igreja*.
- Damasio, A. R. (2017). *A estranha ordem das coisas: A vida, os sentimentos e as culturas humanas*. Companhia das Letras.
- Dantas, A. N. M. (2007). Hino da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, 77(1), 66–71.
- Duarte, Z., Coelho, T., Mazur, A. L., Freitas, V., Nascimento, C., & Almeida, J. de. (2008). Memória da Medicina Brasileira nos Primeiros Tempos: Uma Intervenção Arquivística. *Gazeta Médica da Bahia*, 75(2).
<http://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/article/viewFile/365/354>
- Dubé, P. (1994). Exponer para ver, exponer para conocer. *Museum International*, 47(1), 4–6.

- Edler, F. C. (1999). *A constituição da medicina tropical no Brasil oitocentista: Da climatologia à parasitologia médica*. Rio de Janeiro, 1999 [Tese (Doutorado em Saúde Coletiva)]. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
- Errar. (2001b). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.
- Espina, A. B. (1996). *Manual de antropología cultural*. Massangana.
- Espina Barrio, Á. B. (2016). *Máster universitario Antropología de Iberoamérica—Trabajo de fin de master (TFM)*. Universidad de Salamanca.
- Evans, N., & Levinson, S. C. (2009). The myth of language universals: Language diversity and its importance for cognitive science. In *Behavioral and Brain Sciences*. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0999094X>
- Falcão, I. G. (2007). A Faculdade de Medicina da Bahia na década de 1930. *Gazeta Médica da Bahia*, 77(1), 37–49.
- Faoro, R. (2001). *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro*. Editora Globo.
- Ferreira, L. M. R. (2009). *Integralismo na Bahia: Gênero, educação e assistência social em O Imparcial, 1933-1937*. EDUFBA.
- Flew, T. (2015). Foucault, Weber, Neoliberalism and the Politics of Governmentality. *Theory, Culture & Society*. <https://doi.org/10.1177/0263276415607605>
- Fortuna, C. M. M. (2010a). *Memórias históricas da Faculdade de Medicina da Bahia: Relativas aos anos de 1916 a 1923 e 1925 a 1941*. Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24837/5/Anexo%202.pdf>
- Fortuna, C. M. M. (2010b). *Memórias históricas da Faculdade de Medicina relativas aos anos de 1916 a 1923*. Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. <https://pdfs.semanticscholar.org/3585/d7cb72d9e98d7ccc13c29e1cfbfe70dab869.pdf>
- Fortuna, C. M. M., & Oliveira, C. B. (2017). *O acervo cultural da Faculdade de Medicina da Bahia—Primaz do Brasil*. Edição eletrônica do autor.
- Fortuna, C. M. M., & Tavares-Neto, J. (2010). Funcionários nos primeiros 100 anos (1808 a 1908) da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia*, 79(1), 52–59.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir: História da violência nas prisões*. Vozes.
- Freud, S. (1976a). *A dinâmica da transferência*. Imago.
- Freud, S. (1976b). Conferência XXVII: Transferencia. In *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Imago.

- Freud, S. (1976c). *Recordar, repetir e elaborar*. Imago.
- Freud, S. (1976d). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Imago.
- Freyre, G. (1978). *Casa grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (19^o ed). José Olympio.
- Freyre, G. (2003). *Sobrados e mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* (14^o ed). Global.
- Freyre, G. (2004). *Ordem e progresso: Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre – aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república* (6^a). Global.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. LTC.
- Gobineau, A. (1853). *Essai sur l'inégalité des races humaines*. Didot frères, Hanovre–Rumpler.
https://archive.org/details/bub_gb_kMd-BHlp-M8C
- Gordon, C. (2014). The soul of the citizen: Max weber and michel foucault on rationality and government. In *Max Weber, Rationality and Modernity*. <https://doi.org/10.4324/9781315823935-27>
- Gorender, J. (1990). *A escravidão reabilitada* (Vol. 23). Ática.
- Gosden, C. (2012). *Pré-história*. L&PM.
- Graeber, D. (2016). *Dívida: Os primeiros 5.000 anos*. Três Estrelas.
- Haeckel, E. H. P. A. (1905). *Die Lebenswunder: Gemeinverstaendliche Studien ueber biologische Philosophie – Ergaenzungsband zu dem Buche ueber die Weltraetsel*. Alfred Kröner.
<https://archive.org/details/b21717059>
- Hawkins, M. (1997). *Social Darwinism in European and American thought, 1860-1945: Nature as model and nature as threat*. Cambridge University Press.
- Hespanha, A. (1994). *As vésperas do Leviathan: Instituições e poder político: Portugal, séc. XVII*. Almedina.
- Hobsbawn, E. (2012). Introdução: A invenção das tradições. In C. C. Cavalcante (Trad.), *A Invenção das Tradições* (2^o ed, p. 8–23). Paz e Terra.
- Holanda, S. B. de. (2003). A herança colonial – sua desagregação. In C. de B. Barrero, P. M. Campos, J. Cruz Costa, P. O. Carneiro da Cunha, S. B. de Holanda, C. Oberacker, O. Pantaleão, E. S. de Paula, A. Quintas, A. C. F. Reis, J. A. S. de Souza, & D. T. Vieira, *O Brasil monárquico: O processo de emancipação* (9^o ed, Vol. 1, p. 13–47). Bertrand Brasil.

- Holanda, S. B. de. (2005). *O Brasil monárquico: Do Império à República* (9ª ed, Vol. 4). Bertrand Brasil.
- Império do Brasil. (1832). Lei de 03 de outubro de 1832, que dá nova organização às actuaes Academias Medico-cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia. *Colecção das leis do Império do Brazil de 1832, 1*, 87–94.
- Império do Brasil. (1854). Decreto nº 1.387, de 28 de abril de 1854, que dá novos estatutos às Escolas de Medicina. *Colecção das leis do Império do Brazil, 17(2)*, 195–229.
- Império do Brasil. (1856). Decreto nº 1.764, de 14 de maio de 1856, que approva o Regulamento complementar dos Estatutos das Faculdades de Medicina, a que se refere o Art. 29 do Decreto n.º 1.387 de 28 de Abril de 1854. *Colecção das leis do Império do Brazil, 19(2)*, 207–255.
- Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). (2018a). *Estatuto* [Site institucional]. Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). <http://ibhmca.org.br/estatuto>
- Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). (2018b). *Fundação* [Site institucional]. Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins (IBHMCA). <http://ibhmca.org.br/fundacao>
- Jacobina, R. R., Chaves, L., & Barros, R. (2009). A “Escola Tropicalista” e a Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia, 2*.
- Jarvis, A. N. (1996). Taking a break: Preliminary investigations into the psychology of epiphanies as discontinuous change experiences (Doctoral dissertation). *Accessed from Proquest Dissertations*.
- Jay, M. (1993). *Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth-Century French Thought*. University of California Press.
- Jiménez-Anca, J. J. (2013). Beyond power: Unbridging Foucault and Weber. In *European Journal of Social Theory*. <https://doi.org/10.1177/1368431012444919>
- Jung, C. G. (1976). *Tipos psicológicos* (3ª). Zahar.
- Kim, S. H. (2019). Max Weber. In *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 201). Metaphysics Research Lab, Stanford University.
- Koster, J. (1996). Saussure meets the brain. *Language and Cognition, 5*, 115–120.
- Leal, V. N. (2012). *Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil* (7ª ed). Companhia das Letras.
- Leite, R. C. N. (1996). *E a Bahia civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916* [Dissertação (Mestrado em História)]. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia.

- Lente. (2001c). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.
- Lima, E. de. (1979). *Velho e Novo 'Nina'*. Governo do Estado da Bahia.
- Lima, L. de A. (1980). *Roteiro de Nina Rodrigues*. Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.
- Lins, I. (1964). *História do positivismo no Brasil*. Companhia Editora Nacional.
- Machado, M. H. (1995). *Profissões de saúde: Uma abordagem sociológica*. SciELO-Editora FIOCRUZ.
- Machado, M. H. (1997). Características sociológicas da profissão médica. In M. H. Machado (Org.), *Os médicos no Brasil: Um retrato da realidade* (p. 21–50). Editora Fiocruz.
- Maestri, M. (2012). A revolução abolicionista no Brasil. *Revista (In)Visível*, 1, 40–48.
- Mata, I. M. (2007). Libertos de Treze de Maio e ex-senhores na Bahia: Conflitos no pós-abolição. *Afro-Ásia*, 35, 163–198.
- Mattoso, K. M. de Q. (1992). *Bahia, século XIX: uma província no Império* (2º ed). Nova Fronteira.
- McDonald, M. G. (2008). The Nature of Epiphanic Experience. *Journal of Humanistic Psychology*, 48(1), 89–115.
<https://doi.org/10.1177/0022167807311878>
- McDonald, S. (2011). What's in the "old boys" network? Accessing social capital in gendered and racialized networks. *Social networks*, 33(4), 317–330.
- Menezes, J. M. F. de, & Santos-Filho, J. A. dos. (2007). O pós-abolição na Bahia: Memória à construção da vida livre. In A. D. Nascimento & T. M. Hetkowski (Orgs.), *Memória e formação de professores* (p. 17–42). EdUFBA.
- Mill, J. S. (1978). *Sistema de lógica dedutiva e indutiva e outros textos*. Abril Cultural.
- Modesto, G. F. (1996). *Bacharéis, mestres e doutores em Direito* (2ª). Faculdade de Direito da UFBA.
- Moraes, R. P. de. (2012). *O direito de primogenitura no Antigo Testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-45)* [Dissertação (Mestrado em Teologia), Faculdades EST].
http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/283/1/moraes_rp_tm248.PDF
- Mota, R. M. M. C. (2018). *Acervo do Memorial da Medicina Brasileira* (p. 19). Faculdade de Medicina da Bahia.
- Munteanu, E. (1998). On the object-language/metalanguage distinction in St. Augustine's Works: De Dialectica and De Magistro. *Analele stiintifice ale Universitatii Al. I. Cuza din Iasi. Lingvistica*, 44, 57–69.
<https://doi.org/10.1075/sihols.95.12mun>

- Nascimento Jr., M. M. do. (2019). *O distrito soteropolitano de Brotas na Primeira República (1889-1930): Conflitos sociais na produção, apropriação e uso de seu espaço urbano* [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo]. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- Nina Rodrigues, R. (1935a). *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Civilização Brasileira.
- Nina Rodrigues, R. (1935b). *Os africanos no Brasil* (2^o ed, Vol. 5). Companhia Editora Nacional. <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/87>
- Nina Rodrigues, R. (1938). *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (3^o ed, Vol. 5). Companhia Editora Nacional. <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/192>
- Oliveira Cabral, T. L. de, Silva, F. C. da, & Pacheco, A. S. V. (2016). As universidades e o relacionamento com seus ex-alunos: Uma análise de portais online de egressos. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 9(3), 157–173.
- Oliveira, E. de S. (1992). *Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia*. Centro Editorial e Didático da UFBA.
- O'Neill, J. (1986). The Disciplinary Society: From Weber to Foucault. *The British Journal of Sociology*. <https://doi.org/10.2307/591050>
- Paz, C. da S. (2007). *Um monumento ao negro: Memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-Brasileiro de Recife, 1934. 2007* [Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp056850.pdf>
- Peres, F. da R. (1974). *Memória da Sé*. Macunaíma/EGBA.
- Poliakov, L. (1974). *O mito ariano: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos* (L. J. Gaio, Trad.). Perspectiva.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, 2(3), 3–15.
- Prim. (2001d). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1^o ed). Objetiva.
- Primaz. (2001e). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1^o ed). Objetiva.
- Primazia. (2001f). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1^o ed). Objetiva.

- Primigênio. (2001g). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.
- Primogênito. (2001h). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.
- Primogenitura. (2001i). In A. Houaiss, M. Villar, F. M. de M. Franco, & Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia (Orgs.), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1º ed). Objetiva.
- Puntoni, P. (2013). *O Estado do Brasil: Poder e política na Bahia colonial – 1548-1700*. Alameda.
- Queiroz, S. R. R. de. (1986). *Os radicais da República: Jacobinismo—ideologia e ação, 1893-1897*. Brasiliense.
- Queiroz, T. P. (2014). *O bom filho a casa sempre torna: Análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação*.
- Raeders, G. (1997). *O conde de Gobineau no Brasil*. Paz e Terra.
- Rebouças, D., Godofredo Filho, Calmon, P., & Azevedo, T. de. (1979). *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX*. Odebrecht S.A.
- Reineaux, M. (2011). *Cerimonial universitário*. Universidade de São Paulo.
<http://www.usp.br/eleicao2009/?q=node/10>
- Reis, J. J. (2000). De olho no canto: Trabalho de rua na Bahia na véspera da abolição. *Afro-Ásia*, 24, 199–242.
- República Federativa do Brasil. (1995). Lei nº 9.050, de 18 de maio de 1995, que converte em Memorial da Medicina Brasileira o Memorial da Medicina, instalado no prédio da antiga Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, na cidade de Salvador, Bahia. *Diário Oficial da União*.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9050.htm
- Romero, S. (1901). *Martins Penna: Ensaio critico com um estudio de Arthur Orlando sobro o auctor da “Historia da litteratura braziliera”*. Livraria Chardron de Lello & Irmão.
- Ryle, G. (2009a). The thinking of thoughts: What is “Le Penseur” doing? In *Collected essays 1929—1968: Collected papers volume 2* (p. 494–510). Routledge.
- Ryle, G. (2009b). Thinking and reflecting. In *Collected essays 1929—1968: Collected papers volume 2* (p. 479–493). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203875308>
- Saes, D. (1975). *Classe média e política na Primeira República Brasileira (1889-1930)*. Vozes.
- Saes, D. (1985). *Classe média e sistema político no Brasil* (Vol. 6). TA Queiroz.
- Sahlins, M. (1979). *Cultura e razão prática*. Zahar.

- Sampson, G. (2000). Educating Eve: The “Language Instinct” Debate. *Language*. <https://doi.org/10.2307/417140>
- Santos Filho, L. (1947). *História da medicina no Brasil: Do século XV ao século XIX*. 1.
- Sapir, E. (1929). The Status of Linguistics as a Science. *Language*, 5(4), 207. <https://doi.org/10.2307/409588>
- Saussure, F. de. (1971). *Curso de linguística geral*. Cultrix.
- Schwarcz, L. K. M. (2007). Rodrigues, Nina. O animismo fetichista dos negros baianos, Rio de Janeiro, UFRJ/Biblioteca Nacional, 2006. (Orgs: Yvonne Maggie e Peter Fry). *Revista de Antropologia*, 50(2), 881--886.
- Schwarz, R. (1973). As ideias fora do lugar. *Estudos CEBRAP*, 3, 150–161.
- Scott, J. C. (1992). *Domination and the Arts of Resistance*. Yale University Press.
- Serruya, S. J., & Albuquerque, I. O. de. (2008). Dom João VI na Bahia e a origem da desigualdade em ciência e tecnologia no Brasil. *Gazeta Médica da Bahia*, 78(Suplemento 1), 114–116.
- Silva, O. de S. (2018). Da fuga ao furto: Um estudo sobre a gatunagem em Salvador Pós-Abolição (1889-1920). *Revista Outrora*, 1(2), 146–164.
- Silva, R. T. C. (2007). *Caminhos e descaminhos da abolição: Escravos, senhores e direitos nas últimas décadas da escravidão (Bahia, 1850-1888)* [Doutorado em História]. Universidade Federal do Paraná.
- Souza e Azevêdo, E. E. de. (2007). Avanços das ciências médicas e realizações científicas na Bahia de 1945 a 1964. *Gazeta Médica da Bahia*, 77(1), 54–63.
- Spix, J. B. von, & Martius, K. F. P. von. (2016). *Através da Bahia*. Assembleia Legislativa da Bahia.
- Steiner, P. (2008). Foucault, Weber and the history of the economic subject. *European Journal of the History of Economic Thought*. <https://doi.org/10.1080/09672560802252370>
- Tavares, L. H. D. (2008). *História da Bahia* (11. ed., rev.ampliada). UNESP ; UFBA.
- Tavares-Neto, J. (2006). Juramento de Hipócrates utilizado na Faculdade de Medicina da Bahia de 1832 ao primeiro quartel do século XX, e informações atuais sobre a solenidade de diplomação dos médicos. *Gazeta Médica da Bahia*, 76(2), 45–50.
- Torres, O. (1947). *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia, 1808-1946*. Imprensa Vitória.
- Tran, D. T. (1974). A linguagem sincrética. In *Estudos sobre a origem da consciência e da linguagem* (p. 53–213). Estampa.

- Uzêda, J. A. (2006). *O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador (1935-1945)* [Mestrado em História]. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia.
- Valle, J. R. do. (1974). Subsídios para a História da “Gazeta Médica da Bahia”. *Brasiliensia Documenta*, 9, 9–14.
- Vasconcelos, P. de A. (2002). *Salvador: Transformações e permanências, 1549-1999*. Editus, Editora da UESC.
- Velloso, V. P. (2002). Escola de Cirurgia da Bahia. In *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde No Brasil (1832-1930)* (Winter 2019). Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm#estrutura>
- Velloso, V. P., Xavier, A. L., & Fonseca, M. R. F. da. (2002). Escola Anatômica, Médica e Cirúrgica do Rio de Janeiro. In *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/escirba.htm>
- Venâncio Filho, A. (1970). *Das Arcadas ao bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. Perspectiva.
- Weber, M. (2015). *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. EdUnB.
- White, L. A. (1982). *La ciencia de la cultura*. Paidós.
- Wundt, W. M. (1874). *Grundzüge der physiologischen Psychologie* (Vol. 1–3). W. Engelman. <https://archive.org/details/grundzgederphy00wund>
- Wundt, W. M. (1900). *Völkerpsychologie: Eine Untersuchung der Entwicklungsgesetze von Sprache, Mythos und Sitte* (Vol. 1–10). W. Engelmann.
- Wundt, W. M. (1913). *Grundriss der psychologie*. A. Kröner. <https://archive.org/details/b28085073>



**VNiVERSIDAD
D SALAMANCA**

FACULTAD DE CIENCIAS SOCIALES

ANEXO: CATÁLOGO DE IMAGENS

CURSO 2019 / 2020

JULIO, 2020

Figura 1

Planta de situação do antigo Colégio dos Jesuítas, onde foi instalada a FMB. Fonte: (Rebouças et al., 1979).

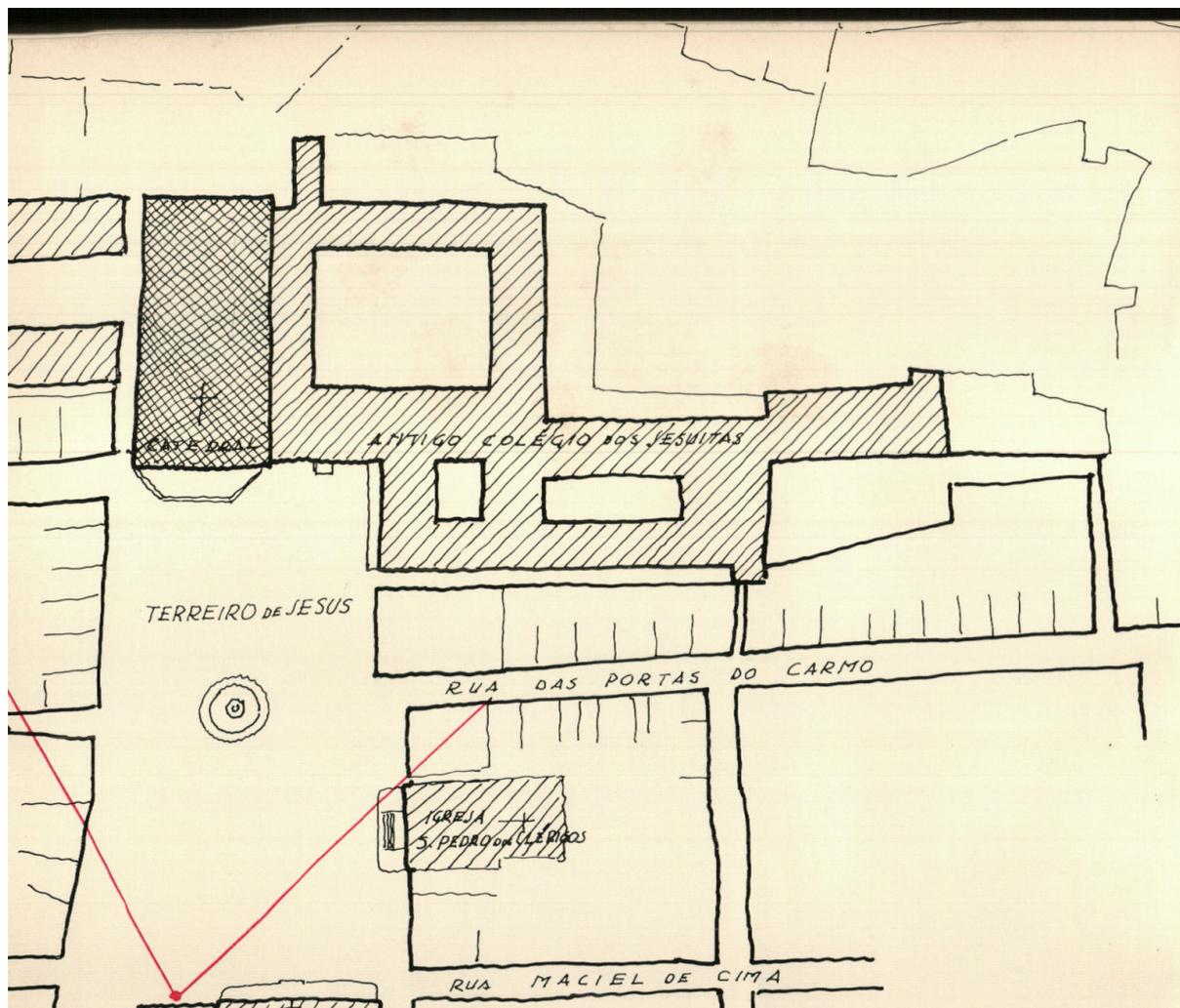


Figura 2

Reconstituição da rua do Colégio pelo arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças. Fonte: (Rebouças et al., 1979)



Figura 3

O Terreiro de Jesus numa reconstituição do arquiteto e artista plástico Diógenes Rebouças. Fonte: (Rebouças et al., 1979).



Figura 4

O Terreiro de Jesus, em fotografia de Victor Frond, de 1858. Fonte: <https://www.historia-brasil.com/bahia/imagens/colégio-jesuitas-bahia.jpg>



Figura 5

O Terreiro de Jesus em 1859 em fotografia de Benjamin Mullock. Fonte: <http://www.salvador-antiga.com/imagens/terreiro-mullock.jpg>



Figura 6: o Terreiro de Jesus em 1862 numa fotografia de Camilo Vedani. Fonte:

<http://www.salvador-antiga.com/imagens/faculdade-medicina.jpg>



Figura 7

O Terreiro de Jesus em 1902, numa fotografia de Rodolfo Lindemann. A FMB aparece à direita na configuração de sua reforma de 1895, e antes da reforma de 1903.

Fonte: <http://www.salvador-antiga.com/terreiro/imagens/lindemann.jpg>



Figura 8

O Terreiro de Jesus retratado num postal de 1908, onde o prédio da FMB aparece pouco antes do término de sua restauração.

Fonte: <http://www.salvador-antiga.com/terreiro/imagens/evento-terreiro.jpg>



Figura 9

Jardim da FMB já com o auditório Alfredo de Brito, em postal do início do século XX.

Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Vestibular/foto/0,,13338447-EX,00.jpg>



Figura 10

Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia em 1956. Fonte: Enciclopédia dos Municípios do IBGE.



Figura 11

Prédio da Faculdade de Medicina da Bahia em sua configuração atual, em foto de 2013. Fonte:

Google Images



Figura 12

Salão Nobre, escadaria de acesso. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)

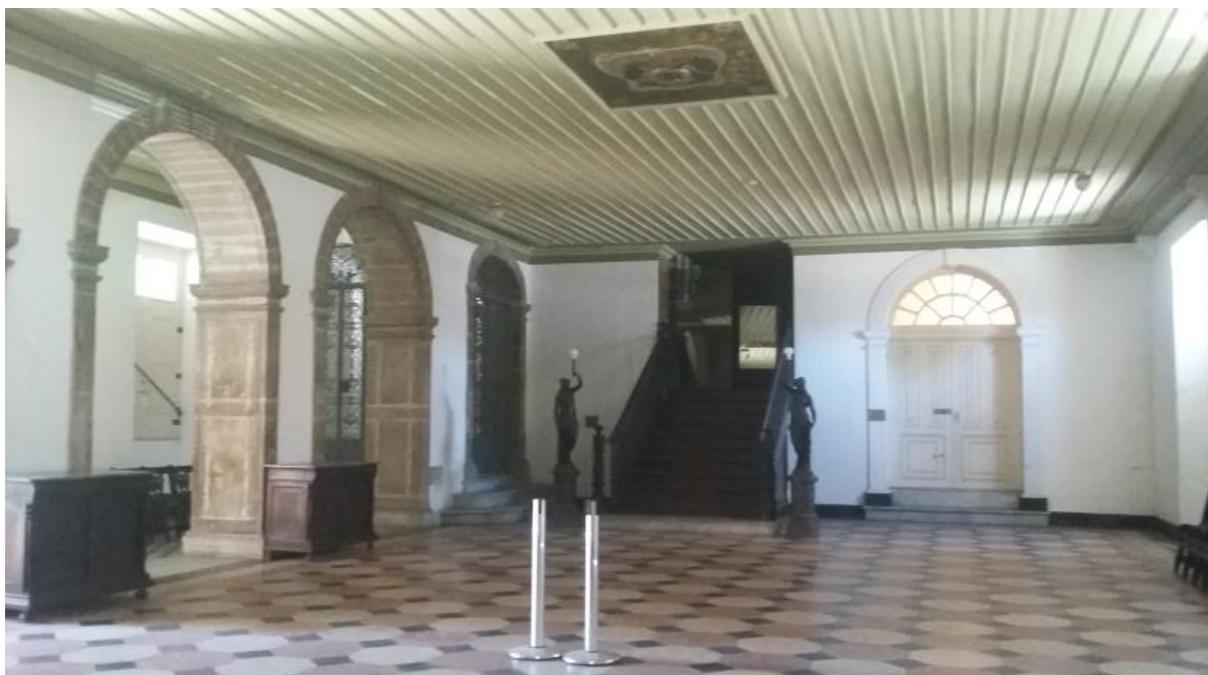


Figura 13

Salão Nobre, hall de acesso. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 14

Sala da Congregação, vista parcial. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)

**Figura 15**

Sala da Congregação, vista parcial. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 16

Retrato do professor Alfredo Tomé de Brito, de autoria de Francisco Terêncio Vieira Campos. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 17

Retrato do professor Aristides Novis, de autoria de Emídio de Magalhães. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 18

Retrato do professor Gonçalo Moniz Sodré de Aragão, de autoria de Presciliano Silva. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 19

Retrato do professor Almir de Sá Cardoso Valença, de autoria de Alberto Valença. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



Figura 20

Retrato do professor Manoel José Estrella, de autoria atribuída a Antônio Joaquim Fonte Velasco. Fonte: (Fortuna & Oliveira, 2017)



